ESSA GENTE

CHICO BUARQUE

COMPANHIA DAS LETRAS

ESSA GENTE

CHICO BUARQUE

Sumário

Rio, 30 de novembro de 2018

Meu caro,

Não pense que me esqueci das minhas obrigações, muito me aflige estar em dívida com você. Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015, e lá se vão três anos. Como deve ser do seu conhecimento, passei ultimamente por diversas atribulações: separação, mudança, seguro-fiança para o novo apartamento, despesas com advogados, prostatite aguda, o diabo. Não bastassem os perrengues pessoais, ficou difícil me dedicar a devaneios literários sem ser afetado pelos acontecimentos recentes no nosso país. Já gastei o advance que você generosamente me concedeu, e ainda me falta paz de espírito para alinhavar os escritos em que tenho trabalhado sem trégua. Sei que é impróprio incomodá-lo num momento em que a crise econômica parece não ter arrefecido conforme se esperava. Estou ciente das severas condições do mercado editorial, mas se o amigo puder me adiantar mais uma parcela dos meus royalties, tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas, a fim de o regalar com um romance que haverá de lhe dar grandes alegrias.

Um forte abraço.

7 de dezembro de 2018

Quando me separei, deixei a beira-mar e voltei a morar num topo de ladeira, quase no mesmo endereço que dividi anos atrás com a minha primeira mulher. Ela ainda mora naquele prédio de pastilhas, quatro abaixo do meu, e já deve ter me visto passar sob a sua janela. Talvez pense que ensaio uma reconciliação, embora esteja cansada de saber que sou adepto de caminhadas peripatéticas, sobretudo nos dias em que sento para escrever e me sinto amarrado, com a vista saturada de letras. Desço à rua sempre que as letras endurecem no papel, comprimidas entre si como as pequenas pedras em preto e branco do calçamento que piso. Pouco a pouco meus olhos se deixam levar por um automóvel, uma saia, uma folha, uma lagartixa, umas crianças de escola, passarinhos. Mais adiante já não vejo mais que cores, arestas, vultos, halos, e ideias soltas me vêm à cabeça, esta boa, esta má, e toca a subir e descer a ladeira debaixo de sol ou chuva, pensando alto, discutindo comigo mesmo, com aquele esgar, aqueles tiques e gestos falhos de que fala o poeta, aquelas caretas que fazem os porteiros abanar a cabeça: aê, o esquisitão voltou.

13 de dezembro de 2016

Para começar do começo, o neguinho jura que se lembra da mãe cantando um ponto assim que ele veio ao mundo. Antes de poder enxergá-la já a ouvia, pois a audição, como o olfato, é anterior à visão; na verdade, com os sentidos ainda imprecisos, recém-nascido ele confundia a voz da mãe com o cheiro do leite. Mais tarde ela largou a macumba e passou a cantar na igreja, época em que foi ser cozinheira na casa do maestro italiano e o levava junto. A mulher do maestro, uma galega muito católica, se afeiçoou ao garoto, mas ralhava com a mãe quando ela cantava seus hinos distraída na cozinha. Um dia, de birra, ele começou a cantar por ela. Logo despertou o interesse do maestro, que o iniciou na ópera, nas partituras, no solfejo, até ele alcançar o sublime nas árias de Mozart. Aquela voz angelical…

15 de dezembro de 2016

A mãe mudou de emprego e proibiu o neguinho de ver o maestro. Para prendê-lo em casa, meteu-lhe medo dos porcos, contava histórias escabrosas que ouvira do pastor. Ele cresceu acreditando que aqueles porcos enormes, que andavam à solta por ali, comiam os bagos dos meninos no morro do Vidigal. Quando um dia acordou na casa do pastor com os curativos no lugar do saco, não teve dúvida, foi o porco. Adulto, virou obeso como um porco, mas conserva aquela voz angelical.

9 de dezembro de 2018

Descendo a ladeira emparelhei com um passeador de cães que me parece novo no bairro. É um mulato franzino que conduz e é conduzido por uma dezena de cães, entre os quais o labrador de dona Maria Clara. Dona Maria Clara tinha ido ao médico com o filho e não havia ninguém em casa para receber o animal. O porteiro se recusava a ficar com ele, que era capaz de sujar a portaria, apesar de o passeador lhe mostrar o saquinho plástico cheio de cocô. Anoiteceu quando subo a ladeira de volta e vejo o rapazola sentado no meio-fio com o labrador, já tendo certamente devolvido os outros cães. Chego em casa, escrevo estas parcas linhas, abro um vinho, esquento um suflê e vejo futebol na televisão. Vou me deitar para lá de meia-noite, tenho sono, mas não consigo dormir. De pijama pego o carro na garagem, desço a ladeira de ré, encontro o passeador sentado com o cão no mesmo lugar e os faço subir no banco traseiro. No apartamento, depois de me farejar entre as pernas, o cão se esparrama no chão da cozinha e rejeita a ração de gato que lhe ofereço. Ao passeador ofereço uma Coca-Cola e um resto de suflê frio que ele aceita com gosto. Fica todo agradecido por poder ver televisão e dormir no sofá da sala. Depois pergunta se tem que comer meu cu.

Rio, 23 de setembro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Foi com extrema satisfação que recebi do seu publisher a notícia de que sua equipe está interessada em ler a tradução antes do lançamento do seu livro em língua portuguesa. Ademais, foi-me comunicado que o senhor pessoalmente passaria os olhos no meu trabalho, visto que é fluente no idioma espanhol e não é de todo estranho ao macio linguajar brasileiro, sendo um fã da Bossa Nova. Muito honrada, encaminho-lhe minha última versão para seus comentários. Advirto-lhe que tomei a liberdade de alterar alguns sinais de pontuação, como os dois-pontos que abundam no original e que muitas vezes podem ser substituídos por pontos e vírgulas, a meu ver bem mais distintos. Suprimi também alguns pontos de exclamação que, francamente, julgo redundantes.

Permita-me acrescentar que anseio conhecê-lo pessoalmente por ocasião de sua anunciada vinda ao Brasil. Com imensa e antiga admiração,

Sua,

Maria Clara Duarte

Rio, 9 de outubro de 2017

Estimado Sr. Balthasar,

Jamais imaginei enervá-lo, e realmente não é minha função apontar incongruências em um livro já publicado com tanto sucesso em seu país. Mas no caso da página 297, quando o senhor diz que os dedos do pianista mantêm o acorde perfeito, o leitor poderia entender que o piano não cessa de soar, o que é desmentido na mesma frase. Só por isso insisti em sugerir que os dedos mantivessem a posição, ou, se preferir, a formação do acorde, enquanto o pianista e a mulher faminta trocam olhares no *silêncio* da sala. É duro me empenhar além do estritamente profissional para ter como resposta a recomendação de me ater ao texto. Mas seja como o senhor quiser, o autor é sempre soberano. Ganharei mais tempo para minha árdua vida familiar e não o incomodarei com novas cartas que na verdade talvez nem lhe cheguem às mãos, pois suspeito estar a me corresponder com a sua secretária. Deixemos, portanto, o pianista com seu acorde perfeito a *soar* no *silêncio* da sala. Já nem discuto esse seu *faminta*, embora me pareça infinitamente mais adequado um *voluptuosa* para aquela mulher praticamente deitada no tampo do piano. Conservarei também o *praticamente*, onde eu havia proposto um *quase*, a fim de evitar a repetição de advérbios com o sufixo *mente*. Aqui é uma questão de elegância, e não do furor semântico que o senhor ou a secretária cubana me atribuem.

Atenciosamente,

Maria Clara Duarte

Rio, 27 de outubro de 2017

Senhor,

Esta é a última "impertinent letter" que lhe dirijo. Saiba que cogito simplesmente não assinar a tradução do seu extenso romance, ou fazê-lo sob pseudônimo. Só não tomei a decisão definitiva por receio de que meu editor me reduza os honorários ao valor de piso da casa, o que deve perfazer cerca de dez dólares por lauda, ou seja, uns oitenta dólares por dia, o que seria justo para o serviço de uma datilógrafa diligente. O senhor nada tem a ver com isto, mas não é da literatura que tiro meu sustento; vivo de traduções simultâneas em congressos e seminários. A literatura, para mim, deveria ser unicamente fonte de deleite, pois às suas custas eu não teria como suprir sozinha as necessidades do meu filho, que, como não é segredo, tem um pai ausente e carece de cuidados especiais.

Estou certa de que o seu romance, apesar de tudo, terá grande êxito comercial no meu país.

Cordialmente me despeço,

M. C. D.

21 de setembro de 2018

Minha mulher largou os pincéis, se antecipou à empregada e foi em pessoa abrir a porta. Dois grandalhões fizeram uma manobra no hall para entrar na sala com um pacote comprido, embrulhado em plástico-bolha. Aonde quer que deixa?, um perguntou. Aqui na janela, ó, de pé, de frente para o mar, ela disse, e começou a tatear o embrulho, provavelmente para se certificar onde era a frente do objeto, que só podia ser uma escultura. Em seguida dispensou os carregadores e se dedicou a estalar as bolhas, descobrindo por baixo do plástico um papelão pardo envolto em fita-crepe que demandou uma tesoura de cozinha. Aos poucos foi aparecendo um objeto dourado do meu tamanho, quem sabe um totem, não, um homem. Ela foi lá dentro e voltou correndo para pendurar uma faixa verde-amarela no torso daquela estátua de ouro, talvez com a intenção de realçar o efeito kitsch. Achei somente de mau gosto, mas não disse nada, a gente já não se falava. Com a estátua ela teria mais assunto.

3 de janeiro de 2019

O contador ligou para me comunicar que meu saldo bancário está no vermelho. E agora? E agora, pergunto eu. São nove da manhã, faz calor, os gerânios na janela estão esturricados. Tem pão de fôrma na geladeira, manteiga, duas fatias de presunto, e aprendi a fazer café na cafeteira elétrica. A diarista tinha jeito para regar os gerânios, mas comigo a vizinha de baixo sempre reclama dos respingos. O jornal está no hall de entrada e a primeira página é falsa, é uma imitação de primeira página em que todas as notícias são anúncios publicitários. Eu ficava puto quando o gato unhava o jornal e mijava em cima, agora tenho saudade dele. Há quem diga que os angorás são suicidas, já a diarista garante que ele saltou atrás de um beija-flor. Ela me apontou o gato estraçalhado no playground do prédio, mas eu não quis descer, ela que o enterrasse no canteiro ali mesmo. A diarista chegava cedo em casa, tomava café e tinha a mania abominável de folhear o jornal antes de mim. Depois tentava disfarçar, mas eu percebia as dobras irregulares, feito vinco de calça mal passada. Também percebia o travo do café requentado, e saudade da diarista é o que não tenho mesmo.

15 de janeiro de 2019

Em vez de rumar para o Sul, depois de tirar um fino do Pão de Açúcar, o avião sobrevoa o Rio de Janeiro em baixa velocidade. Diverte-me a ideia de que o piloto, como eu, não tenha vontade de deixar o Rio nem pressa de chegar a São Paulo. Ou senão resolveu promover um giro panorâmico sobre a cidade, a fim de exibir aos passageiros as nossas praias, a floresta da Tijuca, o Cristo Redentor, o Maracanã, as favelas e demais atrações turísticas. Tomamos finalmente a rota usual acima do oceano, e eis que o avião dá uma guinada de volta ao Rio, decerto com problemas técnicos. Risonha, a aeromoça passeia pelo corredor tranquilizando os passageiros que se entreolhavam inquietos. Já apontamos para a pista do Aeroporto Santos Dumont, quando em cima da hora o avião arremete e retoma o sobrevoo da cidade, a meu ver no intento de despejar combustível antes de preparar nova aterrissagem. O problema é que as turbinas começam a soltar fumaça, e a aeromoça sempre risonha mal consegue conter o alvoroço a bordo. Dizem que, na hora da morte, a vida repassa do início ao fim no cinema da nossa cabeça. Pois é ao que assisto, não como num filme, mas nas rasantes que o avião dá sobre o Rio de Janeiro. Ali estão a maternidade onde nasci, a casa dos meus pais, a igreja onde fui batizado, o colégio onde xinguei o padre, o campo de terra onde fiz um gol de calcanhar, a praia onde quase me afoguei, a rua onde apanhei na cara, os cinemas onde namorei, o prédio do curso pré-vestibular que larguei no meio, os endereços dos casamentos que larguei no meio, e perto do cemitério o avião toma novo impulso, levanta o nariz, acelera e se intromete nas nuvens. Não dá um minuto e o piloto decide retornar, passando rente à maternidade, à casa dos meus pais, à torre da igreja, tudo de novo. É como se, voando em círculos, o avião reproduzisse mais fielmente o trajeto da minha vida, me fazendo rever sempre as mesmas mulheres e os mesmos filmes, voltar aos mesmos endereços, gostar de repetir meus erros. A aeromoça se equilibra de

poltrona em poltrona para conferir os cintos de segurança, e a quem lhe pergunta se vamos sair vivos dessa, responde a sorrir: só por um milagre. Aos gritos de desespero, soma-se agora o clamor de orações, e da janela julgo ver meu apartamento, uma batida de carros na ladeira, um gato eriçado, um olho de cão. O comandante puxa uma ave-maria ao microfone, enquanto a aeromoça distribui rosários e Bíblias do seu carrinho. Abro o Antigo Testamento, mas meus óculos de leitura com lentes vencidas não me permitem discernir as letras miúdas. Desfiando o rosário, procuro em vão me lembrar de alguma reza, e meus companheiros de infortúnio me cravam olhares odientos com razão. O avião está para se destroçar com uma centena de crentes a bordo, por culpa exclusiva de um ateu que há muitos anos perdeu a fé em milagres. Caem máscaras do teto para todos os passageiros menos para mim, e só então no assento ao lado noto meu pai, que vira a cara e me nega uma mísera prise de oxigênio. Desenganado, contemplo a aeromoça que me faz o sinal da cruz na testa e sussurro: mamãe. Foi esse meu último sopro de vida, e logo acordo enrolado no lençol com a televisão ligada: a partir de hoje, por decreto presidencial, posso ter quatro armas de fogo em casa.

9 de abril de 2017

Quando lá atrás desfiz meu primeiro casamento, por motivos que não vêm ao caso, minha mulher me chamou de machista e misógino. Falou sem refletir, por estar inconformada, pois conhecendo como ninguém a exata acepção e mesmo a etimologia de cada palavra, ela sabe que não são corretas aquelas que proferiu. Não sou de bater em mulher, nem me dá prazer algum magoar o coração delas. Prefiro as que já vêm magoadas por outro homem; mulheres traídas, por exemplo, mulheres com raiva, a cara quente. Mas nada se compara às esposas que enviúvam ainda jovens e fiéis. Aquelas que se agarram ao caixão fechado, no velório do marido morto em acidente pavoroso. Não posso ver uma foto desses velórios sem pensar em quem será o primeiro a se deitar com a viúva, por quanto tempo ela resistirá, com que confusão de sentimentos se entregará por fim. Mulheres que choram no orgasmo também aprecio. Finjo: está triste?, doeu? Existe mesmo um misterioso elo entre compaixão e perversidade.

Rio, 24 de janeiro de 2019

Ao síndico do Edifício Saint Eugene

Sou a dra. Marilu Zabala, moradora do 201, e estou segura de falar pela grande maioria dos condôminos do Saint Eugene. O novo inquilino do 702 — dizem que é um escritor, mas nunca ouvi falar dele — não tem evidentemente a obrigação de cumprimentar seus vizinhos, nem mesmo de limpar a sola dos sapatos quando chega da rua enlameada. Não posso exigir civilidade de sua parte, nem jamais o repreendi por utilizar o elevador social de shorts e às vezes suado e sem camisa, o que aliás é vedado pelo nosso regimento interno. Presto esta queixa, contudo, em nome da segurança e da tranquilidade minhas e dos demais moradores. Além de esse cidadão fazer subir comidas e bebidas a altas horas da noite, tenho ouvido relatos de um intenso movimento de mulheres no seu apartamento. Já duas ou três vezes, da minha janela, tive eu mesma o desprazer de ver certas prostitutas — perdão, a palavra é esta, pois nem sequer poderiam ser classificadas como garotas de programa, escorts ou demais eufemismos — prostitutas saltando de um Uber para subir ao sétimo andar. São mesmo profissionais do mais baixo estrato, e não o digo por suas fisionomias, pois sou juíza federal e não tenho preconceito de cor, mas pela manifesta falta de compostura com que se vestem e falam palavrões aos berros ao celular. Não duvido que em breve tenhamos orgias no 702, entrando pela madrugada, assustando as crianças, perturbando nosso sono e ecoando na rua, com óbvios prejuízos à reputação do Edifício Saint Eugene.

No aguardo de providências,

Marilu (201)

25 de janeiro de 2019

Apartamento de alto luxo na quadra da praia do Leblon, amplo salão em 3 ambientes e sol matinal, sala de jantar, lavabo, 4 suítes sendo uma master, sala íntima, copa-cozinha gourmet, área de serviço com 2 dependências de empregada, 8 vagas na garagem, R$ 16 700 000,00.

Visto aqui do alto, o bairro não difere muito de uma favela. A barafunda de edifícios sem telhas lembra um amontoado de caixas de sapato destampadas, numa sapataria revirada em dia de liquidação. Nos seus recintos, porém, durante anos cheguei a ser feliz, casei, tive amantes, comi, bebi, joguei pôquer com amigos, frequentei escritórios, consultórios, papelarias, cabeleireiros, sapatarias e tal. Ultimamente não mais, é como se eu viesse de uma temporada fora, e na minha ausência o restaurante tivesse virado uma farmácia, a farmácia um banco, o banco uma lanchonete, e a população tivesse sido substituída por outra, que me torce o nariz como a um imigrante, um pobretão. Mal sabe essa gente que nos últimos anos morei na avenida mais nobre do bairro com a bela Rosane, que também já virou outra, e que hoje decerto me considera um estranho; da última vez que a Rosane me dirigiu a palavra, foi para dizer que me tornei um tipo antissocial. Antissociais éramos nós dois até outro dia, éramos um casal recluso nos anos dourados do nosso breve casamento. Cantávamos a duas vozes no chuveiro, ouvíamos jazz na cama, víamos seriados na televisão, cozinhávamos, pedíamos ostras frescas no delivery, e só não rolava champanhe toda noite porque já escasseava a minha reserva de direitos autorais. Na mesma sala em que eu escrevia no computador, ela instalou uma prancheta para desenhar seus projetos de decoração, ou arquitetura de interiores, como preferia; saía sozinha apenas vez ou outra para visitar seus clientes, assim como eu perambulava a sós nas dunas atrás de inspiração. Não sei quando foi que ela começou a achar que me faltava ambição, que eu deveria assinar colunas num grande jornal, que meus livros

encalhavam porque não tinham punch, e por fim me acusou de ter ciúmes do seu sucesso profissional. Acho que foi quando se meteu a decorar a casa do atual affair, um velho que fez fortuna com soja na Amazônia, então casado com uma mulher da sociedade. Ainda durante nosso casamento, eu já os via lado a lado em fotos de revistas, a Rosane, o velho, a corna e um monte de caras conhecidas, participando de cerimônias e festas cívicas para as quais nunca fui convidado. Ainda que fosse não iria, nem sapatos dignos eu teria para ir ao Copacabana Palace, ao Country Club, ou à mansão do velho no Cosme Velho. Se eu fosse e encontrasse a Rosane, mesmo sem desejo, seria capaz de lhe tascar um beijaço na boca para o coroa e todo mundo ver.

São Paulo, 27 de janeiro de 2019

Querida Maria Clara,

Só mesmo uma duradoura amizade como a nossa me permite lhe escrever esta mensagem, roçando os limites que me impõem a discrição e a ética profissional. Trata-se de um assunto delicadíssimo, e você já deve ter adivinhado que venho lhe falar do Duarte, o que eu não faria enquanto ele esteve casado com aquela "artista" e a relação entre vocês azedou. Mesmo à distância, fui solidário com você ao vê-lo se lançar em tal aventura, e lá se vão três ou quatro anos, com certeza não mais de cinco, quando publicamos o último romance dele. Desde então, o Duarte prometeu e postergou seguidamente a entrega de novos originais. Até que outro dia, à maneira de hipoteca para um novo adiantamento, mandou-me os esboços "mal-ajambrados" de uma novela, que pelo visto nossa editora será obrigada a recusar. A mera leitura das primeiras páginas já comprova o quanto você foi importante para a carreira do seu marido, para muito além da prévia revisão gramatical que fazia por amor ou companheirismo, poupando-o de maiores constrangimentos. Por pouco não me rendo às maledicências correntes aqui na casa, segundo as quais você reescrevia os livros dele de cabo a rabo. Não se assuste, Maria Clara, não irei lhe sugerir que reate um casamento em nome da "literatura pátria". Mas espero que cogite a possibilidade de uma reaproximação intelectual, indispensável para o futuro do nosso Duarte, quando nada porque ele é o pai do seu filho.

Com um abraço fraternal,

Petrus

P.S.: A editora deve ter lhe encaminhado esta semana o último romance de H. Balthasar. Por favor não trabalhe nele por ora, pois o agente literário dele nos disse que gostaria de testar eventualmente um novo tradutor. Deve haver algum mal-entendido.

30 de janeiro de 2019

Em seu deslumbrante palacete do Cosme Velho, o empresário Napoleão Mamede, acompanhado da arquiteta Rosane Duarte, recebeu seletos convidados para a apresentação do Orfeão Nossa Senhora de Fátima, instituto musical beneficente comandado por Maria da Luz Feijó e seu cônjuge, o maestro Amilcare Fiorentino. Sob a regência de Fiorentino, uma orquestra de câmara e um coro de vinte figuras brindaram os felizardos com um requintado repertório operístico. A apoteose da noite deu-se com a entrada em cena de Everaldo Canindé, um rapaz de cor, de origem humilde, que a todos emocionou com sua voz de castrato na ária A Rainha da Noite, de Mozart.

31 de janeiro de 2019

Folheio sem ânimo a política, busco o futebol, o cinema, os classificados, mas no caminho dou com um anúncio fúnebre. Faleceu Fúlvio Castello Branco Jr., que estudou comigo no Colégio Santo Inácio e com quem às vezes eu bebia no Country. Vendi há alguns anos o título do clube, perdi o Fúlvio de vista, e com alguma melancolia desço a ladeira até o calçadão da praia, onde o sol da manhã me pega de frente e bate nas fachadas espelhadas dos edifícios da orla. Como um facho de luz que se avista à distância, a feia estátua banhada a ouro continua firme na janela aberta da Rosane, com faixa presidencial e tudo. Hoje dou razão à Rosane, quando censurava meu comportamento antissocial. Se nos tempos da Maria Clara fui um autor prolífico, era sem dúvida porque, em vez de passar reto, tirava proveito de encontros fortuitos em caminhadas como esta. Nos quiosques de Ipanema em que parava para tomar um coco, cada tipo com quem me entretinha podia servir de inspiração para um futuro personagem; mesmo sujeitos que nunca abriram um livro podiam de repente entrar no meu. Muito de quando em quando algum camarada, sabedor do meu ofício, perguntava: e os romances, Duarte, para quando é o próximo? Aquilo me estufava de vaidade, mas eu não me estendia na resposta porque praia, ainda que me servisse de inspiração discreta, não é lugar para falar de literatura. De literatura já bastava o que eu ouvia da boca da Maria Clara, que não falava de outra coisa e nunca tomou um banho de mar.

Já no calçadão de Copacabana, considero que vale a pena esticar o passeio, atravessar o túnel e chegar ao Cemitério São João Batista. Não custa nada dar um pulo no velório para me despedir do Fúlvio, que poderia figurar em meu próximo romance com o rosto ceroso de um defunto. À porta da capela lotada, vejo muitos homens da minha idade, a maioria de terno e gravata, entre eles possíveis colegas do Santo Inácio que não recordo. Menos mal que no recinto também há

quantidade de jovens em trajes informais, pois de moletom e tênis eu já me sentia discriminado. Murmúrios na capela me fazem entender que o Fúlvio sofreu um terrível acidente de moto, e ao me aproximar do caixão constato que está fechado. Ao lado do caixão está a viúva, que me surpreende pela juventude, rodeada de outras mocinhas também pouco mais que adolescentes. É do tipo mignon, veste um tailleur preto, tem a cintura fina, seu corpo balança inteiro com os soluços, e escorrem lágrimas nas suas faces coradas. Quando tento abrir caminho para lhe dar os pêsames, alguém me cutuca as costas e me chama pelo nome. Para meu estupor é ele em carne e osso, o Fúlvio, que me abraça fortemente e agradece a presença com voz trêmula: ele tinha vinte e cinco anos, Duarte, vinte e cinco. Fica claro que o Fúlvio morto é seu filho, e o imprevisto não me permite pronunciar sequer as palavras de praxe. Dou-lhe outro abraço e já me despeço, mas ele faz questão de me acompanhar até a saída. Parece sincero quando diz que teve prazer em me reencontrar, e lamenta não ter me visto mais nos happy hours de sexta-feira no Country. Depois de um novo abraço me pergunta com a voz ainda embargada: e os romances, Duarte, vem aí o próximo?

10 de fevereiro de 2019

Deus me livrou de ter um filho com o Duarte. Eu já desconfiava que ele não daria um bom pai, pela maneira como ignorava o pentelho do filho com a primeira mulher. Acontece que na época eu queria porque queria ser mãe, nem que fosse para a outra se morder de ciúmes. Aos trinta e cinco, já me aproximava do limite para uma gravidez segura e, pelo sim pelo não, durante meses eu e o Duarte fodíamos noite e dia, não só nos meus dias fecundos. Como eu não emprenhava nem apresentava problemas de ovulação, o ginecologista sugeriu ao Duarte um exame de fertilidade. Ele fez no laboratório a coleta de esperma, que não passou de uma punheta na minha presença, e descobriu-se que padecia de azoospermia, ou seja, era estéril. Surtou, cismou que criava um filho que não era dele, mas possivelmente de algum escritor de merda, um desses gringos que vêm encher a cara em feiras literárias. Ainda na minha fase meio feminista, tomei as dores da ex em nome da tal sororidade. Convenci o Duarte a manter a fleugma, a não humilhar a mocreia com querelas e testes de DNA, nem desmoralizá-la na editora onde eles tinham amigos em comum. Lembrei como o médico lhe explicou que a obstrução dos canais podia ser consequência de uma infecção venérea ou de algum traumatismo mais recente. Segundo o doutor, uma simples intervenção cirúrgica, como a que reverte a vasectomia, o deixaria de novo tão filheiro quanto um cavalo de reprodução. Mas o Duarte estava mesmo escabreado, não quis saber de conversa nem de cirurgia, e a partir daí parou de me procurar na cama. Foi então que comecei a trabalhar no projeto luminotécnico da sombrosa residência de Napoleão Mamede no Cosme Velho. Em seus agora cintilantes salões, tive a oportunidade de assistir a reuniões com acadêmicos, magistrados, economistas, religiosos, cientistas políticos e outras figuras proeminentes da nossa sociedade. Eu, Rosane, que sempre fui uma tonta, passei a me interessar por discussões acerca dos rumos do país, enquanto o

Duarte com o diabo no corpo se dedicava à putaria. Deus me livrou de ter um filho com o Duarte.

2 de fevereiro de 2019

Em busca de estímulo para adiantar os trabalhos, Duarte decidiu reler por alto seus romances. Acabou por se fixar mesmo no primeiro, O Eunuco do Paço Real, achando que ninguém notaria se ele cometesse autoplágio de um ou outro parágrafo escrito quase vinte anos atrás. O texto de O Eunuco também tinha a vantagem de ser redigido na terceira pessoa, por um narrador neutro, o que o libertaria de alguns cacoetes autorreferenciais. Agarrado ao livro, que poderia consultar a qualquer momento, Duarte saiu falando sozinho ladeira abaixo até estacar no meio da rua como que fulminado. Teve uma ideia absolutamente genial, que precisava pôr no papel sem mais demora. Mais prático do que subir de volta para casa era alcançar um quiosque na praia logo ali. Pediu ao dono do quiosque urgentemente uma caneta Bic e um guardanapo de papel, mas ele disse não.

— Não?

— Não.

— E por que não?

— Porque não.

— Quer vender?

— Não.

Não convinha afrontar o homem, que tinha cara de lutador de MMA e braços grossos como coxas, cinzentos de tanta tatuagem.

— Só a caneta — Duarte quase implorou, pensando em transcrever a ideia genial na folha de guarda do seu livro.

— Não.

— Por favor, é importante.

— Foda-se.

Foi quando viu subir ao quiosque uma baixinha jeitosa que ele já havia notado na areia, uma que fazia a levantadora no vôlei de praia.

— Oi, tio.

Ele a conhecia sem saber de onde.

— Tem uma caneta?

— Claro.

Tirou da mochila um estojo que se abriu feito um fole, com uma formidável fileira de canetas de todas as cores. Duarte escolheu uma vermelha e pôs-se a anotar com sofreguidão a ideia genial e seus desenvolvimentos em cada espaço branco do livro. Nem bem concluiu a escrita, uma onda gigantesca explodiu na calçada, arrastando de roldão cadeiras, mesas, ombrelones, o troglodita do quiosque, a menina do vôlei e Duarte. Depois de capotar três vezes dentro da avalanche salgada, Duarte emergiu desesperado na calçada do outro lado da avenida:

— Cadê o livro?

— Tá aqui — disse a menina, que saía do lago formado na garagem subterrânea do prédio da Rosane, o livro ensopado na mão.

O livro estava inteiro mas branco, o mar tinha lavado não só a ideia genial como todas as letras impressas. A menina foi acometida de um riso nervoso, e chorando de rir se pendurou no pescoço de Duarte, que então se admirou de ter nos braços ninguém menos que a viúva do Fúlvio Jr. No mesmo instante ele se viu dentro de casa com ela, que de biquíni se jogou de bruços no sofá e começou a soluçar. Ele já se aprestava para consolar a viúva quando desataram a tocar a campainha sem intermitência. Devia ser uma vizinha histérica, ou pior, a polícia, e Duarte temeu que a garota fosse menor de idade. Foi só ele chegar à porta para a campainha emudecer, e já não havia ninguém no hall. Correu para aliviar uma urgência urinária, quando o interfone tocou. Era o porteiro:

— O seu filho procurou o senhor e foi embora.

Duarte volta para a cama na tentativa de recuperar o sonho. A esta altura já oscila entre sonhar com a viúva que partiu ou com a ideia genial que evaporou.

Eis que a menina ressurge sentada no sofá, nua, o colo protegido por uma sanfona. Quando ela tira do instrumento uma longa nota triste, Duarte reconhece sua caligrafia nas nesgas do papelão do fole aberto. Está prestes a ler um trecho da ideia genial, mas não dá tempo, porque a menina logo fecha a sanfona, e a abre e fecha cada vez mais rápido numa melodia frenética, até cair no chão desfalecida. Duarte vai socorrê-la quando a porta se abre por fora, e quem lhe aparece é seu filho e um labrador. Reconhece-os mais pelo cachorro, pois o filho está crescido e tem a cabeça toda enfaixada. Depois de apostarem corrida pelo apartamento, o menino pega a passar a mão na coxa da viúva e o labrador cheira o rabo dela.

— Agora basta! — grita Duarte.

O filho apavorado corre para a janela e mergulha de cabeça do sétimo andar, no que é imitado pelo labrador.

— E agora?

— Agora quem vai embora sou eu — diz a viúva, e sai voando.

3 de fevereiro de 2019

Querido, reproduzo abaixo a carta que te enviei e que nosso filho me fez o favor de perder:

Querido,

Pretendo com esta, em primeiro lugar, proporcionar um reencontro de pai e filho que não se veem há mais de dois anos, quando pelo seu nono aniversário tu lhe deste um dinossauro que bota ovo. Serás testemunha dos progressos do guri, que já tem liberdade para dar suas voltas por conta própria sem que eu me arranque os cabelos. É notável o bom resultado da terapia e dos medicamentos; hoje rareiam os episódios de descontrole motor que, como bem sabes, até o ano passado me faziam passar noites trás noites na emergência de hospitais. Ele também vai sozinho de ônibus para a escola, onde quase já não apresenta bruscas mudanças de humor ou transtornos de déficit de atenção. Além de popular entre os colegas, é afável com moradores e funcionários dos prédios próximos, e até me estranha que ainda não o tenhas topado em tuas andanças diárias. Aliás, não preciso te dizer que fiquei agradavelmente surpresa por ter-te na vizinhança.

Arrependi-me e peço-te desculpas se fui invasiva ao mandar-te a gata Virginia, à guisa de boas vindas, assim que te soube estabelecido aqui ao lado. Julguei que uma felina seria boa companheira para um escritor solitário; entre expoentes da literatura há sobejos exemplos dessa afinidade. Infelizmente, pelo constante disse me disse dos porteiros da rua, eu soube que a bichana se esborrachou após curto convívio contigo. Se te interessar uma sucessora, não hesites em me comunicar, pois tenho ótimas relações com o pet shop do bairro. Só não deixes de instalar telas de proteção em todas as janelas, até para a segurança do nosso guri.

Uma benévola intromissão do nosso caro editor deixou-me a par do teu mais recente projeto literário, do qual ele teve uma bela impressão inicial.

Pondera apenas que alguns ajustes viriam a calhar e, com sua habitual galantaria, insinua que eu seria a pessoa indicada para te prestar assistência. Não precisas de assistentes, querido, só considero que tuas atividades nos últimos anos te inclinaram a certa dispersão mental. Imagino que em teu novo apartamento, com gato ou sem gato, disponhas do tempo e do sossego necessários ao exercício do teu enorme talento. De qualquer modo, estou como sempre ao teu alcance para o que der e vier, mesmo em questões do dia a dia. Fui informada, por exemplo, de que não tens mais uma empregada que te prepare as refeições. Se ainda gostares de uma polenta frita, aparece à hora que quiseres, pois passo os dias invariavelmente só ou com o guri. Devo ademais te confessar que sinto falta de um amigo com quem partilhar meu inconformismo em relação ao que estão fazendo com nosso país. Será que ainda teremos nossa correspondência violada? Será que ainda incendiarão os nossos livros? A propósito, mantenho intacto teu escritório, queda imóvel a estante giratória com os dicionários e as gramáticas que seguramente têm-te feito falta.

Um beijo,

Maria Clara

6 de fevereiro de 2019

Perdoai as nossas dívidas assim como nós… Através da precária caixa de som, a voz lamentosa do padre parece me corrigir: perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Mudou o padre-nosso, mudou a liturgia, mas todas as igrejas que conheço têm desde sempre o mesmo cheiro. É um cheiro imanente, talvez de pedra, por baixo de odores de flor e incenso e do perfume pesado das papa-hóstias, um cheiro que me remete aos tempos de colegial. Homem-feito, foi-se o medo que eu tinha da missa, do ostensório, do coração exposto, do Crucificado, foi-se o medo que eu tinha do padre, da batina do padre, do sotaque do padre, do bafio do padre que me incutia o pavor do inferno. Mas das coisas que assombraram os pensamentos de um menino, algum resquício sempre permanece. O ar que hoje aspiro nas igrejas deve ter o cheiro do medo que eu então sentia.

À saída da igreja, os conhecidos da família já não têm a cara compungida da fila de cumprimentos. Falam alto, alguns riem alto, elogiam o plano econômico do governo, combinam um restaurante, se abraçam, se beijam e se dizem fica com Deus a caminho dos seus automóveis. Mesmo a viúva menina, cercada de amigas lépidas, parece quase refeita, com o quê para mim perdeu parte do encanto que tinha à primeira vista. Se eu pudesse ficaria com a mãe dela, dos seus quarenta e poucos anos, que de passagem ouço se queixar dos frequentes assaltos na redondeza. Debaixo de uns primeiros pingos de chuva, na quadra seguinte já ando sozinho, pois quem não pegou seu carro entrou num dos bares da praça. Um 4×4 encosta ao meu lado, e da janela entreaberta o Fúlvio me pergunta se estou a pé. A esta altura chove para valer, mas prefiro dizer que vou pegar um táxi, pois não quero lhe explicar que vendi meu carro ou que tenho mania de andar na chuva. De qualquer modo argumento que a carona não faz sentido, pois ele mora logo ali na Lagoa e eu no alto do Leblon. O Fúlvio

praticamente ordena que eu me acomode no banco de trás, e a esposa a seu lado está com os olhos inchados, uma caixa de lenços de papel no colo. É uma senhora que antes de engordar deve ter sido bem bonita, e o silêncio do carro é entrecortado pelos seus suspiros e gemidos, além das pancadas da chuva na lataria. O Fúlvio só quebra o silêncio na rua Jardim Botânico, para afirmar quase em surdina que tem pensado muito no meu navegante. Refere-se a um navegante que perdeu o filho, num romance de minha autoria que eu tinha esquecido e que ele leu no verão passado, por recomendação da Denise:

— Lembra, Denise?

Denise se mantém alheia, a fungar e assoar o nariz. Segundo o Fúlvio, foi ela quem lhe apresentou meus romances; ele até há pouco só lia um ou outro best-seller, sem contar os manuais e tratados de direito. Nestes últimos dias, recorreu sem pudor a livros de autoajuda, que lhe têm permitido viver seu luto e dado forças para amparar a Denise. Baixa novo silêncio no carro, enquanto lá fora anoitece antes da hora, e com o recrudescimento da chuva a rua começa a alagar.

— Vamos para casa. — A voz de Denise é mais velha que ela, de fumante.

Um clarão rompe a noite e não sei se é o raio ou o trovão que sacoleja o carro. Diante de uma poça que é uma verdadeira piscina no asfalto, alguns motoristas hesitam. O Fúlvio sobe com duas rodas na calçada, pisa fundo, esguicha água para tudo que é lado e vence a poça que por pouco não cobre nossos para-choques.

— Me leva para casa, Fúlvio.

Insisto com o Fúlvio para me deixar no próximo sinal vermelho, pois o canal no caminho de casa costuma transbordar. Mas os sinais estão em pane e o Fúlvio segue reto, confiante na potência e na estatura do seu 4×4. Então peço para ficar no Jockey Club, onde à noite o restaurante serve um bom estrogonofe.

— Quem é esse homem?

— É o Duarte, meu bem. Foi meu melhor amigo no Santo Inácio.

— E esse homem? Quem é?

— Já lhe apresentei, Denise, o Duarte é aquele escritor que você gosta.

— Mas quem é esse homem?

O temporal amaina um pouco, embora a ventania continue a balançar as amendoeiras no caminho. Conseguimos avançar um bocado e o Fúlvio procura desanuviar o ambiente. Diz que Denise lê todo tipo de literatura, inclusive os franceses e os alemães no original, mas sua especialidade é a antropologia.

— Eu não sou louca.

— Claro que não, Denise.

O canal não transbordou como eu temia, e estamos para pegar a ladeira que leva à minha casa, quando se ouve um estalo e um rangido profundo, como um lamento vindo do centro da Terra. À nossa esquerda, poucos metros adiante, um daqueles enormes fícus de duzentos anos vai se dobrando em câmera lenta sobre a pista, com suas raízes a arrancar o concreto da calçada. Sem tempo para frear, o Fúlvio acelera na brecha sob a árvore em queda, que acaba de desabar logo atrás de nós. Em seguida estaciona para acudir a mulher, tomada de uma tremedeira. Vasculha a bolsa dela:

— Cadê o remédio, Denise?

— Eu não sou louca.

O Fúlvio arranca, vira à direita e sobe em disparada a minha ladeira iluminada apenas pelos seus faróis. Com súbitos golpes de volante, desvia dos galhos caídos no caminho e da ameaça de um poste torto, sustentado pelos cabos de luz que deveria sustentar. Chegamos afinal em casa, mas não os convido a entrar porque falta energia e há que enfrentar sete lances de escada.

— Obrigado, Fúlvio, não precisava. Meus pêsames de novo, Denise.

Antes de bater a porta ainda escuto:

— Quem é esse louco?

Rio de Janeiro, 9/02/2019

NOTIFICAÇÃO EXTRAJUDICIAL

Prezado Senhor,

Notificamos V.Sa. para os efeitos do artigo 726 do Código de Processo Civil [...] Foi firmado com V.Sa. um contrato de locação do imóvel [...] Nos foi comunicado pelo LOCADOR do imóvel que até a presente data os aluguéis dos meses de novembro e dezembro/2018 e janeiro/2019 não foram pagos, conforme a cláusula [...] perfazendo o MONTANTE atualizado de R$ 12 772,00 [...] solicitamos que no prazo máximo de 05 (cinco) dias, V.Sa. se manifeste de forma expressa, tomando a devida PROVIDÊNCIA de quitação do débito existente [...] estaremos liberados para tomar as MEDIDAS JUDICIAIS cabíveis [...] Certos da sua compreensão e colaboração, colocamo-nos à disposição para o que se fizer necessário.

Atenciosamente,

Departamento Jurídico

Companhia de Seguros Hampshire

12 de fevereiro de 2019

Tenho o palpite de que, cedo ou tarde, voltarei a viver com a Maria Clara. Não tão tarde que ela se sinta usada como uma espécie de cuidadora, com quem eu ache cômodo terminar meus dias. Nem tão cedo que ela se sinta imprescindível, por julgar que sozinho eu seria incapaz de escrever meus livros. É pensando nela que ao passar em frente à sua portaria encontro o nosso filho. Ele deixava o ônibus escolar aos pulos, e vem reduzindo o passo até parar a um metro de mim. Ficamos um tempo nos estudando, e acho graça de ele se parecer comigo em alguns pormenores, até o de guardar o pau do lado direito da calça. Pode ser que ele sofra bullying dos colegas, como eu sofri quando a palavra nem existia, por ser o único com pau invertido na classe. E não adiantava torcer o pau para a posição-padrão, porque ele tinha vida própria, voltava sozinho, nem preso com esparadrapo parava ali. Sem intimidade para tratar desses assuntos com meu filho, falo oi, ao que ele responde com um peido de boca. E corre para dentro do prédio até o elevador, onde fica segurando a porta aberta, como que me desafiando a segui-lo. Ele na certa gostaria que eu reatasse com sua mãe, tal qual em pequeno eu rezava para que a minha regressasse ao lar. Também é natural que ele me culpe por ter deixado sua casa, como odiei meu pai por minha mãe tê-lo abandonado. Mas eu não daria certo com Maria Clara enquanto quisesse desfrutar a vida de solteiro, assim como mamãe não sossegaria ao lado do meu pai nem com esparadrapo. Ela até voltou algumas vezes, sua formosura ilesa, mas logo recomeçavam os telefonemas misteriosos e as discussões de casal a portas fechadas. Sobrevinham novas temporadas de sumiço, que eu relevava porque recebia cartões-postais do estrangeiro com o lembrete dela: mamãe te ama. Seu erro foi bater lá em casa no fim da vida, quando quase desconheci aquela visitante careca. Tinha nem quarenta anos, mas parecia a mãe do meu pai quando ele a conduzia na cadeira de rodas para passeios na praça ou sessões de

quimioterapia. Ainda a levou ao clube, a vernissages, concertos e balés, orgulhoso de exibi-la em sociedade. Depois de poucos meses ele a sepultou no São João Batista, e não tardou uma semana para tomar suas providências e se recolher ao mesmo jazigo.

13 de fevereiro de 2019

— Ah, você de novo. O que é agora? Eu já disse que não. Eu não tenho nada que refletir. Claro, você está me perturbando. Eu estou muito bem, se você quer saber. Agora não, mas no outro dia o filho dele ficou cabreiro. Claro, eu me dou com toda a família. Eu sou da família, se você quer saber. Ainda não, mas até o fim do ano a gente se casa. Ah, Duarte, pior que o nosso não vai ser. Claro, você vivia enfurnado em casa, que nem tatu. Eu? Não tem graça nenhuma. Cara, eu vou ser obrigada a bloquear teu número. Eu estou com zero saudade, você não se enxerga. Já deu para você, Duarte. Sei. Que admiradores? Não me faça rir. Tem séculos que você não publica porra nenhuma. Romance novo? Pode publicar, quem é que ainda quer saber de livro cheio de sacanagem e gente miserável? Alpinista social, eu? Eu tenho berço, seu merda, você sabe que meus pais eram diplomatas. O Napoleão é um puta empreendedor, se você quer saber. Ciúme de quê, ele nem sabe quem é você. Isso não é coisa que se pergunte. Sei. O que é que tem eu e você? Eu nem penso mais naquelas coisas, graças a Deus. Vou desligar. Para com isso, cara, me respeita. Never, my dear, no chance. Chega, eu vou desligar. Pode falar, eu estou ouvindo. Você não presta, Duarte, eu vou desligar.

15 de fevereiro de 2019

Clubes de elite em toda parte têm lá suas regras rígidas, e que um novo-rico entre no Country Club, por exemplo, é mais fácil um camelo passar no cu da agulha. Tal sentença deveria valer para o amante da Rosane, não para mim, que herdei o título dos meus pais e sempre fui benquisto pelos funcionários. Logo compreendi, porém, que ex-sócio é feito um anjo decaído, e se não me trataram com maior desdém, foi porque eu vinha a convite de Fúlvio Castello Branco. O Fúlvio acha que é paranoia minha, não vê sinais de hostilidade nos olhares que me lançam os frequentadores da varanda onde tomamos um gim-tônica. Diz que seria até provável, pelo contrário, ter havido preconceito meu ao me desligar do clube, como aliás o fez sua mulher, que é podre de rica e implica com gente rica. Acontece que só vendi o título para arcar com o trem de vida do meu casamento, desde que fui morar com a Rosane em frente à praia do Leblon e quase me arruinei. Interessado em finanças, o Fúlvio me pergunta quantos livros publiquei, quantos vendi em média, que percentual me toca e, mesmo com os números inflados que lhe forneço, lastima meus humildes proventos. Confia que meus romances ainda sejam adaptados para o cinema, estimando que, com um bom roteiro, incentivo fiscal e campanha publicitária, um filme pode render milhões. Ou talvez não, porque em tempos de austeridade como o nosso, quem poupa uns trocados para o lazer não vai gastar com cinema nacional. No entanto, sua banca de advocacia tem clientes poderosos, entre eles empresas multinacionais atuantes nas mais diversas áreas. Com uma boa conversa, poderiam inclusive se associar à produção desses filmes no exterior, o que me abriria uma nova janela de oportunidades, nas palavras dele.

O sol se põe e os sócios vão deixando o clube, senhores que acenam para o Fúlvio com pesar e rapazes parrudos com moças esbeltas que passam mexendo nos seus celulares. Sorrindo me pergunto se esses jovens algum dia entraram

numa livraria, sem atentar para o modo como o Fúlvio os acompanha com o olhar: têm a idade do seu filho. Após um bom tempo calado, ele pede duas últimas doses de gim puro a um garçom em fim de expediente, o clube a meia-luz. Com os olhos injetados, desanda a falar da mulher, que já sofria dos nervos de uns anos para cá e agora não consegue superar a perda do Júnior. A Denise insiste em que o marido se aposente quanto antes, a fim de levá-la para morar em definitivo na fazenda da serra, em vez de passar o resto da vida advogando para uns bandidos. Para ela o mundo dos negócios é uma tremenda sem-vergonhice, principalmente quando envolve gente do governo. Ainda que nem sempre concorde com a ingênua Denise, o Fúlvio não deixa de deplorar o vale-tudo da grana, a desigualdade social e outras tantas mazelas do país.

Disposto a voltar a pé para casa, na saída do clube dispenso a carona do Fúlvio, que na fazenda também se dedica a longas caminhadas. Para ele, a endorfina e a serotonina assim liberadas não só proporcionam uma sensação de bem-estar, como incrementam as nossas funções intelectuais: preparar a defesa de um caso cabeludo, caro amigo, não requer menos criatividade que escrever ficção. Escreva pensando num filme de ação, diz ainda da janela do carro, ao cruzarmos ao mesmo tempo a cancela do clube. Ele já está para embicar na rua quando freia, salta do carro e vem berrando na minha direção: cai fora, vagabundo!, fora daqui, maconheiro! Com uma expressão transtornada, passa por mim às cegas e se dirige a um homem deitado na calçada, encostado no muro do clube. É um sujeito com cara de índio velho que se levanta com dificuldade, depois de tomar uns chutes nas costelas. Sai caminhando meio cambaleante, seguido pelo Fúlvio, que ameaça chamar a polícia se ele não sumir de vista. Ao esboçar uma corrida, o índio derrapa e se escora no muro, de onde é arrancado pelo Fúlvio com um safanão que por pouco não o arremessa no asfalto. O cara fica num cai não cai no meio-fio, dá uma pirueta troncha e, em busca de equilíbrio, se precipita de volta aos tropeções até trombar com o muro, como que a beijar o muro. Isso parece irritar sobremaneira o Fúlvio, que mais uma vez arranca o índio do muro e o derruba com uma rasteira. Acerta-lhe uns pontapés

nos rins, e depois de um chute nas fuças deixa o homem estatelado e arquejante no meio da calçada. Mal o Fúlvio vira as costas, o índio velho rola devagar no chão e volta a se ajeitar com a bunda no muro do clube.

20 de fevereiro de 2019

Há manhãs em que desço as persianas para não ver a cidade, tal como outrora recusava encarar minha mãe doente. Sei que às vezes o mar acorda manchado de preto ou de um marrom espumoso, umas sombras que se alastram do pé da montanha até a praia. Sei dos meninos da favela que mergulham e se esbaldam no esgoto do canal que liga o mar à lagoa. Sei que na lagoa os peixes morrem asfixiados e seus miasmas penetram nos clubes exclusivos, nos palácios suspensos e nas narinas do prefeito. Não preciso ver para saber que pessoas se jogam de viadutos, que urubus estão à espreita, que no morro a polícia atira para matar. Apesar de tudo, assim como venero a mulher incauta que me deu à luz, estarei condenado a amar e cantar a cidade onde nasci. Já hoje, agora, aqui trancado na penumbra, às voltas com meu livro, meu livro, meu livro, andando em círculos numa exígua sala de apartamento, afirmo que não ponho mais os pés na rua, nem para procurar mulher. Também quero distância dos amigos, mesmo porque já não os tenho, nem nunca tive à vera. Na juventude havia alguns de quem eu podia dizer que prezava a companhia, podia mesmo dizer que pensava como eles, embora não exatamente. Esse não exatamente provocava o por quê, o por causa, o por isso e por aquilo, e com meio minuto a amizade de anos virava pelo avesso. Foi assim que aprendi a amar calado as mulheres que muito amei, embora não completamente. Só que hoje, agora, aqui com os dedos no teclado, não quero saber nem daquelas que relembro, querendo ou não, nas vigílias do vício solitário.

Na tela que aguarda meu romance, redijo mensagem ao editor:

Meu caro Petrus,

Incentivado pela carta que você enviou à Maria Clara, venho lhe dar notícias do nosso livro tão ansiado. Acredito que, a manter o ritmo atual, na clausura do meu apartamento, em três ou quatro meses estarei com o bicho

pronto para o prelo. Seria, portanto, uma lástima se o seu autor predileto fosse obrigado a sustar os trabalhos na reta final, reduzido à condição de um sem-teto, em meio a mendigos debaixo da ponte (rs). Segue anexa uma cópia da lamentável ameaça de despejo que recebi outro dia. Certo de que nunca o decepcionei em nossa longa e frutífera parceria, conto com o amigo para um derradeiro adiantamento sobre meus direitos.

Um forte abraço

23 de fevereiro de 2019

Para começar do começo, ele era um pirralho no morro do Vidigal quando foi ludibriado pelo pastor Jersey, da Igreja da Bem-Aventurança, que o mutilou para atender ao capricho de um maestro italiano. A mãe, fiel daquela Igreja e cozinheira do maestro, já havia flagrado o patrão com a mão nas partes do menino, sem suspeitar que suas intenções iam muito além da libidinagem. Para o maestro, era mister preservar e cultivar aquela voz angelical, única no Brasil e quiçá no planeta, somente equiparável à de prodígios europeus de outros séculos. O início de carreira foi de fato auspicioso e, nos bastidores das primeiras audições no salão do Orfeão Nossa Senhora de Fátima, a mãe ia às lágrimas com a performance do seu nego, a ponto de perdoar as safadezas pregressas do maestro. Começaram a pingar os primeiros cachês que o pastor Jersey, no papel de manager, aplicava em benfeitorias no barraco do morro do Vidigal de onde mãe e filho em breve se mudariam para lugar decente. As récitas de Everaldo Canindé com orquestra de câmara, antes restritas a residências particulares, passaram a se dar em auditórios, capelas, clubes de elite, onde quer que houvesse público mais exigente e sequioso de alta cultura. Para os camarins a mãe fazia questão de buquês de flores, vinhos, queijos, goiabada, pães de ló, tortas de chocolate, e se regozijava de ver o seu nego cada vez mais forte. Já ao pastor Jersey, não passava despercebida uma ou outra risota na plateia, ante os movimentos do corpanzil algo desengonçado do cantor, em contraste com a delicadeza de seus floreios vocais. Não havia dieta que sanasse o problema, pois com o avanço na idade adulta, as paulatinas disfunções hormonais não só lhe forneciam aquela pança, como também lhe trariam fartas mamas. Entretanto, já de algum tempo o pastor-manager caçava novos talentos por aí, meninos magricelas e impúberes de famílias pobres, encaminhados para apreciação do maestro em seu domicílio. As escassas crianças aprovadas talvez não compreendessem direito o aleijamento que

as esperava, nem adivinhassem o exaustivo processo de educação musical que lhes roubaria a adolescência. Algum temor instintivo, porém, poderia levar os miúdos a repelir tanto o bisturi do pastor quanto a batuta do maestro, não fossem os apelos de suas mães e a torcida dos vizinhos. E assim Everaldo Canindé um dia viu aparecer no orfeão outro neguinho, oriundo do morro da Babilônia. De nome Ezequiel, passava horas ao piano na sala de ensaios, a repetir as mesmas árias aclamadas na voz do seu ídolo. Pressentindo o perigo, a mãe de Everaldo investiu contra o pérfido pastor, o maestro pedófilo e a maltrapilha mãe de Ezequiel. Foi contida a custo pelo filho, ciente de que a estrela de uma companhia precisa sempre de um standby, para eventual substituição em caso de enfermidade ou motivo de força maior. A rigor, não haveria com que o nego do Vidigal se preocupar, porque o neguinho da Babilônia estava longe de lhe chegar aos pés, ao menos para ouvidos educados. A voz que vazava da sala de ensaios só o incomodava por soar menos como uma cópia do que como paródia. Sobretudo nos registros mais graves, onde o canto de Ezequiel parecia salientar intencionalmente as imperceptíveis deficiências de Everaldo Canindé, que escapavam até mesmo ao ouvido absoluto do maestro Amilcare Fiorentino. Já como autêntico soprano, era preciso admitir que a imitação era mais perniciosa, por se aproximar da perfeição. Ezequiel alcançava aqueles agudos extraordinários do rival, com fôlego para sustentar notas a fio com igual afinação, embora não exatamente. Restava ver como o moleque se portaria ao enfrentar o público cativo do solista titular. A mãe do nosso nego seria capaz de retornar aos trabalhos de macumba, para brindar o neófito com tremor nas pernas, pigarro e caganeira.

25 de fevereiro de 2019

Também existe a categoria dos sonhos lúcidos, quando você sabe que o sonho é sonho, mas não consegue ver a saída. Ou vê, mas não quer sair, ou sai e já volta porque aqui fora é o absurdo, ou tem a pretensão de o conduzir a seu bel-prazer, como se você fosse um diretor de sonhos. Feito o desta madrugada em que, à cata de companhia, deito o olho numa mulata alta e airosa na praça Paris. Que honra, diz ela, quando enlaço sua cintura e faço sinal para um táxi. Em vez de táxi, para um camburão de onde saltam quatro PMs para me saudar com salamaleques, por me conhecerem da televisão: não é todo dia que damos carona a um prêmio Nobel. Peço para não ser perturbado, e recostado no fundo do camburão acaricio os seios volumosos e firmes da Yngrid, como a moça soletra seu nome. Apesar de célebre, ainda não fiz fortuna, e a Yngrid parece ostentosa demais para o meu orçamento. Quando ao entrar em casa lhe pergunto pelo michê, pisca o olho e diz que vai depender da prestança. A palavra prestança ainda gira na minha cabeça quando ela cruza as pernas no sofá. Pede champanhe, mas se contenta com um licor de maracujá, e pela fenda do macacão de seda exibe coxas saradas, sem celulites. Pede para eu ligar o som, mas o que tenho é um aparelho de rádio, que àquela hora só toca música gospel. Sai andando a esmo pela sala com o cálice na mão, as ancas em pêndulo indolente, sem se esforçar para ser gostosa. Como que distraída, para na janela a fim de olhar a vista, e passa a mão nos cabelos alisados, quando me chego por trás para morder sua nuca. Calma, bonitão, ela fala, e pede para ir ao banheiro, de onde me chegam estranhos ruídos. Volta só de calcinha, com um volume entre as pernas que poderia passar por um absorvente íntimo protuberante, se eu não o visse palpitar de leve. E agora? E agora, não sei. Outro em meu lugar seria capaz de encher de porrada a impostora. Como não sou machista, nem misógino, menos ainda homofóbico, não vou sair no braço com essa mulher-homem, que além de

tudo é mais forte que eu. Visto que viemos lá do centro da cidade, dado que estamos ambos seminus à beira da cama, tendo ainda em conta a privacidade e a inviolabilidade dos sonhos, considero a ideia de experimentar a coisa. Só que não sei por onde começar e ainda preciso recuperar o elã perdido, menos por causa do membro encoberto que pela visão de joelhos tão desconformes. Fecho os olhos, procuro me lembrar dela vestida, quando ela me sapeca um beijo de língua. Então começa um burburinho na sala, onde identifico vizinhos a confabular, como se houvesse uma reunião de condomínio no meu apartamento. Ao que entendo, deliberaram expulsar a traveca do Edifício Saint Eugene, sem sequer ouvir meu voto. Pela porta giratória onde eles arrastam a Yngrid, penetra meu pai, contumaz invasor de sonhos. Anda a esmo pela sala, como a seguir os passos dela, mas com o corpo rijo sob a toga de magistrado, estalando como sempre a língua num muxoxo de reprovação. Eu o retenho pela gola para olhar dentro do buraco na têmpora direita, por onde entrou a bala com que ele se matou. Acho que ele quer que eu retire a bala, mas o que vejo dentro do buraco é um osso com outro buraco no meio, com um recheio de massa rósea que deve ser o tutano. Vou procurar uma lupa, quando chega grande gritaria lá de baixo, e da janela vejo a Yngrid de calcinha na rua, no centro da roda dos vizinhos armados de tacos de beisebol. Agora basta!, grito para eles, mas meu pai fecha a persiana, me dá um cascudo e me manda de volta para a cama. Na cama sonho que, à cata de companhia, deito o olho numa mulata alta e airosa na praça Paris.

26 de fevereiro de 2019

— Alô. Oi. Estou. Posso. O que é agora? Fala rápido porque eu estou morta de sono. Hoje eu vou ficar. Está na casa dele, ué. Eu? Lá e cá. Aqui eu uso mais como ateliê. Sim, quando trabalho até mais tarde. Falando nisso, você me deve uns aluguéis antigos. Não, não, faz transferência bancária, você tem meus dados. Sei. Tudo bem. Agora eu vou me deitar. Como sempre, ué. Claro, na nossa cama, quer que eu durma no chão? Isso eu não digo. Não te interessa. Está bem, é só de calcinha, e daí? Ah, é? Agora é tarde, malandro. Vai ficar chupando o dedo. Que boneco? Ah, você está falando da estátua. Que é que tem? Ridículo é você. Que lençol o quê, eu não vou cobrir meu presidente com lençol. Quer secar o homem? Vem me visitar nada. Olha, eu vou dormir. Nem pensar. O vigia da noite tem ordem para te barrar. Já troquei a fechadura, se você quer saber. Eu vou desligar, cara. Eu vou desligar. Sei. Sei. Pelo amor de Deus, Duarte, me deixa dormir. Fui, tchau.

27 de fevereiro de 2019

Duarte olhou para baixo, vacilou, e na hora H desistiu de se lançar dos quatro ou cinco metros de altura. À maneira dos cavalos, as ondas pressentem, rejeitam e expelem quem as monta sem confiança, e daquele jeito perigava ele quebrar a espinha. Então se deixou ficar mais um tempo no balanço das águas, na faixa onde as ondas incham a fim de armar o bote. Pouco a pouco sincronizou o nado com o andamento das águas e deixou passar uma, duas, três, para iniciar a descida no bojo da onda perfeita, sempre a bracejar. Bateu-se inteiro até um instante antes do pouso, quando jogou os braços para trás oferecendo a cabeça, e com a cabeça à proa flutuou sobre as espumas até o raso, quase ralando o peito na areia. Uma vez vitorioso, retornou à arrebentação repetidamente, e logo não havia mais onda ruim para ele, cavalgava qualquer uma até de costas. Os banhistas presentes custariam a crer que se tratava de um sexagenário, aquele varão atlético a reviver suas peripécias de moleque praieiro. Empolgado, Duarte se comprometeu a trazer o filho no dia seguinte, pois se ficasse por conta da mãe superprotetora, o guri jamais sequer molharia os pés numa piscina. Imaginou-o tentado a emular o pai, que com sua idade já dominava a arte do surfe de peito, como deram para chamar o popular jacaré. Ou talvez ele se encantasse com vídeos de ondas gigantes no Havaí, e no aniversário pedisse à mãe uma prancha de surfe profissional e aquela roupa de borracha. Aí, para o pai, seria difícil convencê-lo de que ondas se pegam na intimidade das águas, de peito aberto como ele já fazia outrora, quando até as tábuas de madeira eram desprezíveis, para não falar nos ridículos pés de pato. Filho nenhum suporta esse papo de outrora, de antigamente, de no meu tempo, e em breve o garoto haveria de dar espetáculo de pé na prancha, a se ejetar das ondas, a piruetar sobre as ondas, a passar a seco por dentro dos tubos das ondas, em vez de chafurdar nas águas como o pai. Oxalá fique famoso e rico, pensou Duarte, que cansado dos

mergulhos se pôs a boiar olhando o céu sem nuvens, no remanso além da arrebentação. Foi ali que ainda menino um dia acreditou que o mar dava pé, e ao lhe faltar o chão perdeu o impulso para subir, e engoliu água, e entrou em pânico, e emergiu apenas para ver o céu sem nuvens e agitar a mão como num adeus. Pior que se afogar foi a humilhação de ser içado das águas pela mão de um moleque menor que ele, e depositado na areia são e salvo, exposto aos olhares dos basbaques. Com essas recordações, Duarte demorou a perceber que, ao sabor de uma correnteza diagonal, não só se distanciava da praia, como se aproximava do rochedo ao pé da montanha. Quando tentou resistir, veio a câimbra. Os músculos da coxa esquerda se contraíram de tal forma que era impossível se manter na superfície, quanto mais nadar contra aquela corrente de refluxo. Na vertical, imerso até a boca, reteve o fôlego enquanto pôde, depois aspirou água, sufocou, viu tudo preto. Pensou que no momento final repassaria sua vida em retrospectiva, mas só o que lhe veio à lembrança foi uma foto preto e branco tirada na praia: ele de fralda no colo da mãe de maiô, a mulher mais linda do mundo.

28 de fevereiro de 2019

Após o pernoite no hospital, passo em casa para vestir umas bermudas, volto à praia, e no mirante do posto de salvamento procuro o guarda-vidas que me socorreu. O sargento Agenor é um negro bonito de presumíveis quarenta anos, se bem que os da sua raça geralmente parecem mais jovens do que são. Recebe meu aperto de mão sem se levantar, me deixa ocupar uma cadeira de alumínio ao lado da sua e se diz ofendido ao recusar a nota de cinquenta reais que lhe estendo. Com um binóculo pendurado no pescoço, aponta o bando de gaivotas que voam em V como uma esquadrilha e garante que o tempo vai mudar até amanhã. Em seguida baixa os olhos para o celular e passa um bom tempo trocando mensagens e rindo de alguma piada, talvez de cenas de sexo bizarro. Sentindo-me a sobrar ali, agradeço-lhe mais uma vez por me salvar a vida e me despeço, alegando que preciso retomar o trabalho. Ele me julgava aposentado, pela minha aparência e pelas horas de ócio na praia, mas não parece disposto a alongar a conversa:

— Vai com Deus.

Já retornou ao celular, quando de saída lhe digo que sou escritor, o que desperta seu interesse:

— Jornalista?

— Escrevo livros.

— Livros de reportagem?

Deve ter se animado a dar entrevistas, e para não o desapontar, afirmo sem mentir que posso até retratá-lo num romance.

— Você quer contar minhas histórias?

— Posso inventar mais algumas, se você permitir.

— E se eu não gostar?

— Troco seu nome.

— E as suas histórias você também inventa?

— Claro, no meu livro posso ser quem eu quiser. Posso até te salvar de um afogamento.

— Você no livro é branco ou preto?

— Hein?

— É preto ou branco?

— Boa pergunta.

Percebo que nos romances nunca me preocupei em explicitar a minha cor. É curioso que, num país onde quase todo mundo é preto ou mestiço, autor nenhum escreveria “hoje encontrei um branco…”, ou “um branco me cumprimentou…”, ou “o sargento Agenor é um branco bonito de presumíveis quarenta anos, se bem que os da sua raça…”.

— Eu sou mais de novela, mas a minha esposa é chegada à leitura.

— Do que é que ela gosta?

— Só falando com ela. Quer conhecer meu cafofo? É logo ali no Vidigal.

— Vai ser um prazer.

— Passa aqui qualquer dia no fim do turno. A gente vai na minha moto.

— Ótimo. Vou levar um livro meu para ela.

— Ela vai ficar orgulhosa de eu ser chapa de um escritor.

— Vai ficar orgulhosa de você ter resgatado um escritor.

— Olha ela aqui — diz, me passando o celular. — Se você puder, põe ela no livro também.

É uma garota ruiva e sardenta.

— Só não quero que mude a cor da Rebekka.

2 de março de 2019

Caro Duarte,

Antes de tudo, minhas escusas pelo aspecto desta carta, redigida em frente e verso das folhas do caderno do seu gentil porteiro, que outrossim me cedeu sua cadeira. Eu esperava lhe falar presencialmente, mas depois de se comunicar com você por interfone, ele me informou que não tem ninguém em casa. No frigir dos ovos sinto-me até mais confortável ao discorrer por escrito, que é como melhor me expresso por dever de ofício. Só lamento se você se aborreceu com alguma coisa aquela noite, mas por conta da bebedeira não me lembro se fui inconveniente. O que eu tinha a tratar com você desde a outra sexta-feira eram assuntos do seu interesse, simples assim. Como você não apareceu no clube conforme o combinado, tentei localizá-lo por intermédio da sua editora, que não deu retorno ao meu e-mail. Mais uma vez aguardei-o ontem, nova sexta-feira, e hoje tomo a liberdade de procurá-lo em casa por insistência da Denise. Eu não me daria esse trabalho se não fosse meu orgulho por ter tido um romancista fora de série como colega de classe. A Denise também acha que, ao ver um poeta como você à beira da penúria, eu não poderia cruzar os braços na minha zona de conforto. Pois veja: calhou de um cliente amigo, por feliz coincidência, ser próximo de um produtor de Los Angeles que costuma investir em filmes de baixo orçamento, inclusive com roteiros adaptados de literatura latina. É uma pena que seus livros ainda não tenham sido publicados em inglês, mas se você providenciar a tradução de uma de suas obras, ou pelo menos uma sinopse, o produtor se compromete a examinar o material.

Não pretendo importuná-lo mais. Se precisar de alguma outra coisa, ou simplesmente quiser tomar uns tragos, saiba que aqui terá sempre um amigo para chamar de seu. Deixo com esta o cartão de visita do meu cliente. Desejo-lhe boa sorte.

Um abraço e lembranças à esposa,
Fúlvio Castello Branco

Rio, 5 de março de 2019

(Terça-Feira Gorda)

Maria Clara querida,

Só hoje, apesar da batucada que me invade a janela, consigo responder à sua mensagem de meados de janeiro, pois estive atarefado demais com meu romance. Calculo que em três ou quatro meses poderei encaminhá-lo à editora, não sem antes submeter ao seu crivo, se não for lhe pedir demais. Já lhe sou muito grato por não me pressionar com legítimas cobranças, e pelo menos as pensões alimentícias insisto em regularizar assim que o livro for lançado. Tenho de fato passado por dificuldades e não duvido que, pelas fofocas correntes entre os porteiros, você já saiba que sou um locatário inadimplente. Brevemente terei que me mudar para um apartamento mais em conta, em bairro distante. Mas não o farei sem matar a saudade da sua polenta e, quem dera, me conciliar enfim com o amargor do seu chimarrão.

Nosso filho com certeza lhe contou que nos encontramos por alguns minutos dias atrás. Na mesma medida que me enterneceu vê-lo assim espichado, desenvolto, polido, agravou-se meu arrependimento por ter sido um pai relapso num passado recente. Como mau marido, sei que para mim não há redenção possível, mas agora que vivo só e sem empecilhos, pretendo restabelecer com o menino a relação de afeto que não tive com meu pai. Fui um pai tardio; cronologicamente, estou mais distante do meu filho que da geração do meu pai, em que pais e filhos não se beijavam. Mas não me perdoarei enquanto não puder embalar meu menino na cama com um acalanto desafinado e um beijo na testa.

Last but not least, venho lhe lançar um repto. Você já não precisa provar a ninguém que é a mais competente tradutora de inglês em língua portuguesa. Agora chegou a vez de desafiar um tabu na sua profissão: proponho que você se aventure na tradução em sentido inverso. Se alguns autores são mestres em escrever diretamente em língua estrangeira, o que a impediria de traduzir para o

inglês textos da língua materna? Você poderia operar ao revés até por mero desfastio, como digamos uma campeã olímpica de crawl que se dedicasse a disputar medalhas no nado de costas. Eis uma ideia para discutirmos dia desses. Você ainda tem meus romances?

Beijos

P.S.: Veja só a cartinha que descobri no meu computador. Foi escrita há vinte Carnavais. A versão manuscrita que então lhe entreguei você não há de ter guardado.

Rio, 12 de fevereiro de 1999

Adorável Srta. Maria Clara,

Obrigado por devolver minha última carta devidamente rasurada e corrigida. Só o fato de você não a ter ignorado, ao contrário das precedentes, já me conforta o pobre coração. Aceito com humildade a chacota contida em suas justas correções, esperando lhe dar menos trabalho desta vez. Presumo que tenha achado risíveis minhas veleidades literárias, mas a chance de ter despertado um minúsculo sorriso nos seus lábios já me conforta novamente o coração espezinhado.

Não conto vê-la nestes dias de Carnaval carioca, pois desconheço sua morada, e senhoritas do Sul não são de pular em blocos de rua. Sozinho, miserável, ardendo em febre, ficarei de cama até a Quarta-Feira de Cinzas, quando de novo posarei de professor visitante, ou aluno veterano, às portas da sua faculdade, fora da vista do amiguinho que a espera num carro de vidros opacos. Ao meio-dia você passará por mim zunindo (minuano?), e sem dizer palavra embolsará rapidamente a carta que hoje lhe escrevo. Nada me custa sonhar que algum dia a senhorita se digne a parar alguns segundos, para me sorrir encabulada e deslizar um bilhete de sua lavra, temerosa de ter cometido algum errinho bobo de português. A persistirem, todavia, seu silêncio e suas recusas em me conceder um tête-à-tête, mais motivos terei para lhe agradecer. Estarei encorajado a lhe escrever tantas cartas amorosas, que até a virada do milênio serei efetivamente um escritor, autor de alentado romance epistolar. Mais: se é verdade que todas as cartas de amor são ridículas, duplamente ridículas serão as de mão única, e em louvor da srta. Maria Clara publicarei o livro antológico da ridicularia.

Com o coração em chamas,

Duarte

6 de março de 2019

Ao descer de casa para deixar minha carta na portaria da Maria Clara, deparo com a rua interditada e um buzinaço. Pensei que fosse mais um bloco temporão de Carnaval, mas não. No meio da rua em frente ao prédio dela estão de través quatro viaturas da polícia com luzes azuis e vermelhas a girar na capota. Mais abaixo, vejo uma extensa fila de carros parados, incluindo o ônibus escolar do meu filho. Meu filho está logo ali, digo tolamente ao policial, que com a coronha do fuzil me barra a passagem. Junto-me a outros moradores, transeuntes e um motoboy atrás do muro da casa do cônsul japonês, de onde se tem uma visão parcial do prédio da Maria Clara. Ali dentro há um assaltante com um refém, alguém me informa em surdina, e os cochichos à minha volta dão a impressão de estarmos num set de filmagem, ou assistindo à gravação externa de uma telenovela. No silêncio da rua, a única voz altissonante é a de um policial, que pelo megafone dá instruções ao protagonista da ação. Recomenda ao assaltante que saia tranquilo do prédio, que não maltrate o refém e confie na justiça, palavras que destoam do som metálico do megafone. No interior envidraçado da portaria vejo agora dois vultos que, segundo um grandão careca ao meu lado, são o marginal e o porteiro. O grandão sussurra ainda que o assalto foi denunciado à polícia por um vizinho, porque uma moradora do prédio gritava por socorro. Não me permito pensar na Maria Clara, que no bairro inteiro seria a última a ser assaltada, pois fora os livros não guarda em casa nenhum objeto precioso. Já agora posso ver à saída da portaria o mulato encapuzado que rende o porteiro por trás, com o braço esquerdo em torno do pescoço e o cano do revólver no ouvido direito. Assim encoxados avançam a passos curtos no pequeno pátio entre o prédio e o portão da rua, onde quatro policiais os esperam com os fuzis abaixados. O do megafone lhe ordena que se deite no chão com o refém e solte a arma, mas a dupla segue em frente arrastando os pés até o portão. O

bandido cutuca o revólver feito um cotonete no ouvido do porteiro, que aciona o controle remoto do portão. Quando eles pisam a calçada, os policiais retrocedem dois passos. A dupla avança mais um passo, a polícia recua outros dois. Aí o bandido olha à direita e à esquerda, olha para o prédio que ficou para trás, e está claro que é um amador, não tinha previsto um plano de fuga. Fodeu, diz o motoboy. Aparentemente a fim de se entregar, o assaltante solta o porteiro e baixa a arma, mas de repente sacode a cabeça e cai duro no chão. Foi um tiro na testa que tomou, disparado talvez de alguma janela vizinha por um atirador de elite. Deitado de costas, se contorce inteiro ao levar mais uns tantos tiros à queima-roupa. Depois que se aquieta, os meganhas continuam baleando o cara, na barriga, no peito, no pescoço, na cabeça, eles o matam muitas vezes, como se mata uma barata a chineladas. Aos hurras e aplausos, os espectadores descem dos prédios e dos carros e correm para o palco da façanha. O policial do megafone retira de um golpe o capuz ensanguentado do sujeito, e na sua cara deformada reluto em identificar meu conhecido, o passeador de cães. A polícia não consegue impedir que os presentes chutem seu corpo, e estremeço ao ver meu filho a se aproximar. Consigo desviá-lo do morto, mas ele só quer se juntar aos policiais, que posam para selfies com seus admiradores. Arranco-o dali, puxo-o pelo braço para dentro do prédio e já do elevador ouvimos os latidos do seu cachorro. Toco a campainha, ninguém atende, grito por Maria Clara, pergunto se o menino não tem a chave, mas ele não a encontra na mochila. Insisto com a campainha, esmurro a porta, o menino chora aos berros e o labrador não para de latir. Jogo-me contra a porta de madeira maciça, até que a Maria Clara a entreabre com uma cara mais pálida do que já tem por natureza. Está envolta numa toalha de banho, tem os cabelos a pingar nos ombros e me olha como se não soubesse de quem se trata. Olha o filho, balbucia alguma coisa, mas ele já foi se abraçar ao cão, que estava fechado na saleta do meu antigo escritório. A sala de estar está revirada, os quadros jogados por toda parte, o sofá arrastado para longe da parede, e na cozinha até a geladeira está tombada no chão. Ao se voltar para o

seu quarto, Maria Clara me permite ver marcas de unhas nas suas costas, suas costas, aquelas costas, sulcos vermelhos em sua pele quase transparente.

Seguidos do porteiro, dois policiais entram no apartamento chamando pela moradora, e por pouco não invadem o quarto onde Maria Clara deve estar nua. Ela está se vestindo, explico, e ao me ver fechando seu caminho, pedem meus documentos e me perguntam com rudeza o que faço ali. Eu era passível de ser detido como suspeito de cumplicidade no crime, se não me salvasse o testemunho do porteiro, que me viu subir com o filho depois da ação policial. Eu não devia ter entrado no local antes das autoridades, insiste um capitão mais empombado, ao que retruco que as autoridades demoraram lá embaixo tirando fotos com a galera. Estou para ser preso por desacato, quando o aparecimento da Maria Clara toda de preto impõe gravidade no recinto. Ela vai diretamente para a saleta onde o filho continua agarrado ao cão, se agacha para beijá-lo, mas é rechaçada com um resmungo. O major nos comunica que devemos evacuar o local, que será isolado e preservado até a chegada da perícia. Tudo bem, posso abrigar a família em casa, mas o major nos comunica que dona Maria Clara precisa seguir para a delegacia, a fim de fazer o registro de ocorrência e o exame de corpo de delito. É o que manda a lei, segundo o major, malgrado a resistência da Maria Clara, que não tem queixa a prestar, pois tudo o que aquele pobre-diabo lhe fez foi bagunçar sua casa atrás de um cofre inexistente. Tinhosa, por mais vulnerável que estivesse, ela seria mulher de cuspir nos cornos do major que a conduz pelos ombros, se o tivesse visto descarregar sua arma num corpo inerte no chão. Eu sou mais cordato, mas ver minha Maria Clara nos braços daquele tira, não sei se é menos cruel que imaginá-la violentada.

Uma fita amarela e preta cerca a calçada, mas o cadáver já foi removido, o trânsito na rua se normalizou e por ali só restam dois carros de polícia e uma dezena de curiosos. Cobrindo o rosto com a bolsa, Maria Clara deixa o prédio e se instala com o major no banco traseiro da viatura que acionou a sirene. O major convida o menino a entrar também, mas ele resiste e senta em cima do cachorro, que estava propenso a aceitar o passeio. O capitão nervosinho ordena ao garoto

que se decida de uma vez: segue com a mãe ou fica com o pai. Fico com ele, diz o garoto, referindo-se ao cão. Acabam por se amontoar todos no banco, o major, a mãe, o filho e o labrador, que da janela parece rir de mim com a língua de fora.

9 de março de 2019

Pouco afeito a dramas, não fiz mal em postergar por alguns dias minha visita à Maria Clara, que me parece refeita. Oferece-me um café na cozinha, e ali mesmo se dispõe a falar do seu novo projeto literário, tema recorrente ao qual eu apenas fingia dar atenção no passado. Desta vez, contudo, perplexo a escuto dizer que após anos e anos lidando com a prosa anglófona contemporânea, por desfastio lançou um repto a si mesma. Sem tirar nem pôr, usa palavras emprestadas da carta que no dia sinistro não tive ânimo de lhe entregar. Três anos de separação, pelo visto, não cancelaram os treze do nosso casamento. Persiste aquela antiga sintonia, para não dizer telepatia, que frequentemente nos fazia rir à beça, por nos surpreendermos a falar a mesma coisa ao mesmo tempo. Só falta agora a Maria Clara dizer que vai verter para o inglês tal ou qual romance meu, mas não é bem assim. Pela primeira vez na vida ela se arroja a traduzir poesia, e não vai deixar por menos: planeja traduzir a obra completa de William Shakespeare, porventura para o português seiscentista. Viro o café de um gole só e digo: bacana. Para não ser lacônico, acrescento que maior desafio que esse, só… traduzir Camões para o inglês, ela completa comigo, e ri sozinha. Sai da cozinha a falar e falar, talvez sem se dar conta que me conduz ao nosso quarto de casal, se é que posso chamá-lo assim. Desde sempre ela estabeleceu no quarto seu ambiente de trabalho, a estante de livros, a escrivaninha com o computador e a cadeira anatômica rente à cama, para onde às vezes passava sem trocar de roupa, exaurida. Costumava traduzir dois, três, quatro autores alternadamente, e enquanto os lia soltava risinhos e interjeições que me roíam de inveja, porque a leitura dos meus originais não suscitava semelhantes reações. Não raro ela ainda estava na labuta quando eu ia me deitar, constrangido a dividir a cama com os livros ali largados, aquela suruba de autores ingleses e americanos, como eu gracejava para despistar meu ciúme infame. Hoje, pelo

menos, os livros na cama são de um bardo com quem prefiro não competir, até porque ninguém sabe direito quem é o verdadeiro autor da sua obra. Nem me aborrece ouvir Maria Clara a falar maravilhas das tragédias, dos sonetos e do rimário recém-adquirido, porque não abre mão das rimas e da métrica na tradução que tem em mente. Fala isso me mostrando os clássicos na estante, e embora não faça frio, tem uma manta de tricô a cobrir suas costas, aquelas costas cândidas que ainda outro dia vi lanhadas. Estou a pique de lhe pedir para ver de novo, mas ela agora me aponta a última prateleira rente ao teto, onde não há livros. Há somente peças de artesanato e uma novidade que ela quer me mostrar: tu que és alto alcanças para mim meu utensílio? Mais para o fundo, atrás do sanfoneiro, ela diz, e depois de tatear aqui e acolá, toco um objeto gelado. Quando vejo, o utensílio é um revólver, um revólver igual ao do meu pai que quase cai da minha mão amolecida: o que é isso, Maria Clara? Isto é isto, ela diz. E ri: não me digas que isto te mete medo.

Despeço-me dela com um aceno e pelejo na porta com o cão, que insiste em sair comigo do apartamento. Meu amor!, fala a Maria Clara, para imediatamente se corrigir: Duarte! Ela vem do quarto com uma coleira e uma guia, a que o cão se submete de bom grado, com as patas dianteiras nas suas coxas. Pede que eu dê uma volta com ele, se não for um transtorno. Já que estou sempre a caminhar à toa por aí, o ideal seria que eu o levasse a passear duas vezes por dia, diz ela, porque o guri só o faz quando lhe dá na telha. Recomenda que eu desça pela escada, porque no elevador a síndica só autoriza pets de colo. Duarte!, Duarte!, me chama quando já desci um lance. E joga na escada um saquinho de plástico azul: é para a caca.

16 de março de 2019

Napoleão não quer mais filhos, acha que o seu já lhe dá muito trabalho. Ele não diz, mas é sem dúvida a ex-mulher que não admite dividir a herança com uma boca a mais. Na qualidade de primeira amante, eu poderia enfrentar a anciã, mas preferi ficar na paz de Deus e me readaptar a métodos anticoncepcionais. Conheci homens maduros que rejeitam o uso de preservativos, talvez por associação com experiências traumáticas em sua iniciação nos puteiros. O Duarte, por exemplo, ficou ofendido na única oportunidade em que lhe apresentei uma camisinha, sentiu-se acusado de ter alguma doença feia. Já o Napoleão, pelo contrário, talvez nostálgico das putas, quando em nosso primeiro encontro lhe pedi que a dispensasse, brochou. Depois que a vestiu, porém, devo confessar meu feliz espanto, tanto assim que no auge do ato inadvertidamente gemi: Duarte… Ele interrompeu o coito para me perguntar se eu ainda sentia falta daquele vagabundo, o que me levou daí em diante a policiar minhas efusões. Um tempo depois, estressado com os negócios, ou com o filho, ou com os negócios do filho, ou simplesmente porque os aditivos já não surtiam efeito, Napoleão entrou numa fase de fraca libido. Até que um dia, sentado na cama cabisbaixo, me sussurrou que o chamasse novamente por aquele nome, e desde então Duarte passou a ser nossa palavra mágica. Já vivi lances parecidos com outros parceiros, e não aludo a fetiches cafonas como uniformes militares ou de serviçais. Às vezes uma simples troca de nomes basta para um homem provar o prazer de ser corno sem ser corneado. O Duarte era um que volta e meia me pedia para chamá-lo de Zezinho, Geraldo, Tibiriçá, nomes imaginários ou, sei lá, de jogadores de futebol. De outras feitas me fazia criar eu mesma seus nicknames, Maurício, Gonçalves, Negão. Uma vez o chamei de Fúlvio, e ele me fitou ressabiado, me fez jurar que não conhecia ninguém com esse nome. Não

tenciono, mas se por acaso algum dia eu tiver um revival com ele, vou experimentar chamá-lo de Napoleão.

23 de março de 2019

— Alô? Alô? Oi, Bia. Eu não estou te ouvindo. Bia? Alô? O sinal está fraco, Bia, deixa eu ir lá fora. Alô. Pronto, o que houve? Ah, de novo? Eu pensei que fosse coisa importante. Sei. Mas não vai dar para ficar falando, eu estou na casa dele. Sério, por que é que você cismou comigo? Ora, Duarte, o que não falta é mulher solteira e carente na praça. Qualquer uma, por que tem que ser eu? Tarada, eu? É você que na cama parece um chimpanzé, um bonobo. Eu já vou ter que entrar, Duarte. Estão me esperando. Algum dia, talvez. Semana passada era mais fácil, ele viajou com o filho. Eu vou pensar. Mas só se for para tomar um uísque e nada mais. Ah, ha ha, gostou de eu te chamar de Bia? Amanhã eu não posso, nem adianta ligar. A semana inteira eu estou cheia de compromissos. Sociais, profissionais, uma coisa puxa a outra. No outro domingo? Eu acho que pode ser. Espera aí, dia 31 eu tenho jantar no Palácio Guanabara. Canalha por quê? Agora para você é todo mundo fascista. Você conhece ele? Pois é super boa gente. Eu fui sondada para renovar o mobiliário do palácio, só para você saber. Seu idiota, o Napoleão não tem nada a ver com isso. Você continua o mesmo, só quer me jogar para baixo. Você é um fracassado, Duarte. Um loser, é isso que você é. Cai fora, Duarte. De uma vez por todas, cai fora.

24 de março de 2019

Rebekka é uma branquela de vinte e poucos anos, fala português com sotaque e zangou com o Agenor ao me ver chegar na garupa da moto; se estivesse prevenida, teria se arrumado para receber visita tão ilustre. Usa um shortinho branco com os fundilhos sujos de terra, porque se ocupava com crianças na horta comunitária. Pede que eu não repare na bagunça da sala, manda o Agenor me servir alguma coisa e sobe para tomar banho.

O dito cafofo deles no alto do morro é uma casa de alvenaria de três andares, acrescidos de um terraço semicoberto por um telhado de amianto. Desde a viela que lhe dá acesso, a casa me chamou a atenção pela fachada de azulejos transversais verdes e amarelos. Faz calor lá dentro, mas o Agenor liga o ventilador de teto e me oferece uma cerveja gelada. Pela janela descortinamos as praias do Leblon, de Ipanema, do Arpoador e o oceano com suas ilhas e barcos, sob um céu de nuvens cor-de-rosa no fim de tarde.

— Não troco isto aqui por lugar nenhum. Já me mudei quatro vezes aqui no morro, uma casa para cada casamento. A Rebekka eu também não troco mais por mulher nenhuma.

Acredito, tendo notado o desvelo com que ele a viu subir a escada e agora quando desce. Rebekka vem com uma saia florida e uma blusa com a inscrição Hocus Pocus, os cabelos ruivos crespos e úmidos. Fica radiante ao receber um exemplar autografado do meu O Eunuco do Paço Real e me pergunta o significado de paço. Embora tenha pequenas dificuldades com nosso vocabulário, já se vira muito bem no português coloquial e promete dar um duro na leitura do meu romance. Comenta que a edição deve ser muito antiga, a julgar pela minha foto na orelha do livro, com cabelos pretos e um brilho nos olhos que já não tenho. A capa com a foto desfocada de um palco de teatro lhe lembra a de um romance do norte-americano H. Balthasar, de quem é superfã. Acha incrível que

eu não o conheça, mas só o recomenda no original, pois lhe disseram que a tradução brasileira é sofrível. Não, ela não é inglesa nem americana, é holandesa de Utrecht, onde o inglês é uma segunda língua.

— Conta para o nosso escritor da escolinha de crianças.

— Meu amoreco é bobo, acreditou que o senhor vai escrever um livro sobre a gente.

— A Rebekka tem quarenta alunos de inglês.

— Quarenta e um, se eu contar você.

— Mas as nossas aulas de inglês são na cama.

— Ai, que vergonha, amoreco.

— Ela também cuida da horta atrás da igreja.

— Foi meu amoreco que descolou o terreno.

— O pastor é um amigão.

— Olha o tamanho da abóbora.

Rebekka vai nos servir abóbora na tapioca, mas antes diz ao seu amoreco que quer cantar para mim. Agenor apanha um violão atrás do sofá, dedilha uma introdução e olha para a mulher, que quando canta perde o sotaque:

Manhã, tão bonita manhã
Na vida uma nova canção

Era criança quando ouviu a língua brasileira pela primeira vez, num velho vinil da família. Decorou todas as canções, que ao que parece falavam do mito grego de Orfeu, mas era um Orfeu negro das favelas do Rio. De tanto sonhar com o Rio, veio com amigos holandeses para um festival de rock, deu a sorte de esbarrar com o Agenor e acabou ficando por aqui. O amoreco era a cara do Orfeu que ela figurava na infância:

Das cordas do meu violão
Que só teu amor procurou

Assistindo àquela cena idílica, tenho a impressão que o casal se preparou a sério para fazer bonito no meu romance. Ainda mais agora com a cumplicidade do luar, que entra pela janela e ressalta as sardas no rosto da Rebekka. Até que uma barata voadora pousa no Hocus Pocus da sua blusa, o que leva o Agenor a lhe dar um tapa no peito. Rebekka reage:

— Que isso, Agenor?

A baratona cai do peito para a coxa da Rebekka.

— Deixa ela, coitada.

Agenor desfere outro tapa, que joga a barata no chão. A bicha abre as asas, mas antes que levante voo, ele dá um pulo e a esmaga com a sola da sandália.

— Que horror, Agenor!

Também sou contra a violência, mas confesso que prefiro ver aquela gosma no piso de porcelanato a uma barata viva em cima da Rebekka. A própria Rebekka é que não se conforma:

— Seu bruto! Sargentão covardão!

— Tá doida, Rebekka?

— A barata era do bem.

— Andou fumando de novo, é?

— Você é que é um beberrão.

Arranca o copo da mão dele, entorna a cerveja pela janela e se recolhe chorosa à cozinha. Ele vai atrás dela, e já na porta da rua sou obrigado a escutar:

— Se me tocar dou queixa na delegacia de mulheres.

— Fala baixo, Rebekka.

— Não me confunda com as suas negas.

Ao me alcançar na rua, o Agenor ainda tenta me reter:

— Espera pelo menos a tapioca.

— Obrigado, tenho um jantar de família.

— Eu te levo.

— Deixa que eu pego uma condução lá embaixo.

— Eu e a Rebekka não somos assim.

— Entra, limpa a barata e faz um chamego na tua mulher.

— Vai com Deus.

Depois de descer a viela escura, fico em dúvida sobre a direção a seguir. À direita passam duas ratazanas do tamanho de gatos gordos. À esquerda, entro numa rua de terra sem saída, que dá numa rocha onde parece haver uma boca de fumo. Observado pelos supostos traficantes, dou meia-volta, penso em retornar à casa do Agenor, mas a viela agora está tomada por um grupo de cinco ou seis homens. Pego o caminho das ratazanas e daí a pouco me vejo a correr rua abaixo sem olhar para trás, guiado por uma luz fria e música alta. É um pagode no som de um carro parado em frente a um bar vazio e muito iluminado, com uma mesa de minissinuca no meio. Os fregueses bebem e se refrescam do lado de fora, encostados no carro musical ou sentados em suas motos. Olham para mim, se entreolham, e um gordinho com calça de couro se adianta:

— O amigo deseja alguma coisa?

— Não desejo maconha nem cocaína, não possuo cartão de crédito nem celular. Só tenho uma nota de vinte e quero voltar para o Leblon.

— É comigo mesmo, chefia — diz o gordinho, que me passa seu cartão de visita e em dez minutos me deixa de mototáxi em casa.

2 de abril de 2019

Um jantar de gala no Palácio Guanabara celebrou o lançamento da campanha Brasil: O Futuro é Hoje. O governador do Rio de Janeiro, ministros de Estado, embaixadores de países amigos, herdeiros da Casa Imperial, autoridades militares e eclesiásticas, entre outras figuras insignes da nossa sociedade, acomodaram-se em mesas espalhadas nos jardins do palácio, onde eram servidos por maîtres e garçons em trajes de cavaleiros templários. A apoteose da noite se deu com a apresentação do Orfeão Nossa Senhora de Fátima, composto de uma orquestra de câmara e um coro de trinta e dois castrati que, sob a regência do maestro Amilcare Fiorentino e tendo à frente o jovem virtuose Ezequiel da Babilônia, extasiaram os convivas com a execução do Hino Nacional.

É corriqueiro que notícias na imprensa originem relatos ficcionais, mas o vice-versa não fica muito atrás. Falo por mim, que não pretendo escrever sobre cavaleiros templários, mas a cada vez que os jornais mencionam cantores castrados, me sinto talhado na carne. Não custava nada citar de passagem meu livro de estreia, o romance histórico O Eunuco do Paço Real, que tratava do assunto muito antes de os castrati andarem em voga no Brasil. O livro já tem uns dezoito anos, mas mereceu sucessivas reedições, e qualquer foca deve conhecer seus recordes de vendas e os prêmios literários a que fez jus. Na ocasião, um ensaio sobre o romance, em publicação de grande prestígio, destacou a meticulosa reconstituição dos costumes na corte de d. João VI, desde Lisboa até o Rio de Janeiro do início do século XIX. Nas palavras do crítico, a presença na comitiva real do famoso castrato italiano Abelardo Nenna, assíduo na alcova da rainha, “se não é vera, é um bom achado”. O sucesso de um calouro na literatura, contudo, sói cobrar um preço impagável, e não é lenda a maldição do segundo livro. Instigado pelo meu editor, cedi à tentação de dar sequência à narrativa de

O Eunuco, quando é notório que glórias requentadas, como os próprios castrati, não dão frutos. A sombra daquele triunfo pairou sobre meus romances ulteriores, em cujas contracapas o Petrus insistia em ajuntar a meu nome o epíteto “Autor de O Eunuco do Paço Real”. Já agora que O Eunuco se encontra somente em sebos virtuais, o Petrus na certa aproveitará para relançá-lo a fim de, como ele diria, turbinar as vendas deste meu novo romance.

3 de abril de 2019

Para um escritor ambulante como eu, achei que sairia barato fazer um agrado na Maria Clara e levar seu labrador para passear de quando em quando. Agora, atrelado a ele, sou obrigado a andar torto e seguir caminhos indesejados, à mercê de suas digressões. A cada meio minuto me sujeito a marcar passo, interrompendo o fluxo do meu pensamento para vê-lo fazer suas necessidades. Se sou eu a parar na calçada, a fim de fixar na mente algum lampejo, ele me puxa pela guia para se estranhar com um gato ou um pit bull. Assim vamos nos debatendo até a vizinhança da Maria Clara, quando ele se solta numa arrancada violenta, atravessa a rua desembestado e enfia o focinho entre as grades do prédio. O combinado era que o porteiro abrisse o portão para o cão subir as escadas na carreira, assim como sempre desce sozinho arrastando a guia. Desta vez, porém, o porteiro vem me avisar que dona Maria Clara foi ao médico com o filho, e a síndica não permite a permanência de pets na portaria. Como não uso celular, nem ele tem o número da Maria Clara, a solução seria levar o cão para a minha casa, se ele não empacasse diante do portão, ameaçando quem o quisesse demover. Só me resta sentar com o bicho no meio-fio e aguardar, torcendo para que nada de mais grave tenha sucedido ao meu filho. Não me desaproveita assistir à passagem de um ou outro transeunte, um entregador, um carteiro, babás de branco com carrinhos de bebê, jovens com roupas de academia, um vendedor de vassouras de piaçava ou garis recolhendo lixo. Ao anoitecer, porém, com o animal mais dócil, ou entediado, tenho a oportunidade de passar com ele em casa, tanto para esvaziar a bexiga quanto para transcrever as palavras que me ocorreram nesse meio-tempo. Mijo copiosamente com a aquiescência do cão, mas basta sentar ao computador para ele resolver me atazanar. Depois de cheirar meus colhões, pega a girar atrás do próprio rabo, à semelhança dos meus habituais circuitos pelo apartamento. Como a Maria Clara não atende às minhas

ligações, ainda o distraio com um dos meus velhos romances estocados, que ele destroça em menos de cinco minutos. Deve estar faminto, pois agora abocanha o jornal no chão do banheiro e começa a mastigar notícias: soldados disparam oitenta tiros contra carro de família e matam músico negro. É realmente impossível dar vazão às minhas fantasias na presença daquele cachorro que late, rosna, fareja sob a porta. Só sossega quando recoloco sua coleira, e à saída do prédio dou com o meu filho, que chegava no mesmo momento para buscá-lo. Parece bem-disposto, e interpreto seu olhar como um chamado para acompanhá-lo até em casa.

A porta do apartamento está encostada, e enquanto os dois vão para a cozinha, espero na sala pela Maria Clara. Como ela não aparece nem me responde, bato à sua porta entreaberta, entro no quarto de manso e a encontro deitada em posição fetal de saia e blusa, as coxas nuas. Sopro seu nome, mas ela dorme a sono solto, e não sei com que recato cubro suas pernas com o lençol. Em anos de casamento, nunca vi nossa roupa de cama tão amarfanhada, nem seus livros assim abertos de borco no chão. A que médico vocês foram?, pergunto na cozinha ao meu filho, que entretanto caiu de boca num balde de pipoca, tal qual o cachorro na vasilha com a ração. Quando o menino passa para o quarto, torno a indagar do médico, mas ele faz que não me escuta. Fala uau, fala hey, dá uns pulinhos, depois tira o calção e se deita de cuecas sem despir a camisa de Batman. Não vai escovar os dentes?, pergunto, mas é o mesmo que interrogar o cão, que já ressona ao pé da cama. Busco uma ponta de cama para me sentar, pigarreio, invento de cantar baixinho a canção da Rebekka, e me emociona ver meu filho adormecido antes do terceiro verso. Ainda escuto umas longínquas batidas de funk, e só então percebo os fones, que retiro dos seus ouvidos com zelo de mãe. Reprimo a vontade de passar os dedos entre seus cabelos, como mamãe passava entre os meus, igualmente encaracolados: meu filho.

Rio, 6 de abril de 2019

Ao síndico do Edifício Saint Eugene

Sou a dra. Marilu Zabala, moradora do 201, e venho lhe externar minhas preocupações com o estado atual do nosso condomínio. As últimas medidas de contenção de despesas, necessárias embora, afetaram nosso padrão de vida e merecem alguns ajustes. Com a redução pela metade no nosso quadro de funcionários, contamos hoje com um único faxineiro, encarregado da limpeza das áreas comuns, com resultados visivelmente insatisfatórios. Sugiro que um ou dois funcionários terceirizados assumam a faxina mais pesada na folga semanal do efetivo, sem onerar nossa folha de pagamento com encargos sociais. A dispensa do vigia noturno, a meu ver, trouxe consequências mais inquietantes, por afetar a segurança de cada um de nós. Sem a mediação de um porteiro, ao abrirmos o portão pelo interfone de nossos apartamentos, damos azo a que elementos estranhos se infiltrem dissimuladamente na esteira de visitantes e entregadores. Sugiro uma câmera acoplada ao portão, em conexão com monitores em cada unidade do prédio, solução que não há de ser muito custosa e atenuaria nossa sensação de vulnerabilidade.

A reforma da fachada, a pintura dos interiores, a troca do piso da garagem, tais são providências que, como diria o vulgo, vamos empurrando com a barriga. Se quisermos enfrentar a fundo a origem dos nossos problemas, todavia, teremos de repensar a situação de moradores que não honram suas dívidas com a administração do imóvel, sobrecarregando os demais com taxas extras. É preciso ter em conta que o Edifício Saint Eugene, até pouco tempo um dos mais conceituados do bairro, é tradicionalmente destinado — e aqui não entro em considerações sociológicas ou assemelhadas — a famílias com poder aquisitivo acima da média. Sei que as contas dos condôminos são mantidas em sigilo pelo síndico, mas custa crer que o locatário do 702, por exemplo, que

notoriamente não paga seu aluguel, esteja em dia com as taxas de manutenção. Como juíza federal, também sei que o domicílio é inviolável, porém beirou o insulto a recusa daquele inquilino em abrir a porta para o bombeiro hidráulico por nós contratado há cerca de um mês. Para ser franca, lamento que o senhor não tenha acionado prontamente a companhia de seguros, fiadora do 702, cujo banheiro apresentava vazamentos que não foram estancados até hoje, provocando sérios danos no apartamento 602. Não sendo atendido em seus justos reclamos, como é do seu conhecimento, o locatário do 602 abandonou o imóvel, que desde então permanece lacrado, pois há disputa pelo espólio do recém-falecido proprietário. Acresce que, segundo apurei, no teto do 502 já despontam as primeiras goteiras, e não falta muito para que num efeito cascata — sem ironia — toda a coluna 02 fique comprometida. Será que teremos de assistir passivamente à ruína do nosso Saint Eugene?

Respeitosamente,
Marilu (201)

11 de abril de 2019

Excelentíssimo Senhor Juiz de Direito [...] AÇÃO DE DESPEJO POR FALTA DE PAGAMENTO C/C COBRANÇA DE ALUGUERES E ACESSÓRIOS DA LOCAÇÃO E PEDIDO DE TUTELA DE URGÊNCIA [...] Sob o pretexto de estar desempregado, o Réu não paga os aluguéis [...] Mesmo depois de diversas tentativas de recebimento amigável [...] com espeque nos artigos 300 e seguintes do Código de Processo Civil, está plenamente justificada a ordem de despejo por descumprimento contratual [...] desocupação voluntária do locatário, ou pagamento, por parte dele, no prazo de 15 (quinze) dias [...] vencido este prazo, a partir da data de notificação, será efetuado o despejo, se preciso for com o emprego da força, inclusive arrombamento (art. 65 da Lei n. 8245/91) [...]

DEFERIMENTO

Rio de Janeiro/RJ 11/04/2019

12 de abril de 2019

— Você é filho do desembargador Duarte?

Devo ser, embora tenha cansado de ouvir meu pai dizer que filho seu não faz isso, filho seu não faz aquilo; minha vontade era lhe perguntar onde diabos andava e o que fazia o tal do filho seu. Homem de princípios, papai era implacável com minhas falhas, desde maldades banais de criança até eventual tibieza de caráter na adolescência. De certa forma, foi até bom ele não ter vivido para ver seu filho, depois de velho, fazendo papel degradante à porta de um clube, praticamente um mendigo como os que o Fúlvio gosta de espancar. É um fim de tarde de sexta-feira, reconheço o 4×4 no estacionamento, mas há meia hora me repetem que os funcionários estão averiguando se o dr. Castello Branco está nas dependências do Country. Já é noite quando sou autorizado a entrar, e o encontro de pé na varanda a se despedir de um senhor com cara de almofadinha, que ao me ser apresentado pergunta se sou filho do desembargador Duarte. Nossas famílias se davam, e ele se lembra em menino da minha mãe na piscina da casa do seu pai: com todo o respeito, que mulheraço!

A mão pesada do meu pai parecia inibir a minha, mas um gim-tônica me libera para mostrar a ação de despejo ao Fúlvio, que a princípio não percebe o que pretendo com ele. Depois deixa claro, como eu tinha previsto, que sua banca de advocacia não se ocupa de causas irrisórias como a minha. Quem sabe um estagiário, avento sem convicção, mas o Fúlvio dá risada e me pergunta afinal quanto devo ao locador. Eu não ficaria melindrado se ele preenchesse um cheque logo de uma vez, com o que imediatamente passaríamos para conversas amenas. Em vez disso ele se admira que num casamento moderno como o nosso, eu não conte com a colaboração da minha esposa Rosane para o aluguel. Sim, conhece bem a Rosane, profissional diferenciada, que a pedido da Denise projetou uma belíssima biblioteca de freijó, a fim de transferir sua livralhada para a sede da

fazenda. Lembra que a minha mulher subiu a serra algumas vezes, fosse para inspecionar as obras, fosse para tomar banhos de piscina com a Denise. Que mulheraço!, deve estar pensando o Fúlvio, que ao saber da minha separação se diz consternado pela Rosane: também já cogitei me divorciar da Denise, mas ela não saberia levar a vida sozinha. No terceiro gim-tônica invento uma versão em inglês de um romance meu, que farei chegar a produtores cinematográficos de Los Angeles tão logo consiga os cinco mil dólares que a tradutora cobrou pelo serviço. Essa grana você capta mole mole com um crowdfunding, garante o Fúlvio, que ato contínuo se levanta e sai falando alto no celular assuntos de política. Assim circula um bom tempo pelo clube, e ao voltar me diz para ficar à vontade, pois nossas despesas de bar estão debitadas na sua conta. Pede escusas porque a Denise o espera para jantar, me dá um tapa no ombro e deixa duas notas de cinquenta na mesa. Não era a gorjeta do garçom, era sua contribuição para o crowdfunding.

Hei de sempre louvar a integridade do meu pai, mas a verdade é que ele nunca passou por apertos financeiros, que dirá uma ameaça de despejo. Era proprietário de um grande apartamento na praia do Flamengo, graças aos vencimentos que percebia com seu cargo vitalício no funcionalismo público. Poderia ter ficado rico para valer, se além do salário acumulasse gratificações, benefícios, privilégios mais ou menos legais que a carreira lhe facultava. Resquícios dos tempos imperiais, segundo ele, que dirigia o próprio carro em suas idas ao tribunal, dispensando o veículo oficial com motorista. Tratava-se definitivamente de um chato, no parecer de colegas menos rigorosos. Era como se, ao posar de vestal do templo, meu pai tacitamente os acusasse de prevaricar, auferir propinas, vender sentenças ou delitos do gênero. Em revide, eles se deleitavam a insinuar que, se o desembargador Duarte quisesse dar lições de honestidade, deveria começar sob seu próprio teto. A reputação da minha mãe rendia comentários velados até na minha escola, frequentada por outros filhos de magistrados, mas nunca a defendi nem vesti a carapuça. Para todos os efeitos eu era filho do dr. Duarte, viúvo, médico em Brasília.

Seria mais difícil renegar minha filiação, caso eu fizesse a vontade do meu pai e seguisse seus passos na faculdade de direito. Nem foi preciso contrariá-lo, porém, pois fiquei órfão aos dezoito anos e me desobriguei de cursar universidades. Fiz bicos em publicidade, em assessorias de imprensa, em telejornalismo, mas foram as economias dele que me permitiram viver por mais algum tempo no imóvel art déco em que nasci e me criei. Mantive uma das empregadas, que além de lavar e cozinhar, faxinava os vários cômodos do apartamento com especial afinco no quarto do casal, onde trocava semanalmente a roupa de cama. Não sei se o fazia por servilismo póstumo, ou por considerar que a qualquer hora eu me mudaria para lá. De fato, além de medir três vezes o meu, o aposento tinha banheiro privativo e uma vista estupenda para a praia do Flamengo. A cama deles também era três vezes a minha, mas me dava calafrios a ideia de dormir no leito fúnebre de um suicida. Por outro lado, o lado esquerdo da cama era o de mamãe, quando ela ocasionalmente pousava em casa. Ali é que ela deve ter me amamentado, e onde talvez eu voltasse a dormir sem sustos, a sonhar meus melhores sonhos. Só que o lugar do leite dela era também o do sangue dele, porque meu pai cismou com o lado da minha mãe para se matar. Além do mais, não me aprazia muito tomar o lugar onde ele talvez a procurasse para ir à forra, após meses de noites solitárias. Nem me era suportável imaginar minha mãe a se atirar para o lado dele em busca de clemência. Então vamos trepar no meio da cama, falou de repente a sirigaita, impressionada com a minha história. As sirigaitas que eu trazia para casa só queriam saber do quarto do desembargador, por causa do banheiro com bidê e da cama king-size com o marzão lá embaixo. Assim fui perdendo aos poucos a cerimônia com aquele leito nupcial, onde às vezes éramos três, quatro, oito a nos deitar, profanando todos os recantos. Por fim me amoldei à cama de tal forma que, quando tive de me mudar para um imóvel mais modesto, levei-a comigo e a encaixei num quarto onde nada mais cabia. Vinte anos mais tarde, com juras de regeneração e casamento no papel, consegui introduzir a Maria Clara no meu apartamento. Até lhe

apresentei a cama, mas ela mandou o marceneiro transformá-la em lenha para churrasco.

15 de abril de 2019

— Transmissão de pensamento!

Ao me abrir a porta, a Maria Clara diz que ia me convocar para vê-la hoje mesmo, e como prova me exibe na geladeira o que preparava para o jantar. A peça de carne temperada numa travessa é uma paleta de cordeiro, meu prato preferido do seu repertório. Ela cortou os cabelos à Chanel e usa um vestido curto que deixa à mostra as pernas avermelhadas, como as recordo nas raras vezes em que tomava sol. Diz que passou a manhã na piscina, nadou borboleta e costas, pulou de trampolim, sentiu-se menina. Estava mesmo ávida para praticar exercícios, como não fazia desde que ficou grávida. A fim de emagrecer, começou um tratamento com enzimas, e me pergunta se notei que está falando em rimas. Pretende até falar em decassílabos, enquanto trabalhar na tradução de Sonhos de uma Noite de Verão. Como na época do nosso namoro, ela se diverte, saltita, ri que ri, faz trocadilhos, me desafia com palíndromos assim: sonsa Maria Clara vê: de varal caíram asnos. Serve a ração na vasilha, faz uma festinha na cabeça do cão, em seguida me leva ao seu quarto, onde Rei Lear, Hamlet e Sonhos de uma Noite de Verão repousam na cama. Traz do banheiro um pote de creme hidratante, vira-se para a parede e me pede que baixe o zíper do vestido fechado na nuca. Mal acredito que estou a passar um creme nas suas costas ardentes, e antes que as minhas mãos se excedam, nosso filho entra em casa com estrondo. Abraça o cão, pretende passear com ele, mas a mãe não vai deixá-lo sair de barriga vazia. Põe água para ferver e cozinha para o menino um macarrão instantâneo, servido com molho de tomate enlatado, um dos piores pratos do seu repertório. Chamo-a então à parte, mas a Maria Clara já adivinhou o que me traz à sua casa; está a par do ultimato que recebi da companhia de seguros e não vai deixar o pai do seu filho na rua da amargura. Sei que ela tem uma caderneta de poupança e provavelmente investimentos em ações ou coisa que o valha. Pão-

duro como ela só, o abrir mão de uma parcela das suas reservas, apesar de módica, entendo como a mais dolorosa das demonstrações de amor. Ainda cato palavras para exprimir minha gratidão, quando a Maria Clara me leva para a minha antiga saleta, onde além da mesa de trabalho e da estante giratória, está o sofá-cama onde eu dormia nas noites em que ela me punha de castigo:

— Conversei recém com o piá. Ele alegrou-se por ficares conosco até arrumares novo paradeiro.

Mulheres têm esse dom de enredar um parvo como se lhe fizessem grande favor. Sem alternativa, aceitarei resignado a hospitalidade da Maria Clara, ciente de que entrar livremente em sua casa será como ter a chave de uma porta que não abre por dentro. A partir de amanhã vou trazer pouco a pouco a minha tralha, mas para esta noite comprei um garrafão de vinho gaúcho que estava em promoção. Estranho a demora em atenderem à campainha, e quando meu filho abre a porta sinto falta do cheiro de assado. No silêncio do apartamento escuto o deslizar dos chinelos da Maria Clara, que aparece de camisola na sala. Supondo que ela tenha se atrasado nas traduções, me ofereço para ajudá-la com o cordeiro, mas ela passa por mim com um olhar inexpressivo. Entra e sai do quarto do filho, que já está ou finge estar dormindo, assistido pelo cão com as patas dianteiras na cama.

— Cadê meu marido? — pergunta a Maria Clara.

Que eu saiba ela não tem nem nunca teve outro marido, mas minha resposta é dispensável, porque não foi a mim nem a ninguém que ela se dirigiu. Segue para a cozinha a passos lentos, abre e fecha a geladeira devagar, se arrasta até minha saleta e repete com voz pastosa:

— Cadê meu marido?

Volta ao quarto de olhos fechados e cai na cama de bruços por cima da colcha. Na sua mesinha de cabeceira encontro o seguinte:

– cartela quase completa de Frontal comprimidos 2,0 mg;

– cartela pela metade de Dormonid comprimidos 15,0 mg;

– cartela quase vazia de Lexapro 20,0 mg;

– cartela vazia de Prozac 20,0 mg;

– comprimidos dispersos não identificados.

Na gaveta da mesinha há outras cartelas e caixas fechadas destes e de outros ansiolíticos, soníferos e antidepressivos. Recolho toda aquela drogaria e por pouco não entupo a privada da Maria Clara com caixas de papelão picadas, blisters e comprimidos. Na bancada da pia, deparo com seu celular que registra várias chamadas de e para um certo dr. Kovaleski. Na caixa postal atende uma voz com sotaque argentino, a quem me apresento como marido da sra. Duarte e peço que me ligue urgentemente no celular dela ou no meu telefone fixo número tal. Deito-me no sofá-cama da saleta, chego a cochilar, sonho que estou de castigo e com dor nas costas. Desperto com dor nas costas, como sempre que dormia naquele catre, e vou olhar a Maria Clara, que ressona regularmente, atravessada na cama de casal. Ainda não amanheceu, faço um alongamento ao pé da estante, e súbito me lembro de que preciso passar em revista a última prateleira. Apalpo-a na ponta dos pés, subo na cadeira anatômica para observar melhor, mas não acho nada além de bonecos de barro. Reviro os livros de alto a baixo, e atrás do Macbeth, à altura dos olhos da Maria Clara, está o maldito revólver, que apanho com a ponta dos dedos. Preciso dar um sumiço nele, e meu primeiro impulso é atirá-lo pela janela, sem fazer ideia se está carregado ou não. O revólver não cabe no bolso raso do meu moletom, e antes de entrar no elevador penduro a coronha na cintura elástica por dentro da calça, com a arrepiante sensação do cano frio a me roçar a virilha. Resulta um volume suspeito, meio priápico, que não escapa aos olhos do delicado porteiro da noite. Não há movimento lá fora, mas à medida que subo a ladeira percebo que a cintura elástica se afrouxa, incapaz de sustentar o peso da arma. Passo para o outro lado da rua, onde naquele trecho não há prédios, e busco dentro da calça o revólver que já descia pela minha coxa esquerda e sabe lá se não dispararia ao cair no chão. Na calçada estreita e escura, sigo meu caminho com o revólver na mão,

sem perigo de topar com pedestres a esta hora da madrugada. Sinto-me invisível até que o segurança da casa do cônsul japonês me saúda:

— É isso aí, mestre! Tem que acabar com a raça desses bandidos!

O vozeirão ecoa, e logo surgem vultos nas janelas, gente que ergue o polegar e aclama:

— Estamos juntos, guerreiro! Contamos contigo, campeão!

16 de abril de 2019

— Dr. Kovaleski? Ah, é você. Não, estou sozinho. Sim, pode falar. Eu não, eu nunca mudo de ideia. É, sou mesmo um turrão. Não entendi. Repete. Mesmo? Claro que sim. Amanhã? Está muito em cima, não sei se vai dar. Calma, calma. Espera aí, não desliga. Amanhã dou um jeito. Nove da noite, ótimo. Na sua casa? Está bem, mas e o cara? O cara esse, você sabe. Nunca lembro o nome, é Júlio César? Isso, Napoleão, eu sabia que era um soldado. E se ele resolver aparecer? Medo nenhum, é só para saber se vou armado. Nunca mesmo? Nunca dormiu na nossa cama? Daqui a pouco vai dizer que nunca deu para ele. Desculpa, Rosane, foi você que falou dele. Está bem, não vamos brigar por causa do velho. É, eu também sou, mas ainda pego jacaré. Você vai ver amanhã. Me aguarde. Um beijo, até.

O dr. Kovaleski mede quase dois metros de altura, e ao vê-lo abrir a porta da Maria Clara, cheguei a pensar que fosse o tal marido por quem ela tanto perguntava. Protesto por ter passado a noite em claro à espera do seu telefonema, mas ele alega não ser ético falar de seus pacientes com desconhecidos. Ser chamado de desconhecido por este pilantra me irrita, me leva a replicar que falta de ética é encher de remédios tarja preta a cabeça da minha mulher. Na verdade, fico sabendo que a Maria Clara deu para comprar drogas sem receita em farmácias clandestinas, que mediante sobrepreço abastecem dependentes químicos a domicílio. Para prevenir novos desregramentos, o dr. Kovaleski contratou Marinalva, uma mulher robusta que acaba de sair da minha saleta vestida de enfermeira. Despeço-me do doutor e sigo Marinalva até a cozinha, onde a Maria Clara está sentada num tamborete com uma cuia na mão esquerda. Sorve um gole do chimarrão, me olha sem surpresa e diz somente:

— Olha por teu filho.

Meu filho faltou à escola e está deitado em sua cama, entretido com um game no celular da mãe. Como já começo a conhecer suas manhas, faço de conta que entrei no quarto por amor ao cão, que me corresponde com lambidas e abanos de rabo. Em minutos estamos os três descendo a ladeira, eu ao lado do menino e o cão que nos segue sem a guia, parando de poste em poste e correndo para nos alcançar. Calculo que não me restam muitos anos para caminhar sem esforço passo a passo com meu filho. Quando ele crescer mais alguns centímetros, também será menos confortável andar como hoje com a mão apoiada em sua nuca. Assim o conduzo sutilmente pelas ruas do Leblon, como no passado conduzia pela nuca mulheres pequenas, que em geral não têm senso de direção. Em suas curtas andanças pelo bairro, meu filho nunca deve ter chegado sequer ao calçadão da praia. Tampouco seu cão que, não obstante, tão logo vê o mar pula na areia e sai em disparada para o mergulho. Eu poderia tentar impedi-lo, pois há uma lei que interdita animais na praia, mas acho que a Guarda Civil faz vista grossa para cães de raça e donos com pedigree. No encalço do cão, meu filho parece um menino caipira a correr de tênis na areia até frear à beira da água. Faulkner!, Faulkner!, ele grita, ao ver o cão saltando ondas e submergindo até a arrebentação. É a chance de eu me exibir, quem sabe pegar um jacaré com o Faulkner, mas ao olhar para trás vejo meu filho, que entra de tênis no mar e se atrapalha num arremedo de nado de cachorrinho. Levo-o pela mão de volta à areia, onde quem nos espia achando graça é o guarda-vidas Agenor.

Labradores, segundo o Agenor, são nadadores exímios, há mesmo os que são adestrados para prestar socorro em afogamentos. Pede ao meu filho que agite os braços, e lá vem o cão nadando ao seu encontro com um pé de pato na boca. Enquanto eles rolam na areia, o Agenor me confidencia seu medo de perder a Rebekka. Diz que eu lhe faria um grande favor se aparecesse em sua casa dia desses, e não apenas para dissipar o papelão da primeira visita. Talvez só eu a possa dissuadir de voltar para a sua terra, como ela cogita desde os desabamentos e mortes do mais recente temporal. Ultimamente ela encasquetou que as pedras

no alto do morro de uma hora para outra podem rolar sobre suas cabeças. Ele já lhe explicou que as pedras estão ali desde o tempo dos dinossauros, mas a palavra de um sargento não se compara à de um intelectual como eu.

— Duarte!

Fico pasmo de ouvir meu filho me chamar assim, e ao me virar recebo um bolo de areia na boca aberta. Aperto a mão do Agenor, digo até breve cuspindo areia, e saio correndo atrás do menino que corre atrás do cão que corre atrás de mim que corro atrás do menino e nessa toada a tarde cai.

17 de abril de 2019

Quando a Rosane me sorri, suas maçãs do rosto parecem postiças como maçãs de verdade. Ela terá feito preenchimento facial ou posto botox, mas não me importo. Ela pode me receber maquiada demais, com anéis e pulseiras de ouro, pode ter uma estátua dourada na sala, não me importo. Pode falar as maiores sandices, se calhar pode jurar por Deus que a Terra é plana, dane-se. Na Rosane que hoje me leva para a cama numa lingerie de seda, ainda vejo a que um dia surgiu do mar, o biquíni branco na pele morena. É claro que aquela imagem tende a esmaecer na minha memória, mas isso não é um problema. Nem é de hoje que percebo como as lembranças dela vão migrando para a minha imaginação, às vezes até com vantagem. Se pudesse, eu teria possuído a Rosane no primeiro relance, no instante em que a vi sair das águas. Ainda assim, a Rosane que eu então possuísse não se igualaria àquela que, ao mesmo tempo, eu imaginaria possuir.

Por esta mulher que dorme, abandonei surdamente uma família estável e um romance inacabado. Trouxe uma valise de roupas e um laptop em branco, a mesma bagagem que três anos mais tarde levaria comigo. Passei por este apartamento como um gato, a me esgueirar entre os objetos da dona. Sua prancheta, suas tintas, seus papéis vegetais e cartolinas, suas cerâmicas, suas luminárias de chão, seu jarro de Murano, sua mesa de laca com livros de arte, tudo ali para mim foi sempre impessoal. Se hoje me desse na veneta roubar alguma coisa, eu não teria o que escolher. Posso no máximo abrir uma garrafa de Black Label, que acabo de ver no aparador ao lado de um balde com gelo derretido. Encho o balde no congelador e me sirvo do uísque, que a Rosane não teve tempo de me oferecer. Circulo pela sala balançando o copo, me olho no espelho rococó, acho meu rosto interessante, mordisco uns morangos na cozinha, vou ao banheiro, entro no quarto da criança que não tivemos, entulhado de

caixotes vazios, canudos de arquiteto vazios, molduras sem quadros, porta-retratos sem fotos. Volto ao quarto dela, que caiu num sono pesado como o da Maria Clara, sem recurso a sedativos senão os favores deste seu gentil-homem. Na mesa de cabeceira há um estojo de marfim com um maço de euros, talvez milhares de euros que me arranjariam a vida mas que rechaço como ninharias. Antes de partir, viro mais um copo de uísque, que encho de novo para levar de saideira. Dou um último lance de olhos no salão, e a estátua dourada me aborrece. Agarro-a pelo pescoço e com um golpe de judô consigo derrubá-la, mas só dois homens fortes a recolocarão de pé. Aos passantes com quem cruzo de volta para casa, ergo brindes com o copo na mesma mão direita que outro dia empunhou um revólver. O copo de uísque parece provocar indignação.

18 de abril de 2019

— A crente roda pela casa cantando salmos ou declamando os provérbios, e não tranco a porta do quarto porque me confiscaram a chave. Entra sem bater interrompendo meu trabalho só para me perguntar se estou em paz, e se eu protestar fala cruz-credo. Numa cena crucial do Otelo ela me perguntou se eu conhecia a Epístola aos Romanos do apóstolo Paulo, e pôs-se a ler aquilo sem mais nem menos. Voltou em vinte minutos para me contar dos dois marmanjos que vinham no trem de mãos dadas e foram expulsos do vagão a pontapés. Leu o versículo de São Paulo que condena os sodomitas, falou das mulheres devassas que pecam contra a natureza, e chegou a hora em que perdi as estribeiras: bati com a cabeça na parede até ela se calar. Já falei com Kovaleski para dispensar essa doida e selecionar melhor suas funcionárias. Não adianta me mandar de novo a Dandara do turno de ontem, que fuçava minhas calcinhas, nem a Marinalva de anteontem que tinha bafo de pinga. A continuar deste jeito prefiro demitir o próprio Kovaleski.

— Já compreendi que ela não quer ouvir a palavra do Senhor e não foi por mal que insisti nas Escrituras. Só acho ruim ela falar que a diária escorchante que me paga não é pelos serviços de uma pastora. Depois joga na cara que sou uma simples auxiliar de enfermagem, e não enfermeira para usar uniforme branco. Se entro no quarto dela é porque o doutor me instruiu a vigiar a pobre coitada de vinte em vinte minutos. Ministro na hora certa os remédios prescritos, mesmo tendo certeza que é na fé em Cristo e não na medicina que se encontra a cura para as doenças da alma. Acredito no que pregam os Evangelhos, e não é por ser mestra e doutora que ela tem o direito de mangar da minha ignorância. Para seu governo, eu tenho algum estudo e também sei quem é o Shakespeare que ela tanto lê no quarto. Não li, mas sei que ele escreveu um monte de tragédias além de Romeu e Julieta, e se fosse rica eu ia ler esses livros todos em inglês. Acontece

que eu moro no subúrbio, e de casa para o trabalho gasto três horas com trem, metrô e ônibus. Com sorte consigo um assento livre, e o que é que faz o trabalhador um tempão sentado, fora ver indecência na internet? A gente lê a Bíblia, que consegue quase de graça em qualquer igreja, onde o pastor nos esclarece a linguagem cifrada dos profetas. Agora vi que a madame está traduzindo a peça Otelo para o português, muito que bem. Ela podia distribuir os livros na estação para ver todo mundo lendo o Shakespeare no trem.

— Você tem mil motivos para estar com os nervos à flor da pele, querida. Ninguém gosta de esbarrar com estranhos em casa, mas pior seria ficar confinada numa clínica, longe dos livros e do filho. O Kovaleski me assegurou que a internação domiciliar é a melhor solução para o seu caso. Aqui ainda temos por sorte as telas de proteção, instaladas nas janelas em razão do menino, embora ninguém creia que você vá fazer uma loucura. Mesmo assim, o Kovaleski levou um susto ao ser informado do seu revólver, e obviamente aprovou a providência que tomei. Eu até me propus a fazer as vezes de um acompanhante, mas ele não prescinde das profissionais da sua equipe. De qualquer modo, hoje mesmo trago minhas coisas para me ajeitar aqui. Penso em convencer a enfermeira a ocupar o sofá da sala, a fim de me dar privacidade para dormir e tocar meu romance na saleta. Em último caso posso até dormir na nossa cama, mas talvez você não julgue apropriado.

— Estás com o cheiro da tua puta, Duarte.

— Fala baixo, Maria Clara, o menino está ouvindo.

— Estás fedendo a puta, Duarte.

— Duarte, me leva de novo na praia.

— Você devia estar aprendendo português na escola, isso sim. Filho meu não mata aula.

— O senhor me desculpe, mas hoje é feriado de Sexta-Feira Santa.

— Não pedi sua opinião, dona Jéssica. Bem que a Maria Clara disse que você é muito enxerida.

— Estou sabendo que ela pediu minha cabeça ao doutor, mas pouco se me

dá. Está escrito: do Senhor vem a salvação dos justos; Ele é a sua fortaleza na hora da adversidade.

— Bom dia, Duarte, bom dia, garotão, bom dia, Jéssica. Esta aqui é a Sabrina. Maria Clara está lá dentro?

— Estou aqui, Kovaleski. Duarte, aproveita a porta aberta e corre de volta para a tua puta.

19 de abril de 2019

Alô, ela diz num tom queixoso, mas sua queixa me é favorável. Ela sentiu minha falta na cama ontem de manhã, pois a exemplo da maioria das mulheres, gosta de dormir e acordar junto da pessoa amada. Então prometo dormir de conchinha da próxima vez, se ela me der a graça de uma próxima vez. Teremos muitas próximas vezes, pela vontade da Rosane, tantas quantas sua agenda permitir. Para facilitar as coisas, me presto a ficar de prontidão no seu apartamento. Posso me mudar hoje mesmo, e desde já me desculpo pela derrubada do seu boneco, que com o auxílio do porteiro vou aprumar de novo. Não me incomoda morar sozinho à espera dela, me contentando com duas mudas de roupa e meu laptop. Usarei o banheiro com parcimônia, prepararei eu mesmo refeições frugais e na medida do possível contribuirei para as despesas da casa. À Rosane, porém, a proposta soa absurda, seria como revivermos nosso relacionamento em frente à praia, tendo ela um amante no alto da floresta. Já do meu ponto de vista, ela continua a ser uma mulher comprometida na floresta que se encontra com o amante à beira-mar. Isso o Napoleão não vai topar, diz a Rosane. Como assim? Eu gostaria de saber quando foi que ela me pediu permissão para se engraçar com o velho durante nosso casamento. Segundo ela o Napoleão é cool, tem a mente aberta, mas nem por isso topa tudo; uma coisa é ela viver suas aventuras por aí, outra bem diferente é ter um amante fixo em seu apartamento. Se faltava ela dizer que o chifrudo sabe de nós, agora não falta mais nada; não só autorizou, como estimulou nosso rendez-vous e ansiou pelo seu relato na manhã seguinte. Agora está deveras interessado em me conhecer pessoalmente, porque meu nome ele já escuta quase toda noite.

Rio, 20 de abril de 2019

Meu caro Ronald,

São mais de cinco anos que não nos falamos, mas relembro sempre nossos deliciosos jantares em São Paulo, você, a Cris, a Maria Clara e eu. Só tenho a lamentar por nos termos afastado, depois que você deixou nossa editora para fundar a exitosa Editora Anhangabaú. Sem conhecer os verdadeiros motivos da sua partida, e afetivamente ligado à casa que me projetou, confesso que na ocasião me senti desamparado e, por que não dizer?, traído. Durante nosso convívio profissional, foram para mim inestimáveis as suas observações, mesmo as mais ásperas, como revisor dos meus originais, e talvez não por acaso, nada mais publiquei desde então. Agora finalmente estou para concluir um novo romance, mas durante a escrita percebi que você ainda é o fantasma de quem busco o sim e o desagrado, para citar seu poeta mais caro.

Foram necessários esses anos de bloqueio criativo para que eu enxergasse minha antiga editora com o devido distanciamento. Nosso velho Petrus, tido como um homem culto, sensível, amante extremado da boa literatura, revelou-se para mim um comerciante reles. Nada tenho contra quem faz dos livros um bom negócio, pelo contrário, mormente num país onde viceja somente o comércio de armas. O que me decepciona nele não é a desconsideração para com um autor da casa, mas uma visão imediatista que não diz bem do seu alardeado tino comercial. Tenho com ele doze títulos, que poderiam ser relançados de tempo em tempo, quando mais não fosse para manter meu nome aquecido no mercado. Por avareza, porém, ele prefere deixá-los fora de catálogo, o que a esta altura me permite denunciar os contratos, recuperar meus copyrights e renegociá-los com quem eu bem entender. Recuso fazer um leilão da minha obra ou reparti-la entre variadas editoras, pois não me move a ganância. Foi pelo desejo de restabelecer nossa parceria, além do apuro formal dos seus produtos, que optei por dar

prioridade à Editora Anhangabaú, com a qual, se for do seu interesse, estou livre para firmar sem demora um compromisso. Posso me deslocar a São Paulo ainda esta semana, e como um contrato de exclusividade pressupõe contrapartida, estipulo um adiantamento de valor simbólico, quem sabe em torno de 10 mil dólares. Além dos doze títulos acima mencionados, afirmo sem modéstia que você ganhará de lambujem a joia da coroa, este meu romance em fase de acabamento e aberto a seus preciosos reparos. Por fim, se você e a Cris me derem o prazer da companhia, minha viagem a São Paulo incluirá um jantar naquele fantástico tailandês de anos atrás, desta vez por minha conta.

Com um forte abraço,

Duarte

22 de abril de 2019

Vista aqui de baixo, parece um desmoronamento aquela profusão de gente cor de terra que desce o morro do Vidigal. Chegando ao pé da favela, os moradores fecham a avenida Niemeyer e interpelam aos gritos os policiais de plantão. Não demora a aparecer o reforço, um batalhão de choque com policiais mascarados e um veículo blindado com caveiras estampadas na carroceria. Por alguns minutos, é como se fosse uma partida empatada entre manifestantes que agitam seus cartazes de papel e soldados imóveis atrás de escudos de aço. Do nada, uma pedra, um palavrão, uma senha, não sei que fagulha desencadeia o conflito, e os escudos avançam contra os cartazes. Um provável líder comunitário ordena pelo megafone a recuada dos manifestantes, que começam a se dispersar na avenida. É tarde, porém, porque a tropa já lança mão de bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta, tiros de balas de borracha e golpes de cassetete no combate corpo a corpo. Eu tinha previsto uma visita ao Agenor à noitinha, mas está claro que tão cedo não conseguirei um mototáxi para subir o morro. Com a batalha a se alastrar pela avenida, julgo prudente desertar meu posto e seguir para casa. É quando me chama a atenção a menina de lenço na cara surgida na nuvem de fumaça, que com um chute certeiro de canhota rebate em direção aos policiais uma bomba de gás que fumegava no asfalto. Atravessa a rua correndo até minha calçada, e não acredito que haja duas ruivas sardentas na mesma favela: Rebekka, chamo, a voz abafada pelo bombardeio. Seguro seu braço, tentando impedi-la de voltar ao centro do tumulto, mas no ímpeto de se desvencilhar ela me acerta a boca com uma cotovelada. Foi mal, desculpa-se a Rebekka, que num primeiro momento não parece me enxergar direito, com seus olhos congestionados. Assim que me reconhece, grita meu nome e pressiona com seu lenço meu lábio inferior para estancar o sangramento. Quer me levar à farmácia, que está cercada de policiais aguerridos, e preciso lembrá-la que ela é

estrangeira, sujeita a ser detida e deportada por participar de protestos no país. Ela consente enfim em se afastar comigo, e com cem metros de caminhada chegamos ao Sheraton, um hotel de luxo onde a polícia só entra se for à cata de favelados. Cumprimentamos os seguranças em inglês, e no balcão do bar americano peço uma caipirinha só para ela, porque duas custam mais que a minha provisão para o mototáxi. Pergunto pelo Agenor, e ela responde dando de ombros, me mostrando o celular onde constam três ligações perdidas de Amoreco. No mesmo aparelho chegaram mensagens com novas informações sobre a morte do morador, que era superquerido de todos na favela. O filho dele é aluno de inglês da Rebekka, e nem assim o Agenor admitia que ela saísse à rua. Não queria ver sua mulher misturada com traficantes, que segundo ele estavam por trás daquela manifestação. Ele sempre dará razão aos seus amigos da polícia, que arriscam a vida ao enfrentar os bandidos no morro. Só que não era bandido, foi um gari que eles mataram pelas costas, e de pirraça a Rebekka deixa de atender à nova chamada do Agenor. Mais calma, aplica pedras de gelo da caipirinha no meu lábio inchado e aproveita para me dizer o quanto amou meu romance, a ponto de encomendar outros livros meus pela internet. Pensou até em me procurar em casa para tirar umas dúvidas, porque gostaria de me traduzir em inglês sem compromisso, just for fun. Teria ligado, se tivesse meus contatos, mas com a minha permissão vai anotá-los para me escrever da Holanda. Ela ainda acha o Rio a cidade mais maravilhosa do mundo, mas quer distância. Em Utrecht, reencontrará o Rio da sua infância, onde amará para sempre o seu Orfeu. Penso em lhe participar o pedido do Agenor, tranquilizando-a com respeito a enchentes, desabamentos e pedras soltas no alto do morro. Penso em lhe dizer que o Agenor no fundo é um homem bom, que não merece ser abandonado. Em vez disso, me pego a lhe dizer que morrerei de tristeza se ela for embora. Sorrindo lhe pergunto ainda se ela ficaria comigo se eu fosse vinte anos mais moço. Sorrindo ela me responde que sim, se eu fosse vinte anos mais preto.

— Oi, amoreco. Já vou subir. Estou na farmácia. Passei mal, tive náuseas,

dor de barriga. Você está aqui na avenida? É, saí da farmácia agorinha, precisei dar um pulo no hotel. Não é motel, é um hotel. Tenho mesmo que dizer? Vim para o Sheraton fazer cocô, está satisfeito? Então vem me buscar na entrada.

Desliga e se despede às pressas. Pede que eu faça hora aqui dentro, porque sabe lá do que ele é capaz se nos vê saindo juntos de um hotel.

— Ele te mata?

— Claro que não. Ele mata você.

24 de abril de 2019

Esses muquiranas que administram o prédio demitiram o porteiro noturno, que a meu pedido costumava filtrar as visitas e despachar as indesejadas. O resultado é que esta noite, atendendo ao interfone, fui surpreendido pelo sotaque paulista do Petrus, que me deixou recados na secretária eletrônica e deve estar a fim de tirar satisfações. Vem na certa municiado pela inconfidência do outro, pois editores se maldizem pelas costas, mas são bem cupinchas quando se trata de explorar seus autores. Em nome de uma remota amizade, ligo a cafeteira para recebê-lo, mas quero que ele repare que o café é requentado. Petrus chega de paletó e gravata reclamando do calor do Rio, aonde veio para o lançamento de um livro em que sua editora aposta todas as fichas. Retira da sua pasta marrom e me oferta um exemplar do romance cujo jovem autor, de nome que não guardei, é a grande revelação da moderna literatura brasileira. O frescor da sua narrativa, para o Petrus, lembra alguns dos melhores momentos da minha primeira e mais brilhante fase. Com o café já frio na xícara, ele fala mais e mais do seu protegido com um enlevo quase homossexual. Aos poucos, porém, sua fala começa a ralentar, a voz rateia, e ele silencia com o olhar parado; o revólver da Maria Clara, que larguei na estante da sala, está casualmente apontado para a sua cabeça. Num piscar de olhos o Petrus esquece o escritor-sensação e afirma que o motivo principal da sua visita me trará grande júbilo. Da pasta marrom retira um tablet e me conta da sacada excepcional do seu departamento de marketing. Descobriu-se que neste 2019 completam-se duzentos anos do nascimento de dona Maria II, rainha de Portugal, filha mais velha de d. Pedro I. Ela veio à luz, portanto, no Rio de Janeiro durante o reinado de seu avô d. João VI, tema e cenário do meu romance O Eunuco do Paço Real. No último capítulo do livro, por sinal, a miúda aparece no colo da avó assistindo ao concerto de despedida do castrato Abelardo Nenna, que partiria com a corte de d. João de volta a Lisboa.

Para comemorar a efeméride, e tendo em vista o crescente sentimento monárquico no país, os publicitários planejaram uma edição de luxo do meu romance, a ser lançada concomitantemente no Brasil e em Portugal. Pelas imagens no tablet posso ver algumas ilustrações que acompanharão meu texto: a Quinta da Boa Vista, os figurinos da nobreza, os aristocratas de peruca, o casario colonial, a floresta virgem, os padres, os militares, o libré dos lacaios, os tílburis, os coches, os cocheiros, os cavalos e os escravos. Semelhante a um cofre, a capa de couro traz um brasão do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, além do título do livro e o nome do autor e da editora com letras barrocas em relevo dourado. A coisa toda me parece um tanto marota, o que não me impede de felicitar o Petrus, antes de assinar e rubricar em oito vias a renovação dos contratos de cessão da minha obra completa, inclusive o romance inédito. Pródigo, ele rasga meus recibos de empréstimos pretéritos e me contempla com um adiantamento de onze mil dólares, a serem convertidos em reais ao câmbio do dia e depositados amanhã na minha conta bancária.

29 de abril de 2019

Quem meu filho beija, minha boca adoça, reza o ditado. A fim de adoçar a Maria Clara, chego à sua porta com a prancha de surfe prateada que comprei para o guri, agora que sou rico. É a própria quem me faz entrar, me beija as faces e é efusiva ao agradecer o presente, pensando que é para ela. Até lhe parece que estive escutando atrás da porta sua conversa com a Laila, que aguarda uma autorização do dr. Kovaleski para levá-la à praia. Laila usa uma blusa vermelha, em vez do costumeiro uniforme das colegas, e tem conhecimento da função terapêutica dos esportes aquáticos. Ela mesma na primeira juventude foi praticante de surfe, windsurfe, kitesurfe, e vinha de prometer umas aulas para a Maria Clara. É a tua vez, diz a Maria Clara, sentando-se em frente a ela no chão para continuar a partida de dominó. A três é melhor, diz a Laila, que anula a partida e redistribui as pedras entre nós. Faz tempo que não jogo dominó, mas nunca vi pedras como as que tenho à mão, com até doze bolinhas em cada quadrado, algumas coloridas. É o dominó cubano, informa a Laila, que suspeito de conluio com a Maria Clara para me derrotar. Finjo que não noto quando trocam pedras furtivamente, feliz por ver a Maria Clara finalmente se entender com uma acompanhante. As duas até compartilham a cama, onde Laila a adormece com leituras talvez enfadonhas, porém mais eficazes que qualquer sonífero. Chegou a trazer uns panfletos do SATEMRJ, o sindicato da sua categoria, onde ela costuma se alinhar aos comunistas. Queria levar a Maria Clara a uma reunião do partido, mas o dr. Kovaleski foi contra, achou que ela poderia deprimir. Distraídas com seus assuntos, trocando sorrisos e olhares, elas permitem que eu faça progressos no jogo, e já estou para vencer a segunda rodada quando o cão mete as patas nas pedras e mela o dominó. Bravo, Faulkner, vibra a Maria Clara, em geral intolerante com o bicho estimado do filho, que só faltava trucidar o gato que o antecedeu. É justamente a propósito do garoto que o

porteiro me fala quando atendo ao interfone. Seguido do cão desço correndo à portaria, onde topo um grandalhão de cabeça raspada, que acaba de dar um tapa na orelha do meu filho. Grito com ele, estufo o peito, mas não há hipótese de eu me engalfinhar com aquele gigante. O cão, que deveria defender seus donos, fica babando com a língua de fora, mesmo quando o boçal me empurra e aponta seu filho sentado no chão. É um garoto gordo igual ao pai, chorando com um olho roxo e a boca cheia de sangue. Sinto muito, mas uma briga de crianças não lhe dá o direito de bater no meu filho.

— Vá se foder — ele diz —, eu não lhe conheço.

— Eu tampouco o conheço.

— Você mora no prédio?

— Não é da sua conta.

— É morador ou não é?

— Morei aqui treze anos.

— Ele é morador ou não é?

— Não senhor — responde o porteiro.

O grandalhão abre a jaqueta e puxa um revólver:

— Então fora daqui.

— Calma, rapaz.

— Dá o fora já.

E meu filho:

— Duarte, vamos na praia.

Eu preferia cair na água mais adiante, mas o cão decide pular na areia e mergulhar bem em frente ao posto de salvamento. O mar está tranquilo, propício para aulas de natação, e no começo sinto um estranho pudor de segurar a cintura nua do meu filho. Sustentá-lo pela barriga, fazê-lo bater braços e pés, isso é o mínimo que se espera de um pai, mas eis que o Agenor irrompe nas águas e se intromete na lição. Joga o garoto para o alto, deixa o garoto afundar, levanta o garoto, solta o garoto, atrai o garoto, e o garoto se agarra ao seu pescoço grosso como uma tora. Arremessa o garoto mais longe, chama-o de volta, recolhe a

mão, recua, recua mais um pouco para o incentivar, e lá se vai meu filho se pendurar no tio, como já o trata. Finge que vai me entregar o garoto, pelo prazer de vê-lo me preterir, e dá uma gargalhada ao estreitá-lo nos braços. Esse homem deve julgar que, por ter um dia me livrado da morte, conquistou direitos sobre a vida que me resta, até mesmo o de tomar o meu lugar de pai. Ao sair do mar com o garoto nos ombros, lamenta não ter me visto ultimamente e me pergunta se continuo muito ocupado com meu livro. Mordo a língua para não lhe responder que estive ocupado num hotel com sua mulher e que, no seu lugar, eu não a deixaria passear com aquele shortinho que lhe marca a bela bunda. A Rebekka está ótima, ele diz, não tem falado de ir embora, nem da ameaça das pedras no alto do morro. Até comentou um recente atentado em sua cidade natal, e concordou que aqui por enquanto não temos terrorismo. Vai preparar um churrasco para os amigos, e é claro que eu e meu filho somos convidados. Ela marcou o rega-bofe para o domingo Dia das Mães, o que ao Agenor soou como uma indireta. Ele, que não tem filhos, daria tudo para ter um moleque sarará.

5 de maio de 2019

— Abre a porta, seu merda!

É um grito surdo, no fundo do hall de entrada, e o porteiro corre para abrir o elevador. Um jovem baixinho e engravatado desanca o empregado pela demora em atendê-lo:

— Esse merda ainda não aprendeu que tem de abrir a porta para quem sai do elevador, não só para quem entra.

Eu não conhecia tal protocolo, e o baixinho me chama de seu bosta, porque em vez de lhe dar razão, supostamente estava rindo dele. Na verdade, eu estava contente por poder me dar o luxo de trazer uma garrafa de champanhe Cristal, a preferida da Rosane, para presenteá-la pelo aniversário. Sem saber se ela estava em casa, pretendia deixar na portaria o embrulho com um bilhete, mas o porteiro ainda aturdido se precipita e liga para o apartamento. A Rosane fez questão que eu subisse, e me recebe de roupão porque se preparava para o banho. Dá-me um beijinho de bico pelo champanhe e fica feliz da vida por entender que aceitei festejar a data na casa do namorado. Prepara meu uísque, pois não dá tempo de gelar o champanhe, e deixa cair o roupão a caminho do quarto, onde também me dispo e me acomodo na cama. Em vez de se deitar logo comigo, ela traz do closet seu vestido de festa para me mostrar, um longo estampado com listras e estrelas que lembra a bandeira dos Estados Unidos. Depois apanha na mesa de cabeceira o presente que ganhou do enteado, um palhacinho de borracha que, ao ser apertado, espirra um jato de cocaína pelo nariz vermelho. Ela quer que eu me sirva do pó para ficar mais à vontade na noitada, mas lhe repito que não vou, não estou a fim de amizade com aquele velho voyeur. Você é mesmo um jeca, ela diz. Quando mulheres temperamentais como a Rosane ficam com raiva, as portas padecem, e a do banheiro nunca mais fechou direito de tanta porrada que levou nos três anos do nosso casamento. Paralisado ao pé da cama,

escuto agora a pancada da porta do boxe, feita de vidro inquebrável, e a seguir o chuá do chuveiro. Ela sabe que, como de hábito, vou me sentar na privada para assistir ao seu banho, e lá estão seus cabelos pretos com a espuma do xampu a escorrer na pele bronzeada. Sem pressa ela ensaboa os ombros, os braços, as axilas, e à exceção de uns seios mais hirtos, um pouco maiores que os naturais, conheço melhor a Rosane nua que vestida. À medida que ela desce com o sabonete pelo corpo, contudo, o vapor do banho sobe pelas suas pernas e não tarda a embaçar por inteiro o vidro do boxe. Agora apenas vislumbro uma silhueta em movimento, e quanto menos vejo a Rosane, mais a desejo. Subitamente entro no boxe e me disponho a fazer suas vontades, inclusive a de namorar em pé, mas ao fazê-lo, de repente é com a Rebekka que imagino estar.

6 de maio de 2019

Duarte deve ter sonhado com a Rebekka, porque ao entreabrir os olhos ainda pensou que fosse ela à sua direita na cama, quem sabe num motel da avenida Niemeyer. Repara em seguida nos seus cabelos tingidos de louro, e ao levantar de leve o lençol, dá com o corpo de uma mulher mais velha que ele. Não reconhece a cara dela, com manchas de rímel que se espalham pelo travesseiro, nem aquele quarto espaçoso de pé-direito alto, como os de apartamentos antigos no Rio de Janeiro. Através da cortina translúcida entrevê a praia do Flamengo, tal qual se avistava do quarto dos seus pais, e por um átimo se figurou deitado com a própria mãe rediviva. Com medo de despertar a dona, recolhe em surdina suas roupas no chão e sofre para arrancar uma pulseirinha com o nome DUARTE em letras fosforescentes. Então se lembra que foi a Rosane quem a prendeu no seu pulso, quando eles passaram pelos seguranças da festa num carro dirigido pelo motorista do dono da casa. Dentro de um parque de árvores ancestrais, a casa era um monumento neoclássico com colunas dóricas, numa colina com vista para a baía da Guanabara. Ao atravessar o portal de entrada, Duarte teve a impressão que os salões estavam de cabeça para baixo, mas logo se deu conta que todas as luzes da casa emanavam de grandes círculos de vidro leitoso embutidos no piso. Rasgou elogios ao projeto luminotécnico da Rosane, que entretanto já não estava ao seu lado, onde baixou um garçom semelhante a um valete de copas. Duarte circulou pela festa bebendo champanhe e observando as garotas de minissaia que dançavam a música eletrônica, com as luzes de LED a branquear suas coxas. Da cintura para cima os dançantes entravam numa zona de penumbra, e suas pulseiras personalizadas fosforesciam nos braços erguidos. Dançavam sozinhos ou em pares que não se olhavam, absortos nas suas sombras longilíneas a bailar no teto, se é que Duarte já não está misturando lembranças com sonhos.

Desperto, depois de lavar a cara e gargarejar no banheiro art déco, resistindo a usar a escova de dentes da dona, ele se lembra de ter atravessado como um sonâmbulo sucessivos salões, e a cada umbral que os separava um garçom trocava sua meia taça por outra transbordante de champanhe fresco. A certa altura se perguntou que diabos fazia sozinho naquela festa, num casarão greco-romano por cujos ralos escoaria um volume de champanhe Cristal equivalente a mil garrafas como a que dera para a Rosane. Aproximava-se do sexto ou sétimo salão quando mirou um rosto conhecido, um conhecido rosto que o mirou quando do sétimo ou sexto salão se aproximava. Saudaram-se erguendo as taças simultaneamente, mas antes mesmo de ler um ETRAUD na pulseira do outro, Duarte compreendeu que a parede do último salão era um gigantesco espelho inteiriço. De todo modo ficou satisfeito por se ver remoçado, o que talvez se devesse à luz ascendente, que atenuava olheiras e rugas. Foi quando a Rosane lhe reapareceu, ostentando no anelar da mão direita uma rica aliança de noivado, e lhe apresentou como noivo um Napoleão acorcundado com uma cara quase pueril. Vista de perto, porém, a pele dele, lisa feito louça, com certeza devia menos à iluminação que às cirurgias plásticas. Era um tipo bonachão, com um sorriso permanente nos lábios, que lhe apertou e chacoalhou a mão por longo tempo e se admirou da sua fotogenia, pois nas fotos da Rô parecia bem mais jovem. Também não era tão alto e esguio como a Rô o pintava, disse o velho, que mesmo com salto carrapeta não ultrapassava um metro e sessenta. Quanto aos sapatênis de Duarte, não chegou a emitir seu juízo, pois foi interrompido por um senhor do seu séquito. Tratava-se de um cavalheiro de olhar arguto, que ao ler o nome de Duarte na pulseira lhe perguntou se era ele de fato o grande escritor. Pediu à Rosane que os fotografasse juntos, e o flash do celular atraiu curiosos. Não tardou a juntar uma porção de gente a fim de tirar selfies com o convidado famoso, uma penca de mulheres bonitas que o remeteram a suas concorridas noites de autógrafos nos áureos tempos. Filando seus nomes nas pulseiras, ele se divertiu a improvisar versos no estilo de suas antigas dedicatórias, quando as pessoas na fila de autógrafos se identificavam em

papeizinhos dentro dos livros: Helena, beldade serena; Verônica, deusa lacônica… Quem não gostava de tais graçolas era a Maria Clara, que cedo se absteve de comparecer ao lançamento dos seus romances. À vontade, Duarte pegou a sair daqueles eventos acompanhado, mas nem tudo eram flores em suas aventuras galantes. Não era sempre que ele em carne e osso conseguia corresponder à expectativa de leitoras exigentes, admiradoras de sua persona literária. Hoje, com essas fãs formosas e iletradas, que não faziam ideia do que fosse um eu lírico, um estalar de dedos bastaria para que se submetessem a seus desejos mais recônditos: Gilda Renata, suplicarás minha chibata; Doris Kate, sorverás todo o meu leite… Empatando a fila de garotas sedentas, uma senhora mais idosa com um colar de pérolas de inúmeras voltas o puxava pelo braço e soprava no seu ouvido palavras incompreensíveis. Devia ser de casa, porque não usava pulseira, e ele custou a crer que aquela dama lhe pedia um beijo na boca. Em seguida ela pediu bis, comentando que a Rosane tinha razão em dizer que ele beijava bem. Queria mais, pediu tris, e Duarte deu graças pela intervenção de um baixinho enfezado: já chega, mâmi! Com o contratempo, dissolveu-se o cortejo de meninas ao seu dispor, e as recentes admiradoras com quem ele cruzava já não pareciam reconhecê-lo. Assim a festa perdeu a graça para Duarte, que decidiu sair à francesa e não se lembra de mais nada.

Ao contrário das casas revisitadas, que nos parecem menores que em nossas reminiscências, a sala deste apartamento é quatro vezes a dos pais de Duarte. É provável que a dona tenha incorporado apartamentos contíguos, mas pelo ângulo de visão da praia e dos jardins do Aterro, não resta dúvida que Duarte se encontra no mesmo andar do mesmo prédio onde foi criado. Antes que se sinta em casa, antes que se refestele numa poltrona, peça um café à copeira, leia o jornal meneando a cabeça, antes que vire seu pai, Duarte acha por bem apressar a partida. Não resiste, porém, a bisbilhotar as fotos nos porta-retratos, quando descobre que a dona da casa, aquela dona que dormia ao seu lado desfigurada, vem a ser a ex-mulher de Napoleão Mamede. Ali está ela em tempos idos com o marido em poses ao redor do mundo, às vezes na companhia

do filho baixinho igual ao pai. Ainda rapazola nas fotos, o baixinho lhe lembra alguém avistado há pouco, e, sim, é o idiota que deu um chilique no elevador da Rosane. Olhando melhor, é o mesmo imbecil enfezado que gritou na festa: já chega, mâmi! Agora só falta a Duarte se lembrar de como deixou aquele local, e se bem se conhece, não se furtaria a caminhar três horas montanha abaixo para chegar em casa cheio de ideias para seu romance. Isso não aconteceu, porém, porque ao descer a ladeira do parque, foi abordado por um carro preto, e o mesmo motorista que o trouxera com a Rosane lhe abriu a porta. No banco de trás, em vez da Rosane, Duarte deparou com a ex-madame Mamede, a mâmi.

São Paulo, 9 de maio de 2019

Caro amigo,

Não posso deixar de partilhar com você meu entusiasmo pela repercussão do próximo lançamento da edição de luxo de O Eunuco do Paço Real. Apenas uma semana após seu anúncio no nosso site, a pré-venda superou de longe nossas melhores estimativas, aqui no Brasil como na "terrinha". A tiragem limitada, por força do elevado preço de capa, já foi revista e multiplicada pelo nosso departamento de vendas. Como "efeito colateral", já se percebe no mercado uma forte demanda pelo O Eunuco em seu formato standard, acessível a todos, e mais uma reimpressão acaba de ser autorizada. Diante desse quadro, sinta-se à vontade para me requisitar novos recursos, caso precise se livrar de preocupações alheias à escritura do seu romance.

Conhecendo sua índole, não acredito que você seja propenso à "Schadenfreude", mas preciso lhe confessar reservadamente que foram frustradas nossas esperanças no mais novo autor da casa. Fui mesmo obrigado a exonerar o responsável pela sua superestimada avaliação, pois a estocagem de incontáveis exemplares nos trará grandes prejuízos. Ainda mais grave que as vendas decepcionantes, foi o tratamento que lhe reservou a crítica, possivelmente fatal para o futuro de autor tão jovem. Aliás, a resenha de um semanário, não totalmente desprovida de razão, afirmou que seus raros bons momentos são calcados nas obras de Duarte. Em nossos contatos pessoais, vários editores culturais de jornais e revistas me perguntam até quando terão de esperar por uma nova obra sua.

Escrevi outro dia para a Maria Clara e fiquei a par dos seus problemas de saúde. Desejo-lhe melhoras, em nome de todos nós aqui na editora, onde ela é querida e admirada não só como sua esposa por tantos anos, mas como a melhor tradutora que até hoje passou pela casa. Também sei que a Maria Clara, com

seus imensos conhecimentos linguísticos, esporadicamente contribuiu com ligeiros e preciosos “toques” para o acabamento dos seus livros. Se desta vez não pudermos contar com ela, saiba que a casa dispõe dos melhores profissionais da praça em matéria de editoria. Como você deve saber, às vezes um olhar de fora é capaz de solucionar sem dificuldades um impasse com que os maiores escritores do mundo inevitavelmente se defrontam. Ainda que você, na sua notória modéstia, considere que seus escritos no estágio atual não passam de um rascunho, sugiro que nos envie o material no mais breve tempo. Seria fundamental que o romance saísse ainda este ano, turbinado pelo sucesso de O Eunuco e a tempo de pegar o comércio das festas natalinas.

Com um abraço fraterno,

Petrus

12 de maio de 2019

Se eu descrevesse a luz do teu olhar
E enumerasse as tuas graças plenas
Ririam do cantor por outorgar
Dons tão celestes a faces terrenas

É declamando Shakespeare que a Laila abre a porta e segue de volta para o quarto, onde se recosta ao lado da Maria Clara na cama repleta de livros. Retomam as leituras sem me dar a menor bola, nem ao buquê de rosas vermelhas que eu trouxe para a Maria Clara pelo Dia das Mães. Pelo visto, a literatura levou a melhor sobre os esportes radicais, e a Laila ainda se dá o luxo de fumar charutos Cohiba num quarto de janelas fechadas. Com isso meu filho se apossou do que já era seu, e abraçado à prancha prateada da sua altura me espera impaciente na sala. Nossas ondas, contudo, vão ficar para outro dia, porque ao contrário do que ele supunha, o Agenor não mora no posto salva-vidas nem o churrasco será na praia.

O chofer de táxi, que já não gostou de ter um cão a bordo, só concede em seguir para a favela quando lhe proponho o triplo da tarifa pela corrida. Uma patrulha ao pé do morro do Vidigal nos intercepta a fim de saber nosso destino, e compreendo que pronunciar o nome do Agenor equivale a portar uma pulseira VIP, pois o policial nos indica o melhor caminho e só falta providenciar um batedor. Entramos na casa aberta e subimos três lances de escada até o terraço, em boa parte ocupado por uma piscina retangular de fibra azul com mais de metro e meio de altura, instalada sobre a laje. Agachados, o Agenor e a Rebekka espalham a brasa da churrasqueira, enquanto os convidados bebem cerveja e apreciam a vista à sombra de um telhado. São mulheres de bermudas jeans justas com bundas sobrantes, dois ou três sargentos acima do peso com fardas escuras de brim, paisanos de sandália e camisa aberta com a barriga exposta, mais um

sujeito de terno preto e colarinho fechado. Ninguém nota nossa chegada até que o Faulkner dispara, dá um pinote, mergulha na piscina com estardalhaço, e num reflexo um policial engatilha sua pistola. O Agenor dá uma daquelas suas gargalhadas e vem nos cumprimentar, ameaçando ceder à proposta do garoto para entrar na piscina de roupa e tudo. Apresenta-me como famoso escritor aos amigos, que não se mostram impressionados, e no cafofo do Agenor me sinto tão deslocado quanto no palácio de Napoleão Mamede. Quem sabe me enturmo com a Rebekka, que presenteio com uma rosa vermelha e um dicionário inglês-português/português-inglês. Ela dá um pulinho de alegria, me beija a bochecha, desce a escada correndo e volta de biquíni para mergulhar com meu filho. Faz-lhe uma demonstração de nado debaixo da água, quatro metros de ponta a ponta na piscina, ida e volta, ida e volta, ida e volta. Fico parado a admirar suas cambalhotas cada vez que se aproxima das bordas, e não sei se é a sério que o Agenor me adverte que tome cuidado com o que vou escrever sobre a sua mulher. Por via das dúvidas me ofereço para ajudá-lo na churrasqueira, onde ele prepara uma picanha. É uma peça triangular de carne crua que ele comprime contra uma tábua com a mão esquerda, enquanto com a direita lhe introduz um espeto de duas pontas. Há uma delícia evidente no seu semblante ao penetrar pouco a pouco a carne macia, que em determinado ponto lhe opõe alguma resistência. É como se fosse um nervo intrometido, que ele perfura e rasga quase com raiva, deixando cair na carne gotas de suor da testa. Pousa enfim o espeto num suporte metálico um palmo acima das brasas e, ao alinhar as linguiças numa chapa, me recomenda que vire a picanha quando ela começar a transpirar sangue na face superior. Os convidados baixaram o tom de voz ao me ver por perto, mas deu para ouvir que as mulheres se queixavam da bandidagem e os homens discutiam marcas de armamentos. Já de shortinho branco e camiseta Hocus Pocus, a Rebekka aparece com um panelão de farofa e convoca os amigos para provar a primeira leva do churrasco, que o Agenor fatia com um cutelo de açougue.

Ao cair da tarde, sentados no degrau da piscina, Rebekka, meu filho e eu

atirávamos ossos para o cão, quando o Agenor me chamou num canto. Pensei que fosse um pretexto para me afastar da Rebekka, mas ele atendia a um pedido do tal sujeito que destoava dos demais, de terno escuro e camisa abotoada. É o seu amigo pastor Dinamarco, que me recebe com um glória a Deus e mostra curiosidade sobre meu livro, se está focado na vida na favela, suas manifestações artísticas e culturais. Sim, agora mesmo eu ia acompanhar a roda de pagode que se formava no telheiro, com pandeiro, atabaque, violão e cavaquinho. O pastor, porém, olha para o grupo com claro desdém, pois decerto é adepto da música gospel. Ele quer saber se porventura já ouvi falar dos cantores castrados, tão populares no passado quanto os pop stars de hoje em dia. Pois é claro, sou um expert no assunto, pesquisei a respeito desde a feitura de um romance que em breve estará de volta às livrarias. Então o pastor Dinamarco me conta que em diversas comunidades desfavorecidas do Rio começam a despontar cantores do gênero. Ninguém que se compare, todavia, ao pioneiro dessa onda, de longe o melhor soprano masculino dos últimos tempos, por coincidência morador do Vidigal. Dito isso, o pastor faz um sinal para duas mulheres que se mantinham à margem do pagode, uma atarracada e outra grandalhona. É à atarracada que o pastor Dinamarco procura explicar o que significaria, no livro de um autor célebre como eu, uma menção ao nome de Everaldo Canindé. Caso ela fosse capaz de relatar a mirabolante história do seu filho, quem sabe eu não me animaria a lhe dedicar um capítulo inteiro. A mulher não se faz de rogada e, para começar do começo, jura que dentro da barriga dela o neguinho já escutava e apreciava seus sambas e pontos de macumba. Ela não podia nem dormir, pois se parasse de cantar ele sentia carência, protestava, dava pontapés:

— No seu livro o senhor pode escrever assim: música para o neguinho era igual que nem placenta.

Mais tarde ela abraçou Jesus, largou a malandragem e foi trabalhar na casa de uma portuguesa geniosa. O marido dessa madame, um maestro italiano bem abusado, bolinava o neguinho enquanto lhe ensinava ópera, e como ela não

queria ter filho boiola, pediu as contas. Boiola ele não virou, mas também nunca ficou homem inteiro, por obra do pastor.

— O pastor Jersey — emenda o pastor Dinamarco.

— O pastor Jersey, que nos fundos da igreja tinha uma clínica de abortos clandestina, em sociedade com o farmacêutico ali embaixo.

— Naquele tempo eu era um mero apóstolo.

— O pastor Jersey, que fez um serviço porco no neguinho. Mostra, nego!

Ela se dirigia à grandalhona, que na realidade é um homem de idade indefinida, glabro, de seios grandes e ancas largas como as da mãe.

— Mostra a genitália para o escritor, nego!

Sem vontade de ver aquilo, eu lhe digo que no meu livro genitálias estão censuradas, para não chocar os leitores.

— Se fosse mesmo para cortar os bagos, que cortasse no capricho. Acho que o pastor capou o neguinho com um cutelo de açougueiro.

— O pastor Jersey, vamos deixar claro.

— O doutor escritor também podia citar no livro o profeta Zacarias: ai do pastor que abandona o rebanho que lhe foi confiado; que a espada da Justiça fira o seu braço e fure seu olho direito.

O pastor Dinamarco admite que seu antecessor na Igreja da Bem-Aventurança pecou por cupidez, ao trocar seu pupilo por mão de obra mais barata, meninos sem igual talento para a sublime arte. Ainda assim é louvável seu esforço, em conjunto com o maestro Fiorentino e associações religiosas, por amansar e iniciar na música quantidade de jovens que, de outra maneira, estariam hoje na criminalidade ou em covas rasas. Diz o pastor que, se a mãe de Everaldo lhe confiar o filho, ele conhecerá sucesso maior do que nas mãos do Jersey. Seu repertório talvez inclua clássicos do cancioneiro popular, sertanejo, rock and roll, pois não há música profana na voz dos anjos. Na voz de Everaldo Canindé, mesmo com o funk dessa negrada se agradariam os ouvidos do Senhor, diz o pastor, apontando o grupo de pagode:

Se liga, vagabundo
O justiceiro tá na área
É chumbo grosso, é chumbo grosso
É trezoitão, fuzil, metralha

Eu já pensava em levar meu filho embora, quando a Rebekka interrompe a cantoria e traz o violão para o Agenor:

— Toca para eu cantar, amoreco, toca a canção do Orfeu:

Manhã, tão bonita manhã
Na vida uma nova canção…

— Canta com ela, nego — faz a mãe.

Everaldo Canindé junta as mãos, fecha os olhos, e quando solta a voz de cantor lírico, o pessoal do pagode silencia, a Rebekka lacrimeja e o cão se arrepia com seus agudos:

Canta o meu coração
Alegria voltou
Tão feliz a manhã deste amor

25 de maio de 2019

Querido,

Escrevo-te, em primeiro lugar, para te dizer da minha felicidade pelas notícias que recebi do nosso prezado editor. Aguardarei teu próximo romance com ansiedade, além de uma pontinha de ciúme por ser privada de ler em primeira mão teus originais, como sempre fiz desde que me conquistaste com o livro do eunuco. Após uma conversa por telefone, contudo, Petrus me convenceu de que uma equipe de revisores cuidará do romance melhor do que eu seria capaz em minhas atuais condições. Tu nunca me perguntaste, mas tenho enfrentado amiúde períodos de sonolência e letargia que prejudicam inclusivamente meu trabalho com Shakespeare.

Folgo também em saber que tens dado certa atenção ao nosso filho; segundo o dr. Kovaleski, a figura paterna é determinante para o desenvolvimento social de crianças no ingresso da puberdade. Caso não te recordes, o piá está para completar doze anos, ou seja, não é mais piá. Devo alertar-te, não obstante, que se suas crises de infância foram tratadas e mitigadas, a adolescência do menino anuncia-se ainda mais turbulenta. Semana passada, sem quê nem para quê, golpeou a Laila na cabeça com a prancha de surfe. A pobre por pouco não perdia os sentidos, e desde então chaveou a porta do nosso quarto, tanto mais porque o Faulkner não se farta de rosnar do lado de fora. A mim o menino já não dirige a palavra, nem sequer um sanduíche me pede, prepara ele mesmo na cozinha sua gororoba. Quando tem dificuldades com os deveres de casa, em lugar de me pedir ajuda, vai nadar na praia com o cachorro. Se precisa de dinheiro, redige bilhetes que não te repasso para poupar-te de vexames gramaticais.

Abri novo parágrafo para que respires, antes de leres o que por certo já intuíste. Kovaleski advertiu-me que a convivência com meu filho pode me conduzir a um quadro de estresse crônico. Bem sabes, Duarte, que até agora

arquei sozinha com a criação do guri. Chegou enfim a hora de assumires plenamente tuas funções, e é reconfortante saber que teus apuros financeiros foram sanados. Poderás equipar teu apartamento para acolher o menino satisfatoriamente, sendo recomendável que contrates uma diarista que lhe proporcione uma alimentação saudável. Como domésticas costumam morar longe, deverás levantar-te todo dia às seis da manhã, a fim de despertá-lo com a mesa posta para o café com leite e as torradas com manteiga. Depois que ele sair para a escola e o cão estiver alimentado e passeado, terás finalmente horas tranquilas para teus livros. Isso se a diarista não faltar, o que é usual sobretudo em casa de homens solteiros, que não reparam na poeira dos móveis, não olham debaixo do tapete, não controlam seus horários. Nesses dias almoçarás fora com o menino, de preferência em um shopping center, onde ele brincará com o cachorro pelo resto da tarde, enquanto lês teu jornal e puxas conversa com jovens mães. À noite, sempre que programares um cineminha, um jantar, um vinho com alguma nova conhecida, podes contar que o menino terá febre alta e tremedeiras. Destarte, infelizmente, perderás uma a uma tuas namoradas antes mesmo de namorá-las, mas te assevero que idílio algum se compara ao amor de um filho.

Confio em que tomes tuas providências sem tardança, pois de nossa parte estamos tratando da mudança para Lisboa. Laila acredita que o ambiente no país em breve se tornará insuportável para gente de esquerda como ela e intelectuais em geral como eu. Até pouco tempo atrás, tu também podias ser enquadrado, com reservas, tanto em uma quanto em outra categoria. Já agora que cultivas relações privilegiadas, nos círculos que passaste a frequentar, estás incólume a iras e riscos. Laila recém mostrou-me uma reportagem, em uma dessas revistas de frivolidades com que me desanuvia o espírito, em que figuras em uma festa daquela leviana e seu amante de turno. Este, segundo minha companheira, é um latifundiário conhecido pela grilagem de terras indígenas na Amazônia, onde conta com a omissão, se não com o beneplácito, das autoridades. Nada mais natural, portanto, que entre seus convivas abundem políticos ligados ao governo;

tu mesmo te deixaste fotografar alegremente com a jovem filha de um ministro, de resto belíssima, e é uma pena que na legenda teu nome apareça grafado como Duterte. Só te peço um favor: se eventualmente fores convidado para alguma festa junina, ou quem sabe um banho de piscina em casa dessa corja, não me dês o desgosto de levar meu filho.

Renovo por fim meus bons augúrios pela carreira do teu romance. Independentemente de tudo mais, o escritor Duarte terá sempre meu apreço e meu aplauso.

Um beijo,

Maria Clara

10 de junho de 2019

Prometi levar meu filho a praias no Pacífico, a fim de assistir a alguma etapa do campeonato mundial de surfe. Durante a viagem, bem que a Rosane poderia projetar a decoração do quarto do menino, de modo a que ele se sentisse acolhido ao vir morar comigo. A viagem e a mudança se dariam tão logo eu terminasse o livro, em cerca de três meses, o que para a Maria Clara é uma eternidade. Ela me lembra que, sob a sua batuta, em três meses eu escrevia um romance completo de trezentas páginas. Admito que em manhãs como a de hoje perco horas acompanhando notícias nebulosas do país, mas talvez subconscientemente eu esteja o tempo todo a maturar um novo estilo de escrita. Se a Maria Clara não estivesse tão entretida em futricas com a amiga, poderia testemunhar da janela minhas ruminações diárias, ladeira acima, ladeira abaixo. Agora mesmo chego ao calçadão e cruzo o posto salva-vidas, de onde o Agenor ergue o polegar e me manda ficar com Deus ao me ver tão compenetrado. Ando batido de quiosque em quiosque, passo o Jardim de Alá, alcanço Ipanema, o muro do Country Club, e só me distraio ao dar com a janela da Rosane, que preserva o boneco dourado do presidente, agora com um quepe de general. Fico a pensar que morei três anos naquele apartamento sem jamais me deter para desfrutar a vista da janela, onde eu poderia ter concebido tantos poemas contemplativos. Com certeza minha literatura seria outra se, em vez de gastar sola de sapato por caminhos já trilhados, eu permanecesse imóvel feito o boneco da Rosane, a observar o movimento das ondas, o mar encarneirado, jubartes, golfinhos, a agitação na praia sob o sol outonal. Seria quase como se, ao invés de impor minha escrita ao papel, eu visse o papel deslizar sob a ponta da minha caneta. Hoje, por exemplo, eu poderia sem esforço esboçar um conto pelo prisma de um general janeleiro. Seria composto de frases objetivas, desprovidas de ornatos. Sem condicionais. São 15h27 de uma segunda-feira. Tirante as crianças

e, vá lá, quatro a cinco por cento de turistas, é uma praia apinhada de mandriões. É isso o Brasil. Frescobol, roda de altinha na beira da água, não é proibido? Quem é que vai pôr ordem nessa bagunça? Vendedores de mate, cerveja, biscoitos de polvilho, espetos de camarão ao arrepio da vigilância sanitária. E viados de tanga. Viado a dar com o pau. Jovens faltam à escola para jogar baralho. Cadê meu binóculo? É um baseado que eles passam de mão em mão. É isso o Brasil. Um preto desata a correr, estava demorando. Dez, vinte banhistas correm atrás. Agarram o preto, vão linchar. Chegam dois PMs pardos e isolam o preto. É deles o direito de bater no preto. Vão estrangular o elemento. Abrem a boca dele na marra. Devolvem a corrente de ouro para a vítima. É uma morena clara de corpo bem-feito que pega a corrente com asco. Conduzem o preto para a viatura. Será detido. Vai apanhar feito cachorro na delegacia, mas será liberado porque é "dimenor". Um galalau daqueles, quinze anos de idade, mais um delinquente solto nas ruas. É isso o Brasil. Alguém precisa pôr ordem nessa bagunça. Entrementes a do corpo bem-feito deixa a areia amparada por um velho sacana. São interpelados no calçadão por outro senhor, que a tudo assistiu impassível. O senhor impassível sou eu, Duarte. A gostosa é a Rosane e o sacana é o Fúlvio Castello Branco.

Quando comecei a sair com a Rosane, ela estava amigada com um cantor de blues. A danada não sossegava enquanto não nos apresentasse, e acabei por consentir que simulasse um encontro casual numa livraria; oficialmente eu era seu professor numa oficina de escrita criativa. Daí em diante ela nos reuniu diversas vezes, ora em palestras literárias, ora em shows musicais, ou mesmo num ginásio de esportes para assistirmos a um torneio de luta livre, de que é aficionada. Passou a promover encontros a três em bares e restaurantes, onde sentava na nossa frente para melhor nos cotejar. Também nos levava às compras e, como é comum às mulheres abonadas, passava tardes inteiras provando vestidos, bolsas ou pares de sapato. Saía do provador para pedir nossas opiniões, sempre divergentes, mas quando por milagre ele e eu chegávamos a um consenso, se enfadava e deixava a loja de mãos abanando. A Rosane não achava de bom-

tom perpetuar a bigamia, somente custava a se decidir entre nós dois, e durante uns três meses foi como se andasse com um sapato diferente em cada pé. Ao finalmente optar por mim, deu um pé na bunda do cantor de blues e nunca mais o viu, que eu saiba. Jamais me iludi com a possibilidade de ela me ser fiel, mas tampouco me prestei a participar do seu esporte. É provável que tenha se enrabichado com um ou outro cliente, mas como eu me recusava a sair com meus comborços, ela acabava por ficar comigo vendo luta livre na televisão e sua paixoneta esmorecia. Eu me lembro disso agora que a Rosane me faz subir com o Fúlvio ao seu apartamento e se posta entre nós dois no elevador com um ar triunfante. Sorri ao nos olhar alternadamente, mas pode ser que seu contentamento se deva a ter sua corrente de ouro restituída, e em seu pescoço há um arranhão semelhante ao que vi outro dia nas costas da Maria Clara. Em casa pede licença para tomar um banho, mas não duvido que fique atrás da porta a fim de espreitar nosso duelo.

De camiseta, short e sandália de dedo, o Fúlvio circula à vontade pela sala, largando pegadas de areia no assoalho. Olha a paisagem, põe na cabeça o quepe de general, pega no armário uma garrafa de uísque, busca um balde de gelo na cozinha e me serve uma dose. Sem que eu nada lhe pergunte, me explica que esta tarde esteve na praia com a Rosane na condição de advogado de Napoleão Mamede. E emenda:

— Por que na praia?

O rábula adota a velha retórica doutoral de fazer perguntas a si mesmo, tendo as respostas na ponta da língua:

— Porque meus telefones estão grampeados, bem como o WhatsApp e o Telegram, sem falar em métodos sempre renovados de espionagem que me obrigam a fazer varreduras diárias no escritório.

Enquanto fala, aponta as paredes da sala, dando a entender que o apartamento da Rosane é igualmente alvo de escutas.

— É descabido que eu trate com a Rosane assuntos do meu cliente? Não é, porque só ela tem ascendência junto ao enteado, para dar um basta nas suas

travessuras. O Napoleãozinho tem devoção por ela, e se não fosse tão bicha, comia a Rosane para se vingar das humilhações do pai.

Erguendo a voz, como que a falar com as paredes, o Fúlvio garante que os negócios de Napoleão Mamede se fazem estritamente dentro da lei. Já ao filho de Napoleão, não basta ser honesto, há que parecer honesto:

— Não faz um mês, chegando da Amazônia, o garoto aterrissou no Aeroporto Santos Dumont com oitenta quilos de cocaína no jatinho do pai. Passei um sufoco para abafar o escândalo e sustentar que o flagrante era forjado por inimigos da família Mamede. Há provas robustas de que hordas de ativistas armados têm promovido invasões e arruaças em propriedades do meu cliente na fronteira com a Colômbia. Até minha esposa, Denise, simpática aos famélicos da terra, assente que esses bandidos têm excedido os limites. Ninguém tampouco ignora as ligações dessas facções radicais com remanescentes da narcoguerrilha daquele país.

O Fúlvio parece encantado com sua própria arenga, sem atinar que pouco me importam seus pontos de vista políticos ou suas atividades profissionais. Nem é da minha conta se ele tem ou não um caso com a Rosane:

— Um cavalheiro não tem memória, como você sabe, mas caso houvesse num passado remoto alguma coisa entre mim e ela, morreu no dia em que a apresentei ao meu cliente. Sinto muito, mas na época eu não podia adivinhar que vocês eram casados. Este ano, se você quer saber, vim à casa da Rosane uma única vez, e foi quando ela me pediu encarecidamente para dar uma mãozinha ao ex-marido na pindaíba. Bem que tentei, não se lembra?

A bebida caiu mal no estômago vazio, e ao deixar o apartamento sem esperar pela Rosane, sinto tonteiras e me escoro na parede do hall. O elevador é uma cápsula de aço escovado, sem respiradouro, vedada como uma tumba, e chego ao térreo suando frio. No ímpeto de abrir a porta quase me estabaco no chão, pois o porteiro a abriu antes de mim.

20 de junho de 2019

Enquanto calçava a luva de látex na mão direita, o doutor me perguntou se eu acreditava em Deus. Numa vida após a morte, não acreditava? A finitude, perguntou como é que eu lidava com a finitude, e ao me ver meditativo em posição fetal, aproveitou para enfiar o dedo no meu rabo. A próstata estava com boa textura, esponjosa, um pouco dilatada, mas dentro dos parâmetros para a minha idade. Em seguida ele perscrutou meu saco e me perguntou se eu ainda pretendia deitar filhos no vasto mundo. Tenso, me preparei para novo toque retal, mas ele me mandou ficar de pé, tapar o nariz e soprar energicamente as costas da mão. Palpando meus testículos diagnosticou a presença de varicoceles, espécie de varizes na bolsa escrotal que podem levar à infertilidade, o que exames complementares atestariam se era o meu caso. Em caso positivo, a ligadura das veias varicosas seria um procedimento rápido, coberto pelo plano de saúde, e no mesmo dia eu deixaria o hospital, fecundo e faceiro. Acontece que uma nova paternidade estava fora dos meus planos, mesmo que eu me apaixonasse por uma mulher jovem, cheia de hormônios e parideira. Se pudesse, claro que eu casaria amanhã mesmo com tal garota, mas não para ela me dar um filho, e sim para ser a mãe amorosa do filho que já tenho. Na opinião do urologista, porém, mulher assim eu não encontraria nem numa outra encarnação.

Se acreditasse em Deus, eu me prostraria a Seus pés em graças por não me ter dado um filho com a Rosane. Depois Lhe acenderia uma vela pelo filho que tive da Maria Clara, com quem contava num futuro distante terminar meus dias. Na minha soberba, julgava que ela me aceitaria de volta quando eu bem entendesse, como meu pai sempre recebeu mamãe com a casa cheia de flores. Mulheres por certo não me faltarão, se algum dia eu vier a lançar este romance, mas como dar conta de um romance sem ter ao lado uma mulher como a Maria Clara? Que outra mulher vai aturar que eu a sacuda no meio do sono para me

destrinchar problemas de sintaxe? Qual mulher vai fingir assombro e me cobrir de beijos de madrugada por eu lhe revelar peripécias inéditas da minha narrativa? Em noites de abandono vou às putas, que pago em dobro para transar sem camisinha, quando não pago o triplo para não transar e fazê-las ouvir literatura. Se contrair uma doença, voltarei prontamente ao urologista, que aliás não deixa de ser um homem de letras; publicou uma tese sobre a perfusão de corpos cavernosos que prefaciei em permuta com seus honorários. Enquanto ele me manusear a glande, talvez eu lhe revele as peripécias do meu próximo capítulo.

21 de junho de 2019

Mar revolto, ondas fechadeiras, ventania de areia, e constato que o Agenor está a postos no mirante. Ocupado com seu binóculo, deve ter bastante serviço pela frente e não me vê passar no calçadão. Se visse, julgaria que estou de volta para casa e já não me avistaria quando derivo para a avenida Niemeyer com más intenções. Pego um mototáxi no acesso à favela, entro na casa escancarada e subo ao terraço, onde a Rebekka inteiramente nua dá cambalhotas na piscina. Tiro minha roupa e procuro imitá-la, mas ela me faz sinal para encher os pulmões e segui-la num mergulho vertical. Mais funda do que aparentava, a piscina desce pelos três andares da casa e mais e mais, é como se perfurasse o morro do Vidigal e a rocha que o sustenta, até se fundir com um rio subterrâneo que deságua no oceano. A luz da superfície ainda chega àquelas profundezas, onde me deslumbro com a nudez da Rebekka, que nada em parafuso à minha volta. Estaca de repente e me abre os braços, mas mal consigo tocá-la, seu corpo é escorregadio. Ainda não é a nossa hora, ela diz, exalando bolhas alfabéticas que não tardo a decifrar. Consultando o dicionário que lhe dei, nomeia peixes que não conheço, moreias, quimeras, peixes-pedra, e me protege das anêmonas venenosas que surgem das cavernas. À medida que descemos entre cardumes de barracudas e montanhas de corais, as cores vivas dão lugar a diversos tons de azul. No fundo do oceano vejo uma galé emborcada, cheia de tesouros e esqueletos, vejo tartarugas gigantes, vejo até a prancha do meu filho rente ao chão, mas aí a Rebekka me corrige. Trata-se de um tarpon fish, ou tarpão, ou pema, ou pirapema, ou camurupim, ou megalops atlanticus, um grande peixe prateado inerte feito uma sentinela à entrada de uma fenda no chão que a Rebekka azulada me aponta. A fenda é um túnel estreito e comprido por onde ela me guia devagar, os braços colados ao corpo, para evitar contato com o coral de fogo nas paredes. Ela me prepara para deparar com o deep blue, e à saída do túnel vejo se abrir um espaço infinito de

azul profundo. Tenho a impressão que estamos caindo num universo sem peixes, nem corais, nem chão nem nada. Só nos liga à vida a luz minguante do dia através do túnel por onde viemos, como uma lua num céu de pedra, uma estrela, uma faísca.

— Que tal morrermos juntos? — ela me pergunta com olhos arregalados, como a me propor um pico de morfina.

— Acho ótimo.

— Vamos descer para as fossas abissais.

— Vamos…

— Venha…

— Nunca me senti tão bem.

— Nem eu.

— É o amor?

— É a narcose.

Se pensasse em voltar, sinto que já não teria forças, nem diviso mais o túnel por onde aqui chegamos. Perdi toda referência espacial, e além da Rebekka só distingo o vulto de um homem azul-marinho que se aproxima, o Agenor. Pega a Rebekka pelos cabelos e começa a puxá-la sem encontrar resistência. Quero ir também, não estou a fim de morrer sozinho:

— Me salva de novo, amigo Agenor.

— Fica com Deus.

Entre monstros marinhos que me aparecem pela frente e esponjas carnívoras que me roçam os pés, soa absurdo o toque de um telefone. É o meu telefone de casa, que não para de tocar aqui nas fossas abissais:

— Alô.

— Duarte?

— Vem me salvar, Rebekka.

— Duarte?

— Eu.

— Duarte?

— Que bom acordar com a sua voz.

— Duarte, presta atenção.

— Sim, Rebekka.

— Venha ver seu filho.

Num papel afixado na porta de casa, a Rebekka me avisa que está na Igreja da Bem-Aventurança, rua 3, sem número. Perdido no labirinto de becos, sou orientado por um morador a dar meia-volta, virar a segunda viela à esquerda, depois a terceira à direita e seguir pela rua do valão até dar numa escada de ladrilhos. O valão é um canal cimentado por onde desce o esgoto a céu aberto, cujo fedor aparentemente só eu sinto. Pizzas, hambúrgueres, cachorros-quentes, refrescos e cervejas são vendidos em pontes de tábua improvisadas sobre o canal. Somando-se aos copos de plástico, garrafas PET e cascas de fruta, são despejados no esgoto ossos, escamas e vísceras do pescado de uma peixaria. Aleijados me pedem esmola, crianças me oferecem boquete, moleques compartilham um cachimbo de alumínio na escadaria que leva à igreja. Não há culto na igreja, onde a caixa de som irradia um rock progressivo dos anos 1970, com o solista cantando em falsete. O nome da música é Hocus Pocus, explica a Rebekka à mãe de Everaldo Canindé, enquanto o filho, aboletado num púlpito de acrílico com a inscrição Jesus, pena para reproduzir os vocalises do roqueiro. A mãe não se conforma, acha a música muito comprida e complicada, além de ser desconhecida e sem letra. É que para cantar rock 'n' roll o inglês do Everaldo não é bom, argumenta a Rebekka, ao que a mãe retruca que, com o maestro Fiorentino, o nego cantava até em alemão. Pois então vá procurar o maestro, protesta a Rebekka, desligando o som e embolsando o CD. O pastor Dinamarco intervém em favor da Rebekka, que está ali como voluntária, ao que a mãe revida que mais voluntário é o filho, que ainda não viu a cor de um cachê e passa fome nos ensaios. À saída da igreja a Rebekka quase tromba comigo, e vejo nela a mesma cara afogueada de quando discutiu com o Agenor por causa da barata. Não sei dizer se ela é bonita de rosto, ora mais, ora menos, mas esse tipo de judia

asquenaze sempre me fascinou. Também acho graça no seu jeito meio infantil de andar com os pés voltados para dentro, o que se acentua no piso irregular do morro. Ela me encaminha à horta atrás da igreja, onde encontro meu filho de cócoras a cavoucar a terra, enquanto o Faulkner se refaz da escalada do morro esparramado no meio dos repolhos. O menino havia saído bem cedo de casa com a mochila às costas e a prancha debaixo do braço, determinado a ir morar longe dali. Como não tinha amigos da sua idade, lembrou-se do cafofo do Agenor, e de nada adiantou a Rebekka lhe dizer que a mãe ia ficar triste, que àquela hora ele deveria estar na escola. A Rebekka acreditou que eu faria valer a autoridade paterna, mas sem erguer os olhos ele me comunica que à sua escola não volta de jeito nenhum, por causa do bullying. Dou risada, mostro como também guardo o pinto do lado contrário, mas aí fico sabendo que zoam o menino por ser filho de comunistas. Mesmo a namoradinha, que pegou várias vezes na sua piroca sem achar ruim, o trocou por um colega de turma ao saber que meu filho nunca foi à Disney. Digo que isso é um absurdo, comunismo nem existe mais, fora que já lhe prometi uma viagem às praias da Califórnia. Esses fedelhos repetem qualquer merda que ouvem em casa, mas se meu filho quiser, posso comparecer à próxima reunião de pais e professores com uma camisa da Seleção Brasileira. O menino, no entanto, tenciona se transferir para uma escola pública na favela, onde ninguém o recriminará por ter genes de comunista. Desta vez quem ri é a Rebekka, pois na favela, a começar pelo Agenor, comunista e bandido é tudo a mesma coisa. A fim de consolar o garoto, ela colhe na horta um punhado de beringelas, que serve em casa com tapioca. Já instalado no sofá vendo televisão, ele se regala com um balde de pipoca, quando de repente a sala escurece e o cão desanda a latir. Talvez atraído pelo cheiro do milho, um porco descomunal entrou no recinto, quase entalando no vão da porta. O bicho é inofensivo, assegura a Rebekka, que me pisca um olho e só recomenda ao meu filho que proteja o saco, porque porcos adoram comer os ovos de meninos. Ao vê-lo paralisado, a Rebekka enxota o porco e se prontifica a nos acompanhar de volta a casa, onde o visitará sempre que possível. Também se compromete a hospedar o

garoto na favela em fins de semana, desde que a mãe consinta e que ele aprenda a dormir de pernas fechadas.

2 de julho de 2019

No primeiro dia em que a Maria Clara e a Rebekka se defrontaram, olhei uma e outra não para compará-las, ao modo da Rosane, mas a fim de adivinhar como elas se viam. A Maria Clara não fazia ideia de quem fosse a guria que lhe surgia à porta, ao passo que a Rebekka na certa vinha curiosa de conhecer pessoalmente a mãe do meu filho e a casa onde nasceram meus romances. Para a Rebekka, a Maria Clara seria a admirável mulher multifacetada da qual eu extraía personagens femininas tão variadas e tão verazes para a minha ficção. A Maria Clara, por sua vez, estava farta de saber das escapulidas noturnas onde eu buscava inspiração para tais personagens, que eu ainda tinha o desplante de submeter à sua apreciação. Pelo bem da literatura, ou do nosso casamento, ela engolia em seco as passagens mais picantes dos meus originais, apenas corrigindo aqui e ali um erro de concordância, um barbarismo, um cacófato, como se ensinasse boas maneiras a mulheres da rua. Agora, porém, eu parecia pôr à prova sua complacência, ao lhe apresentar o modelo vivente da minha futura heroína, antes mesmo de estampá-la com as letras do nome Rebekka. Para piorar, a intrusa ainda se deixou levar pelo guri ao quarto dele, onde nos fechamos com o cão para ouvir o disco do Hocus Pocus. Foi a Laila quem procurou aproximá-las, batendo à porta e convidando a Rebekka a participar do dominó com a Maria Clara: a três é melhor. Durante a partida, entre um e outro assunto de mulheres, a Maria Clara sossegou um pouco ao se inteirar que a estrangeira era bem-casada com um negro parrudo chamado Agenor, a quem eu devia a vida.

A Rebekka voltou no dia seguinte, e no outro, e no outro, e com o tempo a Maria Clara teve de reconhecer que a judiazinha ajudou a assentar o facho do guri e recompor a harmonia do lar. Ele só não concebia retornar à escola, mas ao ser informada do que ali se passava, ela tomou as dores do filho e decidiu ir com a Laila tirar satisfações junto à diretoria. Até a Rebekka, que não era muito de

política, na última hora se juntou às duas, e lá foram elas de blusas vermelhas, customizadas com apliques de foice e martelo. Hostilizadas na rua e no ônibus que as conduziu, chegaram cuspindo marimbondos àquela escola de filhinhos de papai, que todo dia se perfilavam para cantar o Hino Nacional com a mão no peito. Foram recebidas por uma pedagoga que lamentou os incidentes mas se declarou impedida de reprimir os eventuais desafetos do meu filho, pois era sagrada a liberdade de expressão naquele estabelecimento. Então a Maria Clara a acusou de conivência com esse governo escroto filho da puta, cancelou a matrícula do guri, e a caminho de casa aventou a possibilidade de levá-lo para estudar em Lisboa, onde ele iniciaria o ano letivo já no próximo setembro. Refratário a princípio, meu filho foi seduzido pelas fotos de uma escola com quadra de esportes no Bairro Azul, mas ninguém se preocupou em pedir minha opinião. Ferido nos brios, perguntei à Maria Clara como ficava meu pátrio poder, pois no limite eu poderia até negar autorização para a viagem do menino, ou acioná-la na Justiça por sequestro de menor. Numa discussão mais ríspida, por pouco não lhe perguntei se o dr. Kovaleski aprovava a Laila como figura paterna, tão necessária à formação de um adolescente. A Maria Clara nem poderia bater na velha tecla do pai ausente, pois ela mesma já havia dito que ultimamente eu passava mais tempo na sua casa do que durante nosso casamento. Pelos risinhos sarcásticos da Laila, no entanto, percebi que já dava na vista a coincidência dos meus horários de visita com os da Rebekka; eu dispensava até a paleta de cordeiro dos domingos, ciente de que ela passava os fins de semana com o marido. Numa segunda-feira, após nossa chegada quase simultânea, a Laila teve a ideia de irmos todos à praia. Meu filho logo apanhou sua prancha e a Maria Clara se animou a pelo menos molhar os pés nas marolas. Já a Rebekka, depois de alguma hesitação, propôs que fôssemos à Barra da Tijuca, onde há ondas melhores que as do Leblon. O menino, porém, insistiu na praia de sempre, pois fazia tempo que não via o tio Agenor. A Maria Clara e a Laila, falando a uma só voz, manifestaram o desejo de conhecer o marido da Rebekka, a quem a Laila ofereceu um dos biquínis fio dental que tem no guarda-roupa.

O Agenor pareceu surpreso, se não contrariado, ao nos ver chegar em comitiva. Desceu do mirante, passou a mão na cabeça do meu filho, cumprimentou formalmente a Maria Clara e a Laila, e para mim e para a Rebekka reservou um oi. Já subia de volta ao seu posto, quando a Laila o reteve para se desdobrar em elogios à sua esposa, que os visitava todo santo dia, que era praticamente da família, que paparicava o menino e vivia a cantar um samba-canção para o Duarte:

— Como é mesmo, Rebekka?

— Agora não, Laila.

— Então canto eu:

Manhã, tão bonita manhã
Na vida uma nova canção…

A Rebekka não apareceu no dia seguinte, nem no outro, nem no outro, e passada uma semana deixei de ir à casa da Maria Clara, alegando urgência de concluir meu romance. Mentira, porque a escrita, que já vinha rateando havia tempo, agora permanecia em ponto morto. À praia não fui nunca mais, sequer descia à calçada, não ia a lugar algum. Comia qualquer besteira na cozinha e voltava para a cama, dormia, dormia, dormia noite e dia, sonhava com o presidente da República, só tinha pensamentos mórbidos. Tomei enjoo de notícias, desliguei para sempre a televisão e cancelei a assinatura do jornal, que continuavam a me entregar com promessas de descontos e brindes. Vagando morto de sono pelo apartamento, às vezes me pegava a examinar o revólver da Maria Clara, o cano curto, a agulha embutida, o tambor carregado, e foi num dia assim tenebroso que a Rebekka me telefonou. Havia subido ao apartamento da Maria Clara, que apenas lhe entreabrira a porta, pois estava ocupada com a Laila e o menino saíra com o cachorro. Para não perder a viagem, pensou em me fazer uma visita relâmpago antes de voltar ao Vidigal, onde tinha crianças à espera para a aula de inglês. Mal tive tempo de trocar o pijama por uma roupa mais ou

menos limpa, e lhe abri a porta envergonhado da minha figura, com olheiras fundas, barba por fazer e dentes amarelados de café. Creio, contudo, que devo ter correspondido à imagem que a Rebekka fazia de um escritor em transe, pois se mostrou desolada por interromper meu processo de criação. Insisti para que ficasse à vontade no sofá, onde cravou a vista no revólver esquecido sobre a mesa de canto; eu o havia adquirido para retratá-lo em minúcias no meu romance, assim me justifiquei. Um romance policial, ela apostou, mas eu não podia antecipar seu teor, porque dizem que dá azar desvelar um livro em gestação. Só não pude negar que a Maria Clara, quando casada comigo, de vez em vez espiava meus escritos, mas ela o fazia entre as nossas quatro paredes, onde o sigilo era garantido. Mesmo longe de pretender se equiparar à minha ex-mulher, a Rebekka se disse magoada pela minha falta de confiança em sua discrição. Então me desculpei, levei-a ao escritório, sentei-a na minha cadeira, e ela mal acreditou que eu abriria o laptop diante dos seus olhos. Quando o liguei, surgiu na tela uma das minhas páginas mais recentes, por acaso aquela em que meu narrador sonha com a Rebekka nua na piscina.

2 de setembro de 2019

O leitor que pagou por este livro tem o direito de me cobrar um relato dos meus encontros com a Rebekka ao longo do tempo em que nada registrei aqui. Pois bem, digo que nos vimos todo dia de semana, sempre dentro do horário de serviço do marido. Que não se ponha malícia onde não há, pois até hoje nada se passou entre nós que a Rebekka precisasse esconder dele. Ele devia até me agradecer por franquear à sua mulher o acesso aos originais de um veterano escritor; o privilégio de ser a primeira leitora, a desvirginante leitora de um romance de minha autoria, lhe deu um grande moral. Já na primeira página ela vislumbrou a tradução para o inglês não mais como um hobby, mas como um ofício estável que lhe garantiria o futuro no Brasil. Era como se o Brasil mesmo, até então uma espécie de passatempo aos olhos dela, enfim se efetivasse como seu país de adoção. Algum ciúme é natural que o Agenor sentisse, mas para manter seu casamento, ele não poderia exigir da esposa que nada fizesse de útil na vida senão ensinar inglês para crianças da favela. Do mesmo modo eu sentia ciúmes da Maria Clara quando ela levava dias trocando mensagens com autores estrangeiros, imersa na tradução de romances cativantes. Se tivesse a oportunidade, minha mulher também se sentaria a sós com um romancista num quarto de hotel a fim de desfazer mal-entendidos, esclarecer expressões idiomáticas, divergir, discutir olho no olho, rir, se emocionar, guardar longos silêncios diante do intraduzível. Com a Rebekka, porém, nem sequer me detive face a face durante estes dias. Embora inexperiente, ou provavelmente por isso mesmo, ela se abstinha de me consultar e ia traduzindo o livro à medida que o lia no computador. Chegava ao meio-dia com um caderno de espiral e uma caneta descartável, me dava dois beijinhos, e antes de sentar, levantava uma banda da minissaia para sacar uma bagana da calcinha. Acendia a guimba de olho no computador, dava umas tragadas até queimar os dedos, a seguir pegava a ler e

escrever sem pausa nem para um café. Eu me plantava às suas costas com a cabeça inclinada, para captar o vaivém dos seus olhos, para ler seus lábios a articular minhas palavras mudamente, enquanto ela traçava linhas tortas nas folhas sem pauta do caderno. Às três em ponto ela encerrava os trabalhos, se dizia cada vez mais apaixonada pelo livro, se despedia com um beijo no ar e não permitia que eu a acompanhasse. Eu a acompanhava em pensamento a caminho de casa, com as pernas de fora na subida do morro, onde ninguém se atreveria a mexer com a mulher do Agenor. No resto da tarde eu relia e treslia as páginas que ela havia lido, e que evidentemente me pareciam mais amáveis depois da sua passagem. De noite eu a figurava em sua cama à luz do celular, tentando decifrar os próprios garranchos no caderno, sabendo que naquele momento eu pensava nela, o maridão a roncar a seu lado.

No dia em que ela terminou sua tradução, achei que poderíamos gastar algum tempo com entretenimentos extraliterários. Mesmo não sendo muito chegado à maconha, eu fumaria um beque com ela no sofá, quando quem sabe trocaríamos confidências. Depois faríamos um lanche, tomaríamos um vinho, cantaríamos baixinho talvez de mãos dadas, mas isso não ocorreu, porque ela se despediu antes mesmo da hora habitual. Na expectativa de ler a continuação do romance, me deixaria livre nas próximas semanas, dedicado ao penoso trabalho solitário. Ora, um autor calejado como eu desconhece essas frescuras de bloqueio criativo, e me bastariam umas poucas horas para exprimir em palavras as ideias que não cessavam de fervilhar na minha cabeça. Foi o que eu disse a ela, que me fitou com um ar admirado, se deixou abraçar com o corpo colado ao meu e me prometeu voltar no dia seguinte à hora de sempre.

3 de setembro de 2019

A Rebekka chega antes da hora, saca uma bagana da calcinha e se ajeita em frente ao computador. Na tela, as linhas que escrevi de ontem para hoje:

Entre sonhos e vigília, varei a madrugada a lastimar a partida da Maria Clara para Lisboa, em companhia da sua amiguinha e do meu filho. Ninguém me tira da cabeça que a Laila desejava me segregar da família, justamente quando eu voltava a me entender com minha ex-mulher e mais me apegava ao menino. A mesma Laila que, sem dúvida, a proibira de ler as provas do meu novo romance, por saber que foi a literatura que nos uniu desde o início e nos conciliou nas piores crises do nosso casamento. Perversa, fez aflorar a paranoia latente da Maria Clara e a convenceu a buscar essa espécie de exílio em Portugal. Paranoia por paranoia, eu mesmo já tive ganas de me atirar debaixo da cama ao escutar o ronco de helicópteros a sobrevoar meu edifício de manhãzinha. Com o tempo, porém, fui perdendo o medo de chegar à janela para vê-los pairando a uma centena de metros, as portas abertas com policiais armados. Era esperável que eu me confortasse com a presença deles, que estavam de campana para proteger a vizinhança contra possíveis bandidos malocados nas matas ao redor. Cumprida essa missão, os helicópteros dobravam as montanhas em direção à favela, aonde em voos rasantes às vezes disparavam balaços de fuzil a esmo. Então eu pensava na Rebekka, que bem podia estar por ali a descoberto, cuidando da horta comunitária, ou saindo com as crianças de uma aula de inglês. A aflição que me tomava na sua ausência era como a do pai de uma garota imprevidente, tornando quase incestuosa a atração que ao mesmo tempo eu sentia por ela. Consciente de que ela também me queria, um dia tomei coragem e decidi lhe oferecer abrigo definitivo no meu apartamento, onde a manteria a salvo de tiroteios e de um marido possessivo. Quando ela encerrou o expediente e se dirigiu à porta falando com enlevo do meu romance, barrei seu caminho e a tomei nos braços. Repuxei

seus cabelos crespos e lhe sussurrei no ouvido que, se ela me aceitasse como seu homem, aquele seria seu novo lar. Sim, eu sonhava casar com ela no papel, como casei com a Maria Clara vinte anos atrás, e como nos tempos da Maria Clara, tornaria a escrever romances em profusão. Seria ela a mulher de feições cambiantes que inspiraria personagens tão variadas e tão verazes da minha ficção. Depois de ouvir minha declaração de amor, a Rebekka saiu

— A boba vai embora?

— Ainda não sei.

— Estou doida para ver.

— Vai ver amanhã.

4 de setembro de 2019

Ao entrar em casa, a Rebekka levanta a saia e custa um pouco a achar a bagana enfiada no elástico do biquíni fio dental. Apesar da chuva lá fora, diz que pretende ir à praia, mas não perderia por nada as cenas do próximo capítulo:

Depois de ouvir minha declaração de amor, a Rebekka saiu a caminhar pela sala com o tentador shortinho branco que me saltou aos olhos desde a primeira vez que a vi. Notou que as paredes careciam de pintura, até porque uma boa raspagem e uma demão de tinta são sempre benfazejas, quando o interior da casa está carregado de más recordações. Prosseguiu a inspeção pela cozinha, passou os dedos nas prateleiras, revirou minhas poucas panelas, tentou acionar eletrodomésticos obsoletos, jogou no lixo alimentos vencidos da geladeira. Cruzou o escritório, deu uma olhada no lavabo e perguntou pelo banheiro, que era contíguo ao quarto de casal no fim do corredor. A caminho estava um quarto sem móveis, onde eu prometera à Maria Clara hospedar nosso filho, e que a Rebekka pareceu medir com passos largos de parede a parede. No quarto de casal ela abriu os armários quase vazios, onde com certeza caberiam seus pertences, em seguida observou que ao lado da cama só havia uma mesinha de cabeceira. Passou o dedo debaixo da cama, entrou no banheiro para lavar as mãos e disse que ao lado do boxe havia espaço para futuramente instalar um ofurô. Depois de apontar sinais de infiltração no teto, foi conferir a vista da janela e achou uma maldade os gerânios murchos no peitoril. Dali tornou a costear a cama, onde enfim se sentou e deu uns pulinhos para testar o colchão. Foi quando me sentei com ela, arredei do seu pescoço os cabelos ruivos e soprei e mordi de leve sua nuca. Ela encolheu os ombros, mostrou o braço arrepiado e me chamou de bruxo, por descobrir seu ponto fraco.

— É ali mesmo, como é que você sabe?

— Olha só, seu braço agora se arrepiou de verdade.
— Sou superfã de literatura erótica.
— O melhor vem a seguir.

… seu ponto fraco. Aí se deitou de bruços, com destaque para suas belas nádegas, e me desafiou a adivinhar seu maior desejo. Não esperou minha resposta para dizer que desejava um filho meu, e justamente o que eu mais queria com ela era reconstituir uma família que me acompanhasse pela vida afora. Girou o corpo, aquele corpo, aquele corpinho, ergueu as pernas, puxou seu shortinho para o alto e

— Sacanagem parar logo aí.
— Amanhã tem mais.

5 de setembro de 2019

Rebekka entra de shortinho branco e corre para o computador sem se dar tempo de acender a bagana. Eu também estava ansioso, passei a noite antegozando este momento, levei horas de manhã a me ensaboar no banho. Nem sequer me preocupei em dar sequência ao meu romance, e ao vê-la sentada diante da página vazia, enfio os dedos entre seus cabelos e roço a língua na sua nuca. Ela se levanta num salto e se vira para mim com aquela cara afogueada que conheço:

— Ficou louco?

— Você não queria um filho meu?

— Você está confundindo tudo.

Aperta o caderno contra o peito e vai embora decidida. Antes de bater a porta, olha para trás para ver se a estou olhando.

25 de setembro de 2019

Querido,

Esta noite sonhei contigo. Esperavas por mim serenamente no meio da rua, onde mil trilhos de bonde se encruzilhavam, em uma cidade de teto envidraçado tal qual uma imensa galeria. Estavas bonito, elegante, vestias paletó e gravata como se fosses receber algum prêmio. Eu já me precipitava entre automóveis a fim de te beijar, quando me detive congelada, deparando um revólver na tua cintura; reconheci pela coronha a arma que comprei num momento de desatino. Preciso dizer que não é a primeira vez que desperto sobressaltada por ti, assim como tenho tido maus presságios recorrentes a teu respeito. Sei que te rirás de mim, pois fazes pouco de fenômenos paranormais, mas não poderás negar que compartimos alguns mistérios desde o início do nosso casamento. Deves te lembrar de como às vezes eu me punha a chorar à toa no quarto, sem saber que do outro lado da parede escrevias uma cena lancinante. Ou de como me abrias a porta de casa um minuto antes que eu chegasse, como um cão pressente a chegada da dona. Ou de como, após uma noite de amor, nos olhamos nos olhos e, falando ao mesmo tempo, adivinhamos que acabavas de me engravidar de um menino.

O guri tem-se adaptado rapidamente à vida em Lisboa, sobretudo por obra da Laila, que afinal caiu nas graças dele. É ela quem o leva e busca na escola, de onde saem a andar de charrete e a passear no Castelo de São Jorge. Tenho assim ganhado tempo para meus afazeres, já recuperada daquele entorpecimento que me tornava inútil. Hoje, por exemplo, eles tomaram o autocarro para as praias de Nazaré, onde a Laila anda embasbacada com o desempenho do guri no surfe. Estarei livre até a noite, e adoraria que me mandasses teu romance, ainda que inconcluso. Sei que não o enviaste à editora, pois o Petrus me tem sondado cada semana, com aquela inquietude que bem

conheces. Entretanto, eu te aconselharia a não lhe enviar os originais sem antes passarem por mim. Corrigir teus deslizes é tarefa para qualquer revisor, mas somente esta tua amiga está apta a aparar teus excessos, completar teus pensamentos, ou mesmo acrescentar parágrafos inteiros que porventura terás imaginado.

Notarás por estas linhas que a distância só me aproximou de ti. Não te assustes, contudo, pois como mulher estou muito bem servida, e está mais para maternal o sentimento que me inspiras. Manda notícias de vez em quando, os teus silêncios me angustiam. Conta-me por favor o que é feito do revólver que em boa hora levaste de mim. Espero que o tenhas jogado no lixo, ou num terreno baldio, ou no canal do Leblon. Se o tens em casa, rogo que te livres dele quanto antes, pelo amor do nosso filho.

Um beijo,

Maria Clara

— Duarte? Sou eu, Rosane. Que voz é essa? Parece um búfalo, sei lá, um búfalo nas catacumbas. Eu estou ótima. A novidade é que eu vou mudar de ares. Eu vou me casar na igreja, acredita? Que velho? O Napoleão já era, darling, eu vou me casar com o Piccolini. Piccolini, não conhece? É o maior pecuarista do Mato Grosso, se você quer saber. Que queimadas? Ah, nas terras dele não, graças a Deus. Nada, lá não tem mais o que queimar. Claro que eu não vou morar no Mato Grosso, Deus me livre. Nem ele, o Piccolini mora em São Paulo. Sim, semana que vem eu estou de mudança para a casa dele no Jardim América. Nosso casamento está marcado para 13 de dezembro, anota na agenda. Vai ser um festaço, vem toda a galera de Brasília. Deixa de preconceito, Duarte. Melhor não falar de política. Porque eu não liguei para brigar contigo, caceta. Escuta, Duarte, eu quero te ver. A minha casa está uma bagunça completa, só se salva o nosso quarto. Eu detesto ser piegas, mas enquanto eu arrumava as coisas, cada cantinho da casa me lembrava a gente. Puxa, não vai dizer que aqui não vivemos momentos maravilhosos. Pois é, então eu pensei que esta noite a gente podia

fazer uma festinha de despedida. Que governador? Qual ministro? Nem mulher de ministro, seu chato, é uma festa na cama só para nós dois. Ah, não sabe se quer? Então deixa para lá. Que pena, hoje eu estou como o diabo gosta. Esquece, eu vou procurar um outro. É, não vai faltar mesmo. Claro, pode até ser o seu amigo, por que não? Fala, eu estou ouvindo. É mesmo? Jura? Agora quem não quer sou eu, my dear. Vai ter que pedir muito. Repete. De novo. Do que é que você tem mais vontade? Espero às nove, você não vai se arrepender.

Mulheres, como as desgraças, vêm sempre uma atrás da outra, pode reparar. Nem bem me despeço da Rosane, é a Rebekka quem me liga. E agora? Com voz tremida, talvez arrependida de suas injúrias, ela me elege como confidente para se lamentar do marido. Segundo ela, sou a melhor testemunha de sua fidelidade ao Agenor, de como tem resistido com tenacidade aos impulsos do coração. De uns tempos para cá, no entanto, julgando-a arredia, ele começou a vigiar seus passos, suspeitando-a até de intimidades com traficantes na boca de fumo. No momento ela nem pode falar direito comigo, pois o Agenor tirou um mês de férias e está sempre por perto de orelha em pé. Ela precisou forjar uma conversão à fé cristã para se refugiar uma hora por dia na Igreja da Bem-Aventurança, onde aos poucos vinha digitando a tradução do meu romance no computador do pastor Dinamarco. Ontem por fim o imprimiu inteiro, guardou na mochila e esperou o marido dormir para se deliciar com a leitura na cama. Retomou-a tantas vezes do início, que a falta de um desfecho já lhe passava despercebida. Deve ter suspirado mais forte em algumas passagens, de sorte que o Agenor, que sempre dormiu como uma pedra, de repente acordou, arrancou o livro de suas mãos e bateu os olhos exatamente na página em que ela caminha pela minha casa de shortinho apertado. Leu o nome Duarte, leu o nome Rebekka, e as lições libidinosas do idioma inglês lhe permitiram compreender que o escritor estava de olho na bunda da sua mulher. Bronco do jeito que é, incapaz de distinguir ficção de realidade, rasgou o livro e deu uns tapas na cara dela que está ardendo até agora. Os tapas a Rebekka não perdoa tão cedo, mas em compensação pode reimprimir quando quiser o livro, preservado no

computador da igreja. É o que pretende fazer ainda hoje, pois faz questão de deixar uma cópia em minhas mãos, não só para que eu avalie seu trabalho, como também a fim de me animar a fechar o romance com um final feliz. Sugiro que deixe o livro na portaria, onde durante o dia há sempre um porteiro que ela já conhece. A Rebekka, porém, está determinada a vir ter comigo no início desta noite, quando o Agenor sai com os amigos para o futebol no Maracanã. Ela ainda descolou um skank para fumar ao meu lado calmamente, pois até uma da manhã o marido não estará de volta. Antes de desligar, sussurra que cogitou dar queixa dele na delegacia de mulheres, mas preferiu se vingar de outra maneira.

Abro um vinho da Borgonha, e pelo olfato já percebo que o calor do Rio não lhe fez bem. Num segundo gole, porém, o sinto mais tragável, e de qualquer modo a Rebekka não deve ser uma entendida, não estranhará seu azedume. À noitinha me lembro de tirar o telefone do gancho, me precavendo contra uma chamada da Rosane. Num eventual próximo encontro, eu jamais cairia na asneira de lhe dizer que, a exemplo dos bons vinhos, ela está cada dia mais apetecível. Ela, sim, saberia degustar um borgonha destes, e depois de muito bochechar, o cuspiria na minha cara. Arrebentaria todas as portas do apartamento, se soubesse que foi preterida por uma mulher mais nova. Seria difícil lhe explicar que com uma garota dessas não busco o prazer, mas a ilusão da minha própria juventude por alguns minutos recuperada. Uma vez transposto o reduto da Rebekka, porém, eu iria na certa querer de novo a Rosane, nem que tivesse que ir até São Paulo. Seu novo marido será com certeza tão liberal quanto o antigo, e já não tenho idade para me arriscar com mulheres de homens rudes. Fora que a Rebekka às vezes parece gostar de me fazer de otário, e com o avanço da noite já me arrependo do bolo que dei na Rosane. Do vinho só resta um retrogosto, e o anseio por Rebekka vai dando lugar à apreensão, daí à impaciência, daí ao mau humor, daí à indiferença, e já estou adormecido quando escuto o toque do interfone. Destravo o portão da rua sem dizer palavra, deixo a porta de casa encostada e torno a me deitar no sofá. Ela demora a subir, e já reengatei o sono

quando escuto uns passos, tacos de salto alto no chão de madeira. Quando abro os olhos, não é a Rebekka, é uma senhora refinada, a mais encantadora que já vi na vida, talvez uma vizinha com quem nunca dei sorte de cruzar. Olhando melhor, não é. É uma mulher que conheço bem mas que não vejo há anos. É mulher a quem realmente o tempo só fez bem. Não quero crer, mas é mesmo a minha mãe que se aproxima, me fitando com a cara muito séria, no claro intento de deitar comigo. Sentada na beira do sofá, ela abre os botões de pérola da sua blusa, me mostra os seios e os acaricia com lágrimas nos olhos. Depois levanta minha cabeça e com lábios gelados me beija a boca. Depois me faz o sinal da cruz.

28 de setembro de 2019

Em sua ronda pelo Edifício Saint Eugene, a dra. Marilu Zabala para no sétimo andar e atina com o mau cheiro proveniente do apartamento 702. Alerta o síndico, gastroenterologista aposentado, que não titubeia em identificar o odor cadavérico, e não de banheiro entupido como ela supunha. Com a chegada da Polícia Militar, a dra. Zabala se regozija secretamente de que, desta vez, o tal escritor não poderá evitar que lhe arrombem a porta. Ela também entraria no apartamento, se não fosse impedida pelo delegado que acabava de chegar, acompanhado de dois policiais civis. Em breve já se apinham no hall outros vizinhos, homens e mulheres com lenço na cara e crianças tapando o nariz. Ninguém ali se lembra de alguma vez ter visto no prédio o morador do 702, cujo nome nada lhes diz. É desconhecido até do vizinho de porta, o do 701, que reclama aos brados a remoção do defunto, pois a fedentina no seu apartamento está insuportável. Um policial lhe pede paciência até a iminente chegada da perícia, mas quem agora sai do elevador é um repórter, que exibe sua credencial e consegue autorização para registrar a ocorrência. A dra. Marilu Zabala indaga do policial que prerrogativas tem um jornalista para entrar num recinto vedado a uma juíza federal. É afastada da porta para a entrada do perito, que promete em breve liberar o corpo para o Instituto Médico Legal. Chegam em seguida dois bombeiros, e a dra. Zabala tira partido do entra e sai para se infiltrar no apartamento. O repórter sai e declara aos circunstantes que o óbito se deu por arma de fogo, sendo que as hipóteses de suicídio ou homicídio ainda serão investigadas. O do 701 agora se lembra de outra noite ter escutado um estampido próximo à sua janela, que atribuiu a um rojão de torcedor pelo gol do Flamengo. Retirada gentilmente pelo delegado, a dra. Zabala descreve a fisionomia do defunto, os olhos vidrados, a mandíbula torta e uma estranha coloração verde-escura. Não custa a circular no hall a informação de que o escritor do 702 era

mulato, apesar dos desmentidos da própria juíza, para quem nunca houve um inquilino afrodescendente no Edifício Saint Eugene. Os moradores fazem silêncio finalmente, quando o corpo sulfuroso deixa o apartamento dentro de um saco preto, sobre uma maca de aço carregada pelos bombeiros: dá licença, dá licença. Assim que eles descem pela escada, alguém comenta que crioulo, quando não caga na entrada, caga na saída.

29 de setembro de 2019

ESCRITOR ENCONTRADO MORTO
EM APARTAMENTO NO LEBLON

O conhecido escritor Manuel Duarte, 66, autor do best-seller O Eunuco do Paço Real, foi encontrado morto em seu domicílio no Leblon. Vizinhos acionaram a polícia às 6 horas da manhã de ontem, devido ao forte odor que emanava do local. Segundo a nossa reportagem, Manuel Duarte estava estendido no sofá da sala com um ferimento na têmpora direita. Próximo à sua mão direita havia um revólver caído no assoalho. Não se viam sinais de arrombamento ou de luta corporal no apartamento e na mesa de centro havia um copo e uma garrafa de vinho vazios. Aparentemente o escritor teria cometido suicídio, mas o delegado Durval Serapião da 14ª DP não descarta a hipótese de latrocínio. Não foram encontrados na residência objetos de valor, nem bilhetes ou cartas que justificassem o ato, como é frequente entre suicidas. Também chamou a atenção a ausência de arquivos ou correio eletrônico no computador, via de regra ferramenta de trabalho de escritores.

MISTÉRIO

Segundo o delegado Serapião, a arma de calibre 38 está registrada em nome da primeira mulher do escritor, a tradutora Maria Clara Duarte, não localizada pela polícia. A informação de que ela estaria foragida, divulgada num programa radiofônico, foi desmentida pelo delegado com base em telefonema de São Paulo do editor Petrus Müller. De acordo com este, a tradutora se encontra acamada sob o efeito de sedativos em sua residência em Lisboa, onde se estabeleceu no início deste mês. Também ex-mulher do romancista, a arquiteta e designer Rosane Duarte, muito abalada, refuta a hipótese de suicídio. Afirma que mantinha excelentes relações com Duarte, que gozava de boa saúde, amava a

vida e fazia projetos grandiosos para o futuro. A afirmação é corroborada pelo editor Petrus Müller, que aguardava para breve os originais de um novo romance de Duarte, a ser lançado possivelmente ainda este ano em edição póstuma. Por outro lado, um conhecido advogado, amigo de infância do escritor, revelou sob a condição de anonimato que ele carregava o trauma da perda do pai, que se matou igualmente com um tiro na têmpora. Para o psiquiatra Isaac Kovaleski, ouvido pela reportagem, a literatura científica não reconhece propensões genéticas para o suicídio, mas uma fragilidade emocional hereditária pode ser apontada como importante fator de risco.

CARREIRA

Manuel Duarte nasceu no Rio de Janeiro em 12 de julho de 1953. Era filho do desembargador Eufrazio Duarte Neto, renomado jurista, e de Mildred Duarte, do lar. Na juventude, participou de movimentos de oposição à ditadura militar. Trabalhou esporadicamente em publicidade e jornalismo, mas sempre sonhou com a carreira literária, conforme declarou em 2002 em entrevista a este jornal. Publicou em 1999 a coletânea de poemas Elegia a M. C., edição do autor. Mas foi na prosa que se notabilizou, a partir de 2000, com o romance histórico O Eunuco do Paço Real, seguido de outros onze títulos.

Além de incontáveis amigos e admiradores, Manuel Duarte deixa um filho, fruto de seu primeiro casamento. Até o fechamento desta edição não havia informações sobre o velório e o sepultamento do escritor.

AGRADECIMENTOS

Maria Emilia Bender

Dr. Ricardo Cerqueira
Dr. Edson de Souza Milagres

Carol Proner

FE PINHEIRO

FRANCISCO BUARQUE DE HOLLANDA nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Compositor, cantor e ficcionista, publicou, além das peças *Roda viva* (1968), *Calabar* (1973), escrita em parceria com Ruy Guerra, *Gota d'água* (1975), com Paulo Pontes, e *Ópera do malandro* (1979), a novela *Fazenda modelo* (1974) e os romances *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009) e *O irmão alemão* (2014).

O IRMÃO
ALEMÃO
CHICO BUARQUE
COMPANHIA DAS LETRAS

O irmão alemão

Buarque, Chico
9788543802237
240 páginas

Compre agora e leia

A partir da memória e da história familiar, Chico Buarque constrói romance sobre a busca obsessiva do autor/narrador por um irmão desconhecido, misturando as fronteiras entre ficção e realidade.Na São Paulo dos anos 1960, o adolescente Francisco de Hollander, ou Ciccio, encontra uma carta em alemão dentro de um volume na vasta biblioteca paterna, a segunda maior da cidade. Em meio a porres, roubos recreativos de carros e jornadas nem sempre lícitas a livros empoeirados, surgem pistas que detonam uma missão de vida inteira. Ao tentar traçar o destino de seu irmão alemão, parece também estar em jogo para o narrador ganhar o respeito do pai, que, apesar dos arroubos intelectuais de Ciccio, tem mais afinidade com Domingos, ou Mimmo, seu outro filho, galanteador contumaz, leitor da Playboy e da Luluzinha, e sempre a par das novas sobre Brigitte Bardot. A despeito das tentativas de mediação da mãe, Assunta - italiana doce e enérgica, justa e com todos compreensiva -, a relação dos irmãos é quase feita só de silêncio, competição e ressentimento.Num decurso temporal que chega à Berlim dos dias presentes, e que tem no horror da ditadura militar brasileira e nos ecos do Holocausto seus centros de força, O irmão alemão conduz o leitor por caminhos vertiginosos através dessa busca pela verdade e pelos afetos.

Compre agora e leia

Companhia Das Letras
A VIDA
INVISÍVEL
DE EURÍDICE
GUSMÃO
MARTHA
BATALHA

A vida invisível de Eurídice Gusmão

Batalha, Martha
9788543805658
192 páginas

Compre agora e leia

Feito raro para um romance de estreia, este livro é festejado internacionalmente antes de chegar às livrarias brasileiras, com os direitos já vendidos para mais de dez editoras estrangeiras.Rio de Janeiro, anos 1940. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. A trajetória das irmãs Gusmão em muito se assemelha com a de inúmeras mulheres nascidas no Rio de Janeiro no começo do século XX e criadas apenas para serem boas esposas. São as nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais do primeiro romance de Martha Batalha. Enquanto acompanhamos as desventuras de Guida e Eurídice, somos apresentados a uma gama de figuras fascinantes: Zélia, a vizinha fofoqueira, e seu pai Álvaro, às voltas com o mau-olhado de um poderoso feiticeiro; Filomena, ex-prostituta que cuida de crianças; Luiz, um dos primeiros milionários da República; e o solteirão Antônio, dono da papelaria da esquina e apaixonado por Eurídice. Essas múltiplas narrativas envolvem o leitor desde a primeira página, com ritmo e estrutura sólidos. Capaz de falar de temas como violência, marginalização e injustiça com humor, perspicácia e ironia, Martha Batalha é acima de tudo uma excelente contadora de histórias. Uma promessa da nova literatura brasileira que tem como principal compromisso o prazer da leitura.

Compre agora e leia

Julián Fuks
A OCUPAÇÃO
Companhia Das Letras

A ocupação

Fuks, Julián
9788554516000
136 páginas

Compre agora e leia

A ocupação de um prédio no centro de São Paulo, um pai fragilizado pela doença e a perspectiva da própria paternidade estão no cerne deste romance que fala, sobretudo, de perda e de resiliência.Depois do romance A resistência, vencedor de prêmios tão prestigiosos quanto Jabuti e Saramago, e elogiado pela crítica brasileira e internacional, Julián Fuks retorna a seu personagem alter ego Sebastián em A ocupação. Construída em capítulos breves, a narrativa se alterna entre os encontros do escritor com alguns moradores de um edifício ocupado no centro de São Paulo — e as histórias que lhe contam —, o temor da perda do pai hospitalizado e as expectativas em torno da gravidez de sua mulher e de uma possível paternidade. Com uma prosa impecável, o escritor paulistano nos enreda nessas diversas formas de ocupação, que revelam a fragilidade da vida, o risco da solidão e as muitas brutalidades em que o presente nos imerge.

Compre agora e leia

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS
COMPANHIA DAS LETRAS

Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi
9788543801728
24 páginas

Compre agora e leia

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de Sejamos todos feministas, ensaio da premiada autora de Americanah e Meio sol amarelo. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

Compre agora e leia

BENJAMIN MOSER

SONTAG

VIDA E OBRA

Sontag

Moser, Benjamin
9788554515973
704 páginas

Compre agora e leia

O retrato definitivo de Susan Sontag, uma das intelectuais mais importantes do século XX: sua escrita e seu pensamento radical, seu ativismo público e sua vida privada pouco conhecida.Susan Sontag é uma escritora que representa como ninguém o século XX americano. Envolta em mitos e incompreendida, louvada e detestada, ela foi uma menina dos subúrbios que se tornou símbolo do cosmopolitismo. Sontag deixou um legado intelectual que abrange uma imensidade de temas, como arte e política, feminismo e homossexualidade, medicina e drogas, radicalismos e fascismo, e que é uma chave indispensável para entender a cultura da modernidade.Nesta biografia, Benjamin Moser (autor de Clarice, uma biografia) conta essas histórias e examina o trabalho sobre o qual a reputação de Sontag se construiu. Ele explora a angústia e as inseguranças por trás da formidável persona pública e mostra suas tentativas de responder às crueldades e aos absurdos de um país que tomava um rumo equivocado, com a convicção de que a fidelidade à alta cultura era um ativismo em si. Com centenas de entrevistas e quase cem imagens, este é o primeiro livro que tem como fontes os arquivos privados da escritora e várias pessoas que por muito tempo não se manifestaram sobre Sontag."O feito de Benjamin Moser é de tirar o fôlego." — Rebecca Solnit"Nesta biografia brilhante e há muito aguardada, Benjamin Moser nos mostra como ler Sontag […] e revela a extensão e os limites do seu gênio." — Chris Kraus, autora de Eu amo Dick"A biografia monumental de Benjamin Moser revela a história supreendentemente dócil, insegura, simples e a dedicação intelectual de uma das figuras literárias mais notáveis que surgiram no século XX americano." — Stephen Fry

Compre agora e leia